



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO**

LILIAN APARECIDA CENCI PERBONI

**AS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS NIETZSCHIANAS PARA A
EDUCAÇÃO**

**Cuiabá-MT
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO**

LILIAN APARECIDA CENCI PERBONI

**AS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS NIETZSCHIANAS PARA A
EDUCAÇÃO**

**Cuiabá-MT
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO**

LILIAN APARECIDA CENCI PERBONI

**AS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS NIETZSCHIANAS PARA A
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação, na Área de Concentração Formação de Professores e Organização Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Cleomar Ferreira Gomes

**Cuiabá-MT
2009**

P426i

Perboni, Lilian Aparecida Cenci.

As implicações filosóficas nietzschianas para a educação. / Lilian Aparecida Cenci Perboni – Cuiabá (MT): A Autora, 2009

91 p.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Cleomar Ferreira Gomes.

Inclui bibliografia.

1. Nietzsche. 2. Educação. 3. Filosofia. I. Título.

CDU: 37.013.73



Universidade
Federal de
Mato Grosso

Programa de Pós-Graduação em Educação

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFMT

LILIAN APARECIDA CENCI PERBONI

Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos

Examinador Externo (USP)

Profa. Dra. Simone Albuquerque da Rocha

Examinadora Interna (UFMT)

Prof. Dr. Cleomar Ferreira Gomes

Orientador (UFMT)

Cuiabá, 30 de julho de 2009.

Nossos mestres. – Quando jovens, tomamos nossos mestres e orientadores do tempo em que vivemos e dos círculos que deparamos: temos a irrefletida confiança de que o presente terá mestres que valem mais para nós do que para qualquer outro, e de que os acharemos sem muito procurar. Por essa infantilidade temos de pagar caro depois: temos de expiar nossos mestres em nós. Então iremos buscar os orientadores certos pelo mundo inteiro, inclusive o mundo do passado – mas talvez seja tarde demais. E, no pior dos casos, descobrimos que eles viveram na época de nossa juventude – e que então nos equivocamos.

Nietzsche

DEDICATÓRIA

Para

Meus amores incondicionais: Jean e
Yamack Perboni.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio aos meus estudos;

À Cleomar Gomes Ferreira, orientador e grande amigo;

Aos colegas do mestrado;

Aos meus professores;

À Silas Borges Monteiro;

Ao Professor Marcos Ferreira Santos, que é de uma nobreza admirável e rara;

À Mariana, Luíza e Jeison pela dedicação e carinho;

À minha querida Professora, Simone Albuquerque que respeito e admiro muito;

Aos meus irmãos, Marcos e Aline por estarem sempre por perto;

Ao meu pai, que mesmo longe há muito dele em mim;

À minha mãe, que sempre esta presente;

À Luana, sempre disponível e amiga;

Aos meus sogros Ivo e Albina Perboni;

A Idair Perboni, Sandra Perboni, Junior Perboni, Sabrina Perboni e Rafael Perboni.

À Simony Jin, com quem aprendi que ciclos se fecham.

Aos meus amigos, Josete e Raquel Rockenbach, Vanusa, Sanelly Coelho, Denise Pucci, Lucia Pucci, Marilene (Livraria Janina), Leandro (Livraria Janina), Afonso e Tati (Wizard), Gislaine Souza, Ronildo Jacob, Itanei Sauder, Karine Rennó, Isabelli Rennó, Niara, Alexandre Krizek, Lucas Koester, Klaus Medeiros, Tânia, Luciano Ferrari, Jane Cury, Amadeu Ferrari, Jeani, Thiago e Arthur, e Diego Cerutti da Cruz.

RESUMO

Esta pesquisa busca no trabalho intelectual do filósofo Nietzsche, as suas principais implicações filosóficas a respeito do tema da educação. Este por ser um crítico veemente em sua época, nos traz ferramentas preciosas para a análise de nossas instituições de ensino atuais ao compreender que Educação e Cultura são inseparáveis, pois propõe homens superiores para o ensino e que priorizem a singularidade peculiar de cada um existir. A pesquisa por ser bibliográfica tem por objetivo contribuir através da análise das obras nietzschianas a experiência educacional por ele vivida na Alemanha e pensada para as gerações vindouras sobre a educação. A metodologia utilizada foi contrapor o passado e o presente em seus escritos para percebermos a decadência do ensino e a necessidade de que o homem se voltasse a criar novos valores e a não se conformar em simplesmente receber e reproduzir. Para complemento deste estudo buscou-se referências teóricas como Dias, Frezzatti, Marton e outros. O resultado que obtivemos condiz em um Nietzsche filósofo educador que criticou as instituições de ensino, acreditando ser a educação filosófica a verdadeira arte que forma. Assim, a importância do presente estudo se desenvolve no fato de Nietzsche demonstrar como é possível alguém através de uma educação lapidada e não utilitária se tornar o que é.

Palavras-chave: Nietzsche. Educação. Filosofia.

ABSTRACT

This research seeks in Nietzsche's philosophical intellectual work, his most important implications on education matters. He, for being a great critic of his time, gave us precious tools to analyze our current educational institutes to make us understand that education and culture are closely related, and can it be separated, because he proposes superior men to the teaching that prioritize the uniqueness of each one's being. The bibliography research has as its objective to contribute through it Nietzsche's work analysis the educational experience he lived in Germany and thought to the upcoming generations related to education. The methodology used contrasted the past and present in his writings to make us realize the decadence of teaching and the need that men could turn to create new values and do not get used to simply receiving and reproducing to complement this study, we have searched theoretical references such as: Dias, Frezzatti, Marton and others. We had as a result a confirmation of a philosopher and teacher Nietzsche that criticized the educational institutes believing that the philosophical teaching is the art that builds men. Thus, the importance of the present work develops on the fact that Nietzsche demonstrate how possible it is for some one be educated through a useless and rude education.

Key-words: Nietzsche. Education. Philosophy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 INSTITUIÇÕES DE ENSINO.....	17
3 EDUCAÇÃO FILOSÓFICA: A ARTE QUE FORMA.....	38
4 COMO ALGUÉM SE TORNA O QUE É: O AMOR DE SI.....	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

A idéia primordial deste trabalho nasce na minha graduação do Curso de Filosofia desta Instituição. Durante o curso ouvíamos dos professores que a profissão filósofo não existia e sim ‘Professores de Filosofia’, o que acarretava mais desconforto ainda, pois, quem quisesse seguir os passos de um educador deveria optar pela licenciatura. Então para mim a pergunta não queria calar: aos que não optaram pela licenciatura os denominariam como? São filósofos? São educadores? Ou de nada adiantava se formar em filosofia? Em um mundo capitalista e de formação cada vez mais técnica para quê serviria um filósofo? Talvez perguntas aparentemente simples e sem muita valia, mas que infelizmente tem perturbado estes estudantes que dedicam-se horas a imensas bibliografias.

Após estes três anos de minha formação ainda me sinto desconfortável. Por este motivo tenho tentado compreender na própria instituição o porque de alguns dos meus professores de graduação se afastarem do tema ‘Educar’, afinal eu me pergunto: eles estão fazendo o quê ao proferirem suas aulas? Sinceramente eu não conseguia entender onde se encontrava esta cisão entre a educação e a filosofia, inclusive na própria ‘Educação’. Assim, buscando autores filosóficos, foi a posição do filósofo Nietzsche que me chamou atenção. Conseqüentemente, após a leitura de sua obra “Escritos sobre Educação”, não tive mais dúvida em lapidar o trabalho a golpes Nietzscheanos.

A escolha do método de caráter bibliográfico pauta-se no pensamento afirmativo, o que significa dizer o grande *Sim* a existência, e o grande *Não* a tudo que for negativo aos olhos do nosso filósofo. Então, a partir daqui, teremos a interpretação e a crítica a novos valores como eixo deste trabalho. Porém, este método não está fechado em si apontando a melhor e a verdadeira direção, já que viver implica nestas concepções leveza do existir, do pensar e do criar. Como esclarece Deleuze (2001, p.165-6), “não um método, mas uma Paidéia, uma formação, uma cultura”. E será dentro do conceito de vontade de potência que realizaremos este processo.

Nietzsche, por ser o filósofo dos valores e dos sentidos, nos traz uma filosofia de pluralidades e de diferentes perspectivas. Pois, estas manifestam-se nas forças que delas se apropriam e no resultado que pretendemos alcançar. Ordenar esses interesses é o que o conhecimento impõe para que a mesma se torne objeto primordial da vontade de potência, isto é, que seja a vontade formadora o atributo de se fazer experimentos com o pensar, como este já o afirmava.

Desta forma, a pesquisa visa resgatar e contribuir aos estudos contemporâneos a atualidade dos textos e do conceito nietzschiano sobre o tema da educação. Nietzsche por ser um crítico veemente e um extemporâneo analisa os estabelecimentos de ensino, os seus interesses e possíveis conseqüências do ensino proferidos por elas. Na Alemanha do seu tempo (1870) realizava dura crítica a área da educação. Segundo ele, ela voltava-se aos adestramentos que possuíam como finalidade última à ‘educação da utilidade’, e não uma formação para a vida, para o “tornar-se o que é”.

Acredito ser atributo de um intelectual questionar e diagnosticar a sociedade do qual esta inserido, ou pelo menos deveria ser. O que remeteria tão somente a uma atitude que gera um movimento do saber, de novas metas, e a prioridade de um pensar para a ação, reconhecer singularidades no existir, atitudes mais concisas que poderiam vir a modificar as respostas e o comportamento que procuramos desesperados em prol do educar. Assim, teremos em Nietzsche um pensador que não se limitou a buscar estas respostas. A solução poderia estar na procura em diferentes vertentes como na biologia, na física, na poesia, na literatura, nas artes e na música. Suas indagações eram muito mais refinadas do que o próprio sistema do qual estava observando.

Brum (1986, p.11-12) observa que, desde Charles Andler, o mais detalhado e abrangente comentador-historiador da vida e obra de Nietzsche, tentou-se dividir em períodos esta obra multifacetada. Comumente, três períodos eram considerados, correspondendo às fases de desenvolvimento do pensamento nietzschiano:

1º *Pessimismo romântico* (1869-1876) – Período em que Nietzsche, ligado às idéias de Wagner e Schopenhauer, constrói uma metafísica estética que procura justificar a filosofia de seus mestres.

2º *Positivismo cético* (1876-1881) – Período de ruptura com os antigos ideais românticos e metafísicos. Influenciado pelos moralistas franceses e pelo utilitarismo inglês, Nietzsche denuncia o caráter humano, demasiado humano das filosofias transcendentais e cultua a “liberdade de espírito”.

3º Período de reconstrução (1882-1888) – Libertado do ideal iluminista, Nietzsche alcança a fase de sua filosofia onde a afirmação da vida é o supremo valor. Este período, em que as oposições anteriores se desfazem em uma síntese afirmativa, tem em *Assim Falava Zaratustra* sua obra principal (BRUM, 1986, p.11-12).

Mesmo diante do lamentável quadro que a educação alemã se encontrava, Nietzsche acredita na educação e principalmente nos homens superiores. E será por este nobre motivo, que se voltará aos estabelecimentos de ensino de sua época, com críticas fortes e concisas em relação a formação propriamente utilitária. Morey (2005, p.25-6) nos apresenta um relato do seu mestre

de filologia Ritschl da Universidade de Leipzig, “quando percebo em um jovem um talento que começa a despontar, chamo-o em privado. Dirijo-lhe um discurso que não tem nada de terno e concluo: ‘Você pode, logo deve’. Raramente esse sistema fracassa”. E realmente, mesmo aos que não são leitores assíduos de Nietzsche, percebem que ele foi um grande educador. E o principal atributo deste educar, é perceber em si, em primeiro lugar, qual eram os seus gostos e aptidões. E foi assim que concluiu, que o acúmulo de conhecimento de nada adiantaria desvinculado de um sentido de vivenciar e de experimentar. Conseqüentemente, desqualificará o ensino acadêmico de sua época, por priorizar somente as teorias. Pois elas tornam os homens fracos, já que desassociam corpo e espírito e nada criam.

Experiências com a vida, com a escrita, e com a possibilidade de sempre se aprender são atos de comunicação com o corpo, com as nossas elaborações mais ricas e significativas possíveis. Fazer experimentações, permitir às mãos que elaborem livremente o que o pensamento flui, é apreender significações. Ou seja, estas atribuições se dão por aqueles que se aniquilam, que ressurgem todos os dias de dentro de si e que interpretam as entrelinhas sempre em direção a novas perspectivas, e que entendem o corpo como imbricado a este processo. E é exatamente por contrapor o passado com o presente, que ao analisar a educação a partir dos gregos, ressalta que em nada condizem com a experiência da vida dos indivíduos de seu tempo, ou seja, sempre estão fora deste tempo do qual estão inseridos.

Para Nietzsche, uma educação para o corpo e o espírito são os alicerces para a arte do bem viver. São valores que estão interligados com o mundo possível, com a existência possível. E era exatamente isso que a Alemanha da qual Nietzsche discorre não realiza, já que ganhar dinheiro seria o requisito principal. Assim, o gênio, o criador de novos valores será substituído por aquilo que Nietzsche chamará de três egoísmos, como demonstraremos no decorrer do trabalho.

Entretanto é a previsibilidade dos nossos atos que contribuem para a nossa domesticação. Enfim, a moral sempre quer velar aquilo que seduz com maior afinco as nossas reais convicções. A partir disso os empecilhos que se encontram ao tentar consolidar nossas forças, sempre estarão presentes em pele de cordeiro, já que nos habituamos aos parâmetros institucionais apontado pelo nosso autor.

Por este motivo, continuando o embate, trabalhei no primeiro capítulo “As Instituições de Ensino”, o diagnóstico nietzschiano que até os nossos dias se tornam tão presentes. Através

desta análise ele nos fornece ferramentas precisas para indagarmos os nossos estabelecimentos de ensino atuais, pois as transformações estariam clamando por quais esforços? Tentativas? Sentidos? Questionamos as transformações, a autonomia, as habilidades e no final de nossas perguntas sempre a mesma resposta: aprender a reaprender. Mas o quê? Ainda desvinculamos a sala de aula de nossas vivências? Gostos, aptidões? E os ditos mestres, os gênios, os filósofos ainda existem? Sabemos o que é arte, literatura, poesia, música? Em que momento nos perguntamos em “*como nos tornamos o que somos?*”.

Para a compreensão destas perguntas busquei as respostas em referências teóricas como Ansell- Person (1997), Marton (1983), Derrida (1984), Klossowski (2000), Schopenhauer (2001), entre outros.

No segundo capítulo, “Educação filosófica: a arte que forma” analisei como Nietzsche diferencia os conceitos extremamente debatidos durante gerações, que são os de educação (*Erziehung*) e formação (*Bildung*), pois, são para Nietzsche os pressupostos primordiais para engendrar o gênio. Este não possui características fixas, seus impulsos ou forças são hierarquizados, ou seja, ele luta por mais potência. O homem para Nietzsche é criador de valores. São humanos demasiados humanos. São homens propensos a criar suas próprias concepções e novos valores. Por este motivo que a sua crítica se pautará na dependência desmedida dos que estão conformados em simplesmente receber e reproduzir. A finalidade de sua crítica será abalar os fundamentos e criar fissuras nas estruturas, mostrando o porque que ainda acredita em uma educação filosófica. Este é o convite que Nietzsche nos faz de forma filosófica para efetivar neste capítulo. Assim, autores como Machado (1999), Frezzatti (2006), Langellotti (2001), Türcke (1993), Macedo (2006) entre outros complementam esta busca filosófica.

No terceiro capítulo e último “Como alguém se torna o que é: o amor de si” discorri como Nietzsche delinear a vida nas entrelinhas do pensamento, e prezar por aqueles que serão criativos em suas singularidades. O processo fisiológico caracterizará todo o empreendimento para a efetivação do conhecer. Em *Ecce Homo* não procurará exemplos virtuosos de um eu, não ensinará de forma pronta e acabada “*Como alguém se torna o que é*”, mas esclarecerá através do seu próprio ímpeto a idiossincrasia do seu ser, do seu vir-a-ser. Longe de se tornar uma verdade, Nietzsche convoca os seus leitores através de um discurso que requer desconfiança de si. Elegerá a importância do clima, do lugar, da alimentação, da distração e de tudo o que sempre foi considerado como simples, exatamente por serem “[...] inconcebivelmente mais importantes do

que tudo o que até agora tomou-se como importante” (NIETZSCHE, 1995-b, p.50-51). Portanto, vislumbrar a leveza no educar é um dos ornamentos nietzschianos. E autores como Oliveira (2007), Marton (1993), Alves (2007), Hayman (2000), Bonaccini (2004), Rocha (2006), e outros complementam esta busca nietzschiana.

2 AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

“Todo vivente necessita de uma atmosfera à sua volta, de uma névoa completamente misteriosa; quando lhe retiramos este invólucro, quando condenamos uma religião, uma arte, um gênio, a girar como um astro sem atmosfera: então não devemos nos espantar mais se ele rapidamente se tornar árido, rígido e infrutífero”.

Nietzsche (2003-c)

Transformações é o que esta acontecendo na Alemanha do século XIX, e a este respeito Ansell-Person (1997) elucida que

[...] como o historiador alemão Golo Mann observou, a Alemanha de Bismarck não foi instituída sobre os elevados princípios da filosofia política, como no caso da fundação da união americana, mas sobre o pragmatismo brutal. A fundação do Reich alemão não foi precedida por deliberações filosóficas sobre a natureza do homem e da sociedade, mas por guerras, anexações, alianças e um parlamento aduaneiro montado pela chantagem. Bismarck chegou ao poder anunciando que ia à política dos “discursos e resoluções” um estado de “ferro e sangue”.

Nietzsche escreveu seus livros e adotou sua filosofia dionisíaca durante a época da Alemanha de Bismarck. Tinha 17 anos quando Bismarck chegou ao poder, e sucumbiu à loucura um ano antes do Chanceler de Ferro ser destituído do posto. Sua educação em Schulpforta foi clássica e liberal. O diretor da escola era um forte partidário do reflorescimento do liberalismo, que entendia como uma combinação do ideal da *Bildung* (que denota um esforço pessoal pelo crescimento interior) com o nacionalismo cultural como formulado por Johann Gottfried Herder (1744-1803). Os professores de Nietzsche foram clássicos-liberais no sentido de que se identificavam com as tradições do classicismo de Weimar e sintetizavam o nacionalismo prussiano da metade do século. Nietzsche foi também formado pela revolta contra sua educação religiosa. Uma geração anterior pôde definir seu rompimento com o pietismo como uma heróica luta interior. Mas, com o recuo universal do pietismo nas décadas de 1850 e 1860, isso já não era possível. Da mesma maneira que outros rebeldes da metade do século educados na tradição pietista, como Strindberg e Van Gogh, Nietzsche percebeu que era difícil firmar sua luta com a religião. Tendo testemunhado o colapso da autoridade clerical em 1848, eles atingiram a maioria em período de rápida descristianização entre os protestantes. O fracasso da política religiosa garantia que a questão crucial que se apresentava a Nietzsche e seus contemporâneos era a da secularização. Um biógrafo assinala, refletindo sobre a angústia espiritual que acometeu a geração de Nietzsche, que “a secularização ameaçava deixá-los deslocados e sem raízes, mas incitava-os para a frente com a alternativa de uma identidade pós-religiosa, como os primeiros dos ‘novos homens’”. O desenvolvimento do jovem Nietzsche caracterizou-se por uma reorientação simultânea nas frentes política e religiosa (ANSELL-PERSON, 1997, p.37-38).

É neste cenário que Nietzsche constata que, “[...] de um lado, a situação de miséria cultural e, de outro, a crença amplamente difundida de que existe a verdadeira cultura” (MARTON, 1993, p.18). O ensino em sua época, não diferente do ensino da nossa, estava pautado em profissionalizar os jovens de modo rápido e eficaz. Cultura passa a ser sinônimo de dinheiro, o que dentro da economia significa que quanto mais conhecimento se adquire, mais dinheiro o Estado teria. O estudante passa a ser este boneco de ventríloquo manipulado por tantos outros bonecos que o Estado controla. Não pensa, não sente, não entende por si mesmo. Se acusar os seus preceptores por estarem lhe secando o pensamento, logo é convencido que fazer parte da manipulação é o mais sensato para alcançar os seus ideais e realizar os seus sonhos. É por isso que Nietzsche se exalta em relação a esta temática entre educação e cultura, pois Dias (2001,p.34) esclarece que estes temas “[...] são, para Nietzsche, inseparáveis. Não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que a apóie”. Projeto este totalmente esquecido pelas instituições alemãs, que através de uma educação historicista e falaciosa procurava apenas adestrar os alunos a responderem de acordo com o que lhes eram ensinado e nada a mais.

As conferências “Sobre o Futuro dos nossos Estabelecimentos de Ensino” foram realizadas no ano de 1872, e apresentadas entre uma série de conferências organizadas pela “Sociedade Acadêmica” da Basileia, dos dias 16 de janeiro, 6 e 27 de fevereiro e 5 e 23 de março. Nelas Nietzsche declara a sua grande decepção em relação às instituições alemãs, que lamentavelmente, reduziram-se segundo ele, em duas vertentes: a primeira diz respeito à cultura que voltou-se apenas às necessidades do Estado; e a segunda de inserir cada vez mais o maior número possível de indivíduos nas instituições. Como discorre Marton (1983)

[...] educação passou a equivaler à profissionalização; e cultura, a fazer dos indivíduos cidadãos utilizáveis o mais rápido possível. Nietzsche não ataca a implantação e proliferação das escolas técnicas, que, de alguma forma, tentam atingir os objetivos a que se propuseram. Denuncia – isto sim – a deficiência da formação, desde que os ginásios e as universidades também se tornaram profissionalizantes. A educação voltada para a cultura não é a que permite ao indivíduo aspirar a um posto de funcionário ou a um ganha-pão qualquer, é a que o leva ao desenvolvimento integral e harmonioso de todas as suas capacidades (MARTON, 1983, p.21-22).

Para Nietzsche Estado e cultura são antagonistas, sendo que quando falamos de Estado cultural, apenas estamos nos utilizando uma idéia moderna, da qual um vive a custa do outro. A

essência da educação se perdeu em conceitos abstratos, pois não se têm motivos para divagações, pelo simples fato de que a verdadeira finalidade da educação, da formação é serem elas mesmas sua meta. Alcança-se o objetivo de educar quando há educadores para realizarem este trabalho, desde que sejam sérios e dignos de exercerem seus cargos. Por isso ele revolta-se contra os eruditos, por estes adestrarem o maior número possível de jovens para serem utilizáveis ao serviço público. Por este motivo para ele “[...] toda e qualquer educação superior pertence apenas à exceção: é preciso que se seja privilegiado, para se ter o direito a um tão elevado privilégio” (NIETZSCHE, 2000-b, p. 67-68). Esta crítica pauta-se principalmente na idéia nietzschiana de tempo, ou seja, que desde muito cedo é necessário que crianças e adolescentes já tenham em mente a profissão que irão seguir. O que para ele é um absurdo, sendo que aos trinta anos ainda se é um principiante, uma criança. Assim, os professores sobrecarregados em instigar espíritos tão jovens, atropelam-se e os atropelam em busca de que estes frutos verdes amadureçam o mais rápido possível.

Por este motivo efetiva-se um acordo entre professor e Estado, se for quebrado o aluno sonhador que pretende dar todas as suas forças em prol de um mundo melhor logo entenderá que o melhor é continuar no pacto que a instituição lhe propôs desde o início. Neste jogo institucional quem é o professor? Qual é o seu papel? Jacques Derrida (1984) ao estudar Nietzsche, observa em seus escritos o seguinte comentário a este respeito:

[...] quanto ao professor, ele fala a estes estudantes que o escutam.¹ O que ele pensa ou faz para além disso é separado por um grande abismo na percepção dos estudantes. Frequentemente o professor lê falando. Em geral quer ter o maior número possível de ouvintes, em caso de necessidade se satisfaz com alguns, quase nunca de um só. Uma boca que fala, muitas orelhas e metade das mãos que escrevem - aí está o aparelho acadêmico externo - aí está em atividade a máquina cultural da universidade (DERRIDA, 1984, p.111-114).

Este é um dos debates que levou Nietzsche a desconfiar dos ditos mestres e a desaprovar as filosofias por eles instituídas. Conseqüentemente, observou que Estado e Cultura eram o

¹ Rosa Dias, esclarece em ‘Cultura, filosofia e educação no pensamento de Nietzsche que “o estilo “acroamático” de ensino que privilegia a exposição oral do professor e a audição do aluno é, justamente, o oposto do que Nietzsche entende o que deva ser a educação na universidade. Ali, onde se deveria exigir do aluno um treinamento rigoroso, inventou-se a autonomia. Tal autonomia nada mais é do que a domesticação do aluno para torná-lo uma criatura dócil e submissa aos interesses do Estado e da burguesia (DIAS, 2007, p.267).

oposto da verdadeira arte de algo criar. O que leva Nietzsche a acreditar que o isolamento poderia ser uma boa opção para tentar preservar o verdadeiro filosofar entre os pensadores preocupados com a arte do livre pensar. Porém, nosso filósofo logo percebe o quanto este é um sonho impossível de realizar em uma época corrompida pelo imediatismo. Neste debate, Klossowski (2000) ao fazer suas observações ao pensamento de Nietzsche, destaca que quando ele faz um balanço sobre a cultura ocidental leva sempre à seguinte questão:

[...] o que pode ainda ser feito, a partir dos nossos conhecimentos, nossas regras, nossos costumes, nossos hábitos? Em que medida sou beneficiário, ou vítima, ou juguete desses hábitos? A resposta à essas perguntas foi o seu modo de viver e escrever, logo de pensar, sem contudo deixar de considerar seus contemporâneos (KLOSSOWSKI, 2000, p.25-26).

Às intervenções nietzschianas contra a educação moderna ainda são exemplos vivos na nossa educação atual. Os estudantes não querem pensar por si mesmos e preferem tratar toda a educação filosófica como um objeto fora do alcance da realidade, um momento desperdiçado quando não se efetiva em algo remunerado. O termo utilizado por ele para designar estes jovens e seus colaboradores é “os servidores do momento”. O conhecimento se torna erudição, ingenuidade e imediatismo. Para que se possa vencer o desafio que foi erigido pelo próprio mecanismo do educar, precisamos muito mais do que teorias prontas e acabadas. Precisamos do corpo, do pensamento, de uma estrutura forte e de pessoas fortes. Gênios que apesar de serem demasiados humanos, exercem um poder de libertação interior que apenas os superiores podem efetivar.

A fonte do argumento Nietzscheano eram os homens de ações. Ele os procurava. Nós os procuramos. Talvez a rotina imposta tenha nos cegado. A este respeito, pergunto: se todos os dias criticamos a manipulação que o Estado exerce, por quê há os que ainda acreditam que se filosofa e se educa apenas nas academias? Nietzsche procurou horizontes que lhe instigassem a liberdade, libertou-se das amarras acadêmicas, não permitiu que a história erudita lhe secasse o fluir do criar. Os cumes por ele visitados lhe ensinaram a experimentar de tudo um pouco sem preconceitos. Sofreu, amou, admirou e preferiu as alturas que o próprio olhar lhe impôs, em lugar de paisagens prontas e acabadas. Percebeu que a educação o ato mais sublime, estava corrompido por títulos acadêmicos e não por amor ao ato do educar. Sochodolak (2005) observa que Nietzsche

[...] buscava o conhecimento, mas seu interesse era múltiplo. Ele contemplava música, poesia, história, geografia, matemática, arquitetura, artes da guerra, pintura, literatura, geologia, astronomia e mitologia. Enfim, mostrou-se interessado por todo conhecimento disponível em seu tempo e que teve ou quis ter acesso. Nesta direção, fez uma tentativa de organização do conhecimento adquirido e, ao que parece o dispôs por ordem de preferência. Registrou estes dados em sua autobiografia juvenil:

I- Os prazeres da natureza:

- | | | |
|----|-------------|----------|
| a) | Geologia; | |
| b) | Botânica; | Prazeres |
| c) | Astronomia. | |

II- Os prazeres da arte:

- | | |
|----|----------|
| a) | Música; |
| b) | Poesia; |
| c) | Pintura; |
| d) | Teatro. |

III- A imitação da ação e das práticas humanas:

- | | |
|----|----------------|
| a) | A guerra; |
| b) | A arquitetura; |
| c) | A marinha. |

IV- A preferência pelas ciências: Gostos

- | | |
|----|--|
| a) | Escrever em latim em um bom estilo; |
| b) | A mitologia; |
| c) | A literatura; |
| d) | A língua alemã. (SOCHODOLACK, 2005, p.16-17) |

Aqui, de fato, a pedagogia da qual Nietzsche analisa e discorre está fadada de assuntos que servem somente para uma formação imediata e utilitária. O que torna os jovens arrogantes e imaturos em relação ao conhecimento, já que não conseguem se dedicar a estudar o que é raro e antigo para adquirirem força e inteligência em relação à situação presente. Devido a esta análise, que a sua admiração por Schopenhauer se torna veemente, já que este ao analisar as instituições em seu tempo possuía uma grande capacidade de se distanciar para melhor julgar e criticar. Schopenhauer esta presente no pensamento Nietzscheano, desde que este se deparou em uma livraria de Leipzig com o seu livro “O mundo como vontade e representação”, o que mais tarde podemos constatar em 1874 na “Terceira extemporânea”, cujo título é “Schopenhauer como educador”. Nietzsche o elogia por não ter se rendido às ciladas da academia, do Estado, e principalmente por privilegiar o que pensa independentemente da opinião alheia. Indiferente a filosofia Kantiana da qual esta pautada em uma busca frenética pela verdade, Schopenhauer elege a vida como fonte de interpretação e experiência, não se rendendo a erudição de sua época. Por isso, para ele amar e se dedicar a filosofia é para aqueles que possuem aptidão para ela, pois

[...] coisas que se amam e que nasceram umas para as outras relacionam-se facilmente: almas afins já de longe se saúdam. Qualquer livro de um filósofo autêntico que caia nas mãos de tal pessoa será para ela um estímulo mais forte e eficaz que a conferência de um filósofo de cátedra, tal como se apresenta hoje em dia (SCHOPENHAUER, 2001, p.3-4).

Para ambos, o problema está em não se distinguir mais a verdadeira filosofia, ou seja, àquela que não se restringe aos parâmetros acadêmicos, da falsa filosofia, que pauta-se no conhecimento sofisticado. O Estado teme os apaixonados pelo exercício do filosofar, e na mesma via, como se não bastasse tantas indiferenças, ainda temos que aprender a lidar com o silêncio dos intelectuais. Estes amarrados em uma burocracia sem fim, tornam-se indiferentes frente a um conhecimento melindroso e conciso com seus alunos, preferem se calar e com isso calaram o verdadeiro filosofar. E qual seria o verdadeiro ato do filosofar? Podemos dizer em um só golpe, que é um ato longo, solitário, obstinado e de experiências transbordantes. Ou seja, longe dos muros e das salas geladas do mundo acadêmico. Muitos acreditam que esta filosofia não morreu, não exige idade adequada, não requer grandes experiências. Apenas combate à hostilidade dos alunos que pensam que nada adianta seguir em frente se não há lucro diante de tantos esforços. Em suma, o sonho de Nietzsche em relação ao ensino filosófico nas universidades alemãs jamais poderia ser efetivado diante das condições insatisfatórias que o ensino estava submetido, já que na falta de liberdade acadêmica é difícil cada um saber o papel que deve desempenhar.

Lembremos, portanto, que Nietzsche produziu toda a sua filosofia, independentemente de que fosse lido por acadêmicos ou por qualquer outra pessoa. Para ele ser um mestre, implicava em nunca desistir dos seus propósitos pedagógicos, já que ama a filosofia e educa filosoficamente. No mais, o mundo moderno para este filósofo dotado de um olhar visionário, lhe faz ter nojo perante o otimismo exarcebado daqueles que possuem em suas concepções ditames fechados sobre a cultura e seus feitos, manipulando os jovens para uma educação conformista. Por este motivo, a filosofia alemã se tornou fraca e pobre de sentido, já que buscava estar ligada ao Estado pela utilidade e não pela liberdade de suas idéias.

Por essa razão é que Nietzsche percorreu temas a respeito dos estabelecimentos de ensino alemães, da escola primária, da escola técnica, do ginásio e das universidades, demonstrando o quanto Cultura e Natureza são inseparáveis aos seus olhos, já que uma não pode existir sem a outra. Mesmo que a modernidade tenha corrompido estes conceitos, a natureza é uma grande aliada às mudanças educacionais, pois mudar é uma atitude contra o que é evidente. É por este motivo que Nietzsche (2003-a) é categórico em afirmar,

[...] não prometo quadros e novos horários para os ginásios e as escolas técnicas, admiro bem mais a natureza poderosa daqueles que são capazes de percorrer toda a via das profundezas da experiência até o cume dos verdadeiros problemas da cultura, e inversamente destes cumes até os porões dos regulamentos mais áridos e dos quadros mais esmerados; mas fico satisfeito se, estafando-me, tiver subido uma montanha de alguma importância; e se posso gozar de um horizonte mais livre, não poderei jamais neste livro satisfazer os amantes de quadros (NIETZSCHE, 2003-a, p.46).

Não são poucas as molduras que foram colocadas em quadros pintados pela pressa, pela idolatria, e por aqueles que sentados em suas cátedras acreditavam estar mudando o mundo com suas novas idéias a respeito de qual seria o verdadeiro procedimento para transformar a educação. Nas entrelinhas de seus autores nada encontraram, nem mesmo a sobra por eles não utilizadas em suas belas frases para montar o terno texto. Palavras inflamadas apenas por aquilo que não se fez, cega que se admire o que já se foi feito, aliás, sempre foi assim o reconhecimento no mundo acadêmico. Aos que se curvam, todo o mérito por suas idéias, aos que se retiram, tudo o que receberão é a dor do esquecimento.

São os homens isolados que Nietzsche espera que ouçam o clamor de sua voz e implora para que “[...] não se escondam desta vez nas cavernas do seu recolhimento e da sua desconfiança” (NIETZSCHE, 2003-a, p.47). Reconhecemos tais homens, os encontramos antes disso, na ausência de ideais para o futuro, onde vivemos um dia de cada vez felizes por decorar uma simples poesia de amor. Não há obstáculos mesmo sonhando acordado, acreditar que o saber nos levará para o topo da montanha sem nos ferir antes, é a grande ilusão que desde crianças estamos submetidos, infelizmente o preço que pagamos depois é inexplicável diante de tanta dor. Crescer é a pior de todas as dores, amadurecer pode ser um ato falho, já que experiências não precisam propriamente significar amadurecimento. De fato, todos procuram tais requisitos apontados acima, mas cada um tem a sua maneira de escolher o seu caminho e de acreditar que está predestinado a uma missão especial que defina a sua vida. Todos os homens alimentam-se de seus desejos e dedicam-se em realizá-los. O que implica dizer que um olhar mais benevolente para nós mesmos é saudável e necessário em muitas ocasiões.

Este olhar falta aos jovens que são por natureza explosivos e que lançam-se ao desconhecido sem exercer uma reflexão das conseqüências. Acalmar tais ânimos frente aos labirintos filosóficos tem sido uma das tarefas árduas dos educadores, mas de extrema importância. Estes por sua vez cansam-se cedo destes impetuosos aprendizes respondendo-lhes muitas vezes com respostas grosseiras e bruscas. Talvez um dos grandes problemas seja as suas

escolhas longe de filhos e casamento, resultando assim, em uma complexa falta de experiência com as crianças. Por não possuírem uma idéia clara de como continuar em seu ofício educacional, lamentam-se em indecisões e contradições frente ao fato de não conseguirem modernizar suas concepções sem afetarem suas tradições e metodologias.

Partindo desta concepção, o que intriga Nietzsche é que mesmo que alguns professores não questionem seus métodos por toda a sua vida, pelo menos deveriam comprometer-se em dar aulas filosóficas. Jovens afoitos em demonstrarem suas leituras e formação deparam-se com estes senhores do conhecimento que lhes mostram em um só golpe de que nada sabem para abrirem a boca. Aos que defendem uma democracia e que as coisas não são bem assim, pelo menos que sejam fiéis às suas lembranças e tragam à tona quantas vezes foram podados dando ainda belos frutos. Talvez a principal inquietação esteja na perturbável realidade de que diploma de filosofia não é diploma de filósofo, estes foram substituídos pelos profissionais da filosofia. Tema este debatido até hoje entre alunos, professores e os que se dizem filósofos.

Assim, se não há valorização no título de formação acadêmica por quê deveríamos nos preocupar com a pressa frenética do leitor moderno? Em nossas escolas e universidades exige-se que pense, que se leia mais, que se produza mais, porém, esqueceram de instigar jovens e crianças a se sentirem capazes de efetivarem tais cobranças. É necessário que autor e obra tenham afinidades, que possuam vivências em comum. Sentir a força que o texto transmite é o primeiro requisito para compreender o seu autor. Nietzsche exige leitores atentos, ávidos de espírito artísticos e vitais. Não cobra uma bagagem intelectual de vários autores e filosofias, apenas requer como explica Larrosa (2004, p.21), “[...] expressar uma força que se combine com outras forças, com outras experiências, com outros temperamentos, e os leve além de si mesmos”. E seguindo o pedido nietzschiano, é preciso que após as leituras você o esqueça, e viva suas próprias experiências e produza suas próprias lições, para que o corpo em seu tempo possa efetivar com maestria o seu metabolismo.

O Estado elege os utilizáveis, os promissores de êxito rápido. Uma carreira universitária deve cegar seus seguidores para serem velozes em sua formação. O que são quatro anos sentados? Mais dois sentados? Mais cinco sentados? E assim por diante sempre sentados? A sociedade protege aqueles que por ela pensam, ou melhor, finge que os ama já que não os compreende. Trabalho penoso como outro qualquer, que merece comemoração por parte daqueles imersos na solidão de suas salas individuais dos imensos corredores de nossas

instituições. Então, o que dizer aos que pretendem disso tudo se afastar? Em nossa recôndita adolescência, como observa Nietzsche (2003-a),

[...] esta maneira de se satisfazer com o momento sem imaginar um objetivo, de se embalar numa cadeira de balanço ao ritmo do momento, deve parecer quase incrível, em todo caso, censurável na época atual, que se desvia de tudo o que é inútil. Como éramos inúteis! E como estávamos orgulhosos por sermos a tal ponto inúteis! Podíamos rivalizar entre nós quem teria a glória de ser o mais inútil. Não queríamos significar nada, nada representar, nada nos propor, queríamos não ter futuro, não queríamos ser úteis para nada, confortavelmente estendidos no limiar do presente – e estávamos. Como éramos felizes! (NIETZSCHE, 2003-a, p. 58-59).

O Estado não investiria em pessoas que a ele se opusesse com fortes armas. É claro que existem as situações particulares, mas que somadas, não passam de palavras proferidas ao vento. Não que os professores não ensinem o que é certo, apenas atribuem suas verdades de forma secundária. A sua seriedade consiste em lisonjas acadêmicas e na sua subsistência. Lamentavelmente, até os nossos dias, se confundem os sofistas como grandes filósofos, o que acarreta uma discussão pretensiosa e digna de perda de tempo nas universidades. Não esquecendo dos que se dizem donos da verdade, e estes para Nietzsche ocupam às cátedras de filosofia da religião, onde insistem de mostrar que filosofia e religião são a mesma coisa. A fé, não faz parte da filosofia, já que acreditar em algo além céus, nada tem haver em simplesmente se aprender para saber.

Ao adentrarmos nos estabelecimentos de ensino devemos ter em mente as cicatrizes que trazemos. Chega ser incrível como as esquecemos rapidamente, e quando percebemos, já erguemos as bandeiras educacionais negando tudo aquilo que defendíamos até então. É notório para Nietzsche (2003-a, p.60) que, “[...] a maioria dos homens lutam para adquirir cultura, trabalham pela cultura, aparentemente no seu próprio interesse, mas no fundo unicamente para permitir a existência de um pequeno número”. Não são poucos os que estão sentados na sombra da qual o gênio plantou, como ele mesmo enfatiza. Os discípulos esgotam-se tentando imitar os grandes feitos, e se esquecem ficando sentados nos melhores anos de suas vidas.

Quanta carência do que está morto, pronto e edificado. Esta obstinação em tampar os buracos que o tempo ocasiona em seus monumentos ao longo dos anos, parece ser a principal disposição destes que se encantam com a erudição. Nosso filósofo chegou a acreditar que um dia os jovens acordariam deste pesadelo, mas vemos que tudo continua como em sua época. Quanta

presunção em acreditar que poderíamos mudar tal intento destes manipuladores do conhecimento já que passam tudo mastigado nas bocas de quem os seguem. Muitos não admitem que foram seduzidos pelas ciladas do Estado, contudo ampliar ou reduzir o que a cultura tem de mais nobre e sutil não é mais tarefa daqueles que a ela se empenharam durante todas estas gerações. A política, o Estado e as Instituições dela se apropriaram, “[...] o máximo de conhecimento e cultura possível – portanto o máximo de produção e necessidade possível -, portanto o máximo de felicidade possível: - eis mais ou menos a fórmula” (NIETZSCHE, 2003-a, p. 61-62). O lema a partir deste momento é ganhar cada vez mais dinheiro. E como se não bastasse é oportuno lembrar que quando somos questionados por nossa profissão, logo somos dignos de pena pelo salário que recebemos. De acordo com este discurso é inviável formar-se para si próprio, uma formação que demanda muito tempo pode ser considerada perda de tempo para a demanda do mercado mundial. Esta é a pretensão universal de todos os seres humanos que estejam inseridos no conceito de se sentirem úteis ao Estado e à própria cultura. Adquirir cultura não significa mais ampliar o conhecimento, mas aumentar os ganhos financeiros. Intelectualmente podemos transmitir aquilo que o outro poderá pagar, e o erudito é perito nesta arte de bem ensinar, pois se especializar é a sua garantia para a consagração no meio intelectual.

É no contexto desses embates teóricos que a instituição acadêmica conseguiu como ninguém dividir todas as ciências em diversos departamentos. Fragmentou o saber levando a cultura ao aniquilamento, pois o que não diz respeito a minha especialização não me interessa. Até mesmo as bibliotecas e museus são apresentados desta forma. Basta dirigir-se até um deles para ser recebido por alguém que gostaria de auxiliá-lo segundo os seus gostos e interesses. Por este motivo Nietzsche (2003-a) desabafa contra os interesses imediatos, pois

[...] é no jornal que culmina o desígnio particular que nossa época tem sobre a cultura: o jornalista, o senhor do momento, tomou o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre, daquele que livra do momento atual. [...] imagine como seria vão mesmo o trabalho mais renitente de um mestre que quisesse, por exemplo, levar seu aluno ao mundo helênico, tão infinitamente longínquo, tão difícil de compreender, por considerá-lo como a verdadeira pátria da cultura: tudo isso seria inútil, quando o mesmo estudante, um minuto antes, tenha pego um jornal, um romance da moda ou um destes livros doutos, cujo estilo já traz consigo os braços repugnantes da barbárie cultivada que está em curso hoje em dia (NIETZSCHE, 2003-a, p. 65).

Contudo, em 1872 Nietzsche nestas conferências sobre a educação perguntava-se constantemente se esta fase de opressão escolar e da indiferença ao cultivo do espírito filosófico poderia passar. Preocupava-se com os herdeiros de toda esta produção intelectual sem sentido, pois seriam os receptadores desta cultura. A pobreza do espírito pedagógico da qual assolava a Alemanha Nietzscheana é o fruto de boas e novas idéias. Não há uma praticidade correta para efetivar a verdadeira genialidade dentro das instituições, fato este que ocorre desde os ginásios. E se estes não estão de acordo com a verdadeira arte do educar, todos os outros são estremecidos por sua causa.

Por essa razão, a principal crítica voltada para os ginásios é o fato de não se dedicarem em ensinar com amor o ensino da língua materna. Sem esta sensibilidade se perde o germe de uma cultura superior. A arte deixa de ser valorizada, já que não possui nenhum afeto. As palavras perdem-se ao vento em gírias e jargões mais populares, pois pressupõem-se que todos devem entender. O exame detalhado por parte dos professores linha a linha dos textos torna-se um trabalho metódico e cansativo. Porém, os professores deveriam insistir em “[...] obrigar seus alunos a exprimir o mesmo pensamento mais uma vez e melhor, e encontraria limite para sua ação até que os menos dotados chegassem a um terror sagrado diante da língua e os mais dotados a um nobre entusiasmo para com ela” (NIETZSCHE, 2003-a, p. 69-70). A educação formal é aos sentidos do nosso filósofo uma das mais preciosas. Porém, foi substituída pela educação jornalística, que forma para o momento; pela erudição histórica que se utiliza da língua morta como realmente morta, sem nenhuma relação com o presente e com o futuro. O fato é que segundo Nietzsche (2003-a, p. 70-71) “[...] a nossa língua materna é um domínio no qual o aluno deve aprender a operar convenientemente: e é somente deste ponto de vista prático que o ensino do alemão é necessário nos nossos estabelecimentos de ensino”. Observa-se que os textos históricos pertencem a cânones de reflexão que pouco exigem de seus mestres, já que pesquisam diversas fontes para depois chegarem a mais uma nova versão. Assim, a atividade pedagógica esconde-se através de títulos pomposos baseados em diversos pensamentos que podem ser expressos somente através dos mesmos, caso contrário não são dignos de crédito nas academias. Com efeito, esta é a essência da formação. Sobre este assunto Jaeger (2001), considerado um dos maiores estudiosos da cultura grega, esclarece que

[...] ao empregarmos as expressões *educação* e *formação* para designar estes sentidos historicamente distintos, educação e formação têm raízes diversas. A

formação manifesta-se na forma integral do Homem, na sua conduta e comportamento exterior e na sua atitude interior. Nem uma nem outra nasceram do acaso, mas são antes produtos de uma disciplina consciente (JAEGER, 2001, p.24).

E adverte, [...] é a manifestação do esforço constante da poesia e do pensamento grego para conseguirem uma expressão normativa da forma do Homem. Este esforço essencialmente educativo tinha de levar, sobretudo num povo de consciência filosófica tão viva, à formação do ideal consciente da educação, no sentido elevado que aqui lhe descobrimos. Torna-se assim muito natural que os sofistas tenham vinculado o ideal da educação às antigas criações do espírito grego e as tenham considerado como conteúdo próprio dele. A força educativa da obra dos poetas era algo que se pressupunha sem contestação para o povo grego. A sua íntima interpenetração com o conteúdo total de educação tinha de operar-se forçosamente no instante em que a ação educativa deixou de limitar-se exclusivamente à infância e se passou a aplicar com especial vigor ao homem adulto, não deparando já com limites fixos na vida do homem. Foi então que pela primeira vez surgiu uma *Paidéia* do homem adulto. O conceito, que originariamente designava apenas o processo da educação como tal, estendeu ao aspecto objetivo e de conteúdo a esfera do seu significado, exatamente como a palavra alemã *Bildung* (formação) ou a equivalente latina *Cultura*, do processo da formação passaram a designar o ser formado e o próprio conteúdo da cultura, e por fim abarcaram, na totalidade, o mundo da cultura espiritual: o mundo em que nasce o homem individual, pelo simples fato de pertencer ao seu povo ou a um círculo social determinado. A construção histórica deste mundo da cultura atinge o seu apogeu no momento em que se chega à idéia consciente da educação. Torna-se assim claro e natural o fato de os Gregos, a partir do séc.IV, quando este conceito encontrou sua cristalização definitiva, terem dado o nome de *Paidéia* a todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição, tal como nós o designamos por *Bildung* ou, com a palavra latina, *Cultura* (JAEGER, 2001, p.353-354).

Entretanto, Nietzsche salienta que o projeto de introduzir a cultura clássica desde os ginásios, foi um fracasso. Negar o próprio espírito cultural e intelectual foi sempre um grande erro, ou seja, sempre escolhemos os solos estrangeiros para edificar nossa cultura. Nos iludimos quanto àquilo que entendemos como a nossa nacionalidade, “[...] e é justamente nas esferas de cuja falta de cultura este ‘hoje’ costuma lamentar com frequência que se conservou muitas vezes este espírito alemão autêntico, se bem que numa forma à qual falta à graça e venha misturado com aparências grosseiras” (NIETZSCHE, 2003-a, p. 82-83). Inflamar os jovens a lutarem pela cultura verdadeira, artística e de forte estilo nunca foi uma tarefa fácil, é necessário que o espírito da nação seja renovado e sabemos que a cada dia é a busca da individualidade que se almeja. O que significa dizer que não conseguimos apontar os culpados, porque todos se defendem dizendo que sempre estão fazendo o melhor. Latour (1994) a este respeito comenta,

[...] como Nietzsche havia observado, os modernos têm a doença da história. Querem guardar tudo, datar tudo, porque pensam ter rompido definitivamente com seu passado. Quanto mais revoluções eles acumulam, mais eles conservam; quanto mais capitalizam, mais colocam no museu. A destruição maníaca é paga simetricamente por uma conservação também maníaca. Os historiadores reconstituem o passado nos mínimos detalhes com o cuidado muito maior, pois este se perdeu para sempre. Estaremos realmente tão distante de nosso passado quando desejamos crer? Não, já que a temporalidade moderna não tem muito efeito sobre a passagem do tempo. O passado permanece, ou o mesmo retorna. E esta ressurgência é incompreensível para os modernos. Tratam-se então como o retorno do que foi recalcado. Fazem dela um arcaísmo. Se não tomarmos cuidado, pensam eles, iremos voltar ao passado, iremos recair na idade das trevas. A reconstituição histórica e o arcaísmo são dois dos sintomas da incapacidade dos modernos de eliminar aquilo que eles devem, todavia, eliminar a fim de ter a impressão de que o tempo passa (LATOURE, 1994, p.68).

Por este motivo, que histórias tristes de grande jornada até as salas do conhecimento, são as vangloriadas e prediletas desde alunos a professores. Aos fortes de espírito que não declaram suas angústias e derrotas a indiferença se faz presente. No curso de pedagogia valoriza-se muito a história de suas vidas através da análise de um dossiê como conclusão final em suas formações. A partir dali uma fórmula mágica apaga todas as dificuldades e renova os ânimos de professores sofridos e que agora com seus diplomas tudo podem para mudar o que até agora foi tido por eles como o grande empecilho na área educacional. Para Nietzsche tudo isso não passa de uma comédia que às décadas foram fortalecendo. Toda esta autonomia é desprezível se nada de novo conter. O fato é que toda esta ausência de estilo pode ser analisada tanto entre os jovens como entre os adultos na educação atual, já que pesquisas indicam o alto número de semi-analfabetos que são aceitos em todas as universidades a cada ano.

Ocorre que, apesar dos milhares apenas alguns possuem direitos. Pelo funil educacional passam desde o início; são escolhidos desde o início. Políticas de igualdade calam os adversários. Diante deste quadro Nietzsche pergunta:

[...] quem os conduzirá à pátria da cultura, se os seus guias são cegos, ainda que se façam passar por videntes?! Quem dentre vocês chegará a uma verdadeira percepção da gravidade sagrada da arte, se são pervertidos metodicamente a balbuciar indistintamente por si mesmos, quando se deveria ensiná-los a falar, a estetizar por si mesmos, quando se deveria levá-los ao fervor diante da obra de arte, a filosofar por si mesmos, quando se deveria obrigá-los a escutar os grandes pensadores? Tudo isso trazendo como resultado o fato de vocês ficarem eternamente distantes da Antiguidade e se tornarem os servidores do momento (NIETZSCHE, 2003-a, p. 80-81).

Para muitos, tornar-se professor é o real ofício. Mas desde os tempos de Nietzsche as instituições estão crescendo em todos os lugares do mundo, o que torna a profissão professor muito requisitada. Esta estatística não seria um problema se não degradasse tanto a qualidade do ensino. São estes inúmeros alunos que fazem barulhos nas academias para que sejam educados de forma a serem aceitos imediatamente no mercado de trabalho. A grande massa deve ser ouvida e ter suas reivindicações atendidas. Com o diploma nas mãos temos a formação de um povo, portanto o que nos interessa são os indivíduos selecionados e estes serão julgados pela posteridade. Se há um exagero em tais argumentos basta analisar se em nossa época respeitamos e estudamos a nossa cultura, a religião, a poesia, a música, a língua local, a arte de nossos artistas, nossas escolas, os pontos turísticos, nossos mitos, e tudo aquilo que nos norteia enquanto cidadãos de um determinado local. Infelizmente, acreditamos que a resposta não será das mais satisfatórias.

Mas os que se dizem estarem incansavelmente lutando por uma cultura forte e sagaz, são justamente os que destroem as raízes das forças culturais. Cada especialização procura se distanciar de outra especialização, por exemplo, quem se especializa em Platão não faz questão de interagir com quem se especializa em Maquiavel, já que a distância entre ambos é gigantesca. E assim alguns preferem utilizar pontes de uma filosofia a outra fragmentando a linha condutora de suas histórias e pensamentos. Hipertrofiadas as instituições tornaram-se enormes viveiros de combatentes que lutam de forma elegante e segundo seus ditames civilizadamente. Por este motivo Nietzsche continua a questionar e encontrar suas próprias respostas, onde enfatiza:

[...] Por que o Estado tem necessidade deste número excessivo de estabelecimentos de cultura, de mestres de cultura? Por que esta formação do povo e esta educação popular tão amplamente difundidas? Porque se odeia o autêntico espírito alemão, porque se teme a natureza aristocrática da verdadeira cultura, porque se quer incentivar os grandes indivíduos a buscar um exílio voluntário, propagando e alimentando no grande número uma pretensão à cultura, porque se busca escapar da elevação dura e rigorosa pelos grandes mestres, persuadindo a massa de que ela própria encontrará o caminho guiado pela estrela do Estado. Aqui, temos um fenômeno novo! O Estado como estrela-guia da cultura! (NIETZSCHE, 2003-a, p. 100-101).

É preciso reconhecer, porém, que este Estado é repleto de aliados que a ele se afeiçoaram sem maiores questionamentos. Reverencia-se a sua grandiosidade frente aos seus maiores feitos a educação e a cultura, ou seja, ele é a educação e a cultura. Mas Nietzsche acredita que se não

foi em sua época que conseguiram alcançar os mais altos cumes, poderá ser nas gerações vindouras esta grande realização. Os homens superiores para ele sempre existirão, mesmo que se alimentem no seio materno do Estado, sendo que o que os diferencia dos demais é justamente o não apego desmesurado a este seio, porque não é um bom alimento encher-se de ilusões.

As instituições passam a ser questionadas por transmitirem uma cultura duvidosa, tendo como alvo a cultura aristocrática por ser esta uma selecionadora de espíritos. Mas não se deve confundir o que se aprende somente nesses centros acadêmicos, isso não teria nada haver com a cultura, “[...] a questão é então saber o quanto um homem estima sua existência subjetiva diante dos outros, o quanto emprega sua força nesta luta individual pela vida” (NIETZSCHE, 2003-a, p. 103-104). Alguns misturam-se nestes centros sem nunca questionarem o que fazem; outros, constroem bolhas tão fortificadas que aliam-se ao tempo sem perceberem que ele não pára. Aos primeiros o desejo contínuo de verem os seus nomes em placas e estátuas. Convencidos que ali morrerão, vivem para tirar a poeira de todos os dias sobre os seus nomes, para conservarem um desejo pessoal de eternizarem entre seus discípulos a singularidade de suas genialidades. A sagacidade destes mestres consiste em gargalhadas para com àqueles que se afastam, já que este circo institucional nunca pega fogo.

Estes confundiram a verdadeira cultura da qual pautava-se em uma formação humanista, pela que se preocupa com o pão de cada dia, ou seja, pela cientificista. A luta pela existência transformou os homens em funcionários que buscam somente ampliar a qualificação dos seus postos, esta fraqueza leva-os acreditar que tudo o que fazem é proteger a própria existência. São cargos difíceis para se conseguir, porém, quanto mais a luta for complicada maior se torna o prazer das conquistas. A grande diferença entre estas culturas segundo Nietzsche (2003-a) é que,

[...] a verdadeira cultura rejeita com desdém contaminar-se no contato com indivíduos assim tão necessitados e cheios de desejos: a autêntica cultura sabe escapar sabiamente daquele que quisesse apoderar-se dela como de um meio para realizar seus desígnios egoístas; e quando alguém imagina tê-las capturado, para tirar dela algum proveito e apaziguar com sua utilização a miséria de sua vida, então, ela desaparece subitamente com passos inaudíveis e com uma expressão de escárnio (NIETZSCHE, 2003-a, p. 104).

O rompimento com a natureza foi o primeiro de todos os feitos. Se o aluno não estiver na área da agropecuária, engenharias, biologia e ciências a fins, jamais contemplarão do grande universo fisiológico de todas estas ciências. Busca-se vencer todo este arsenal com armas

tecnológicas para apreender o verdadeiro significado que nos cerca. Uma ilusão tolerável por parte de todos, mas que ao mesmo tempo degrada aos poucos todo o universo natural. Nietzsche não se opõe às escolas técnicas, mas para o conhecimento que seca, que desvia o olhar de seus alunos a coisas menos importantes e que deveriam ser tomadas como as mais necessárias e sérias.

Assim, baniram aos poucos a filosofia, a arte e as matérias relacionadas à antiguidade grega e romana. Estas matérias tornaram-se estranhas aos nossos jovens e sem nenhum sentido para suas vidas. Em algumas épocas foram esquecidas nas instituições, em alguns países proibidas. O mesmo acontece em relação à arte, sendo desprezada nos sistemas educacionais. O raciocínio a este respeito era o seguinte: disciplina artística é para aqueles que possuem tempo livre; filosofia, para os que nada de sério querem seguir; porém antiguidades gregas e romanas deveriam ainda fazer parte dos programas educacionais, mas o tempo foi passando e acostumando as gerações a seguirem sem estas preciosidades para o espírito. O estudante encontra-se segundo Nietzsche (2003-a, p.104), “[...] não apto para a filosofia, porque é mal preparado, privado de instinto artístico e que, diante dos Gregos, é um bárbaro imaginando que é livre”. Mas, não deveriam ser ignorados e acusados por terem se tornado funcionários e servidores desta grandiosa miragem.

São por estes motivos que as instituições estão repletas de naturezas grosseiras e sem nenhuma estreiteza com o trabalho que deveriam efetivar. Dentro de um campo específico oportunistas disfarçam-se e entregam-se somente ao seu próprio bem estar. Assim, estes centros tornam-se frios e sem cor, apesar dos corredores estarem lotados, fazendo-se ali o palco de idéias infrutíferas de mentes entusiásticas que se denominam os grandes mestres. O que temos então é uma pseudocultura que visa seus próprios benefícios e que escolhe com muito zelo aqueles que sempre estarão prontos para efetivar suas expectativas. Em suas considerações Nietzsche (2002-a, p.132) ataca: “[...] Tu és um homem de cultura degenerado! Nascestes para a cultura, mas foste educado pela incultura! Tu és um bárbaro impotente, escravo do dia, atado pela corrente do momento e faminto – eternamente faminto!”. O ar impuro das universidades é para ele um vício, mas felizmente, considera que muitos já estão respirando, apesar das dificuldades.

As instituições para o nosso filósofo deveriam possuir como tarefa o ensino do pensamento rigoroso, não distorcendo os fatos e respeitando a procedência de todas as filosofias. Maci (2001, p.157) anota que, “[...] a verdade é criação, por isso ‘a arte é mais importante que a

verdade', para que a verdade possa ser tão importante como a criação e coincida como a chegar a ser e não com o mero aparecer das sombras". Ninguém pode garantir que este princípio ainda possa permanecer intacto, isso ninguém pode garantir, mas enquanto existirem homens prudentes e de raciocínio rigoroso seria uma grandiosa jornada neste caminho deixar-se levar. O ensino a contragosto fere com fogo a alma de seus jovens, fazendo-os esquecer as coisas boas do cotidiano para que todo o aprendizado do ginásio a universidade chegue logo ao seu fim. Infelizmente muito do que deveria ser ensinado em idades maduras, são logo lançadas em almas despreparadas e imaturas. Dependendo do patamar que esses jovens se encontrarem será uma grande alegria que ao menos um se salve ileso de tamanha decepção. É uma dádiva tentar ao menos compreender que,

A vida consiste em raros momentos da mais alta significação e de incontáveis intervalos, em que, quando muito, as sombras de tais momentos nos rondam. O amor, a primavera, toda bela melodia, a Lua, as montanhas, o mar – apenas uma vez tudo fala plenamente ao coração: se é que atinge a plena expressão. Pois muitos homens não têm de modo algum esses momentos, e são eles próprios intervalos e pausas na sinfonia da vida real (NIETZSCHE, 2000-c, p.284).

Uma autêntica instituição buscará incentivar seus jovens sobre a importância de prezarem por sua liberdade. Esta liberdade quando vinculada a sentimentos de disciplina, instrução e aprendizado são retribuídas com o sentimento de: dever cumprido. Mas não o dever que mata, silencia e faz com que milhares de alunos sintam-se inferiores e desistam de seus objetivos, mas o de ter cumprido com amor o conhecimento. Porém a realidade que os jovens experimentaram foi lamentavelmente para Nietzsche (2003-a) outra, pois,

[...] não encontraram os guias de que tinham tanta necessidade. Pouco a pouco, se tornaram mutuamente inseguros, desunidos, descontentes; as torpezas desgraçadas denunciavam imediatamente que entre eles faltava um gênio capaz de tudo eclipsar: e aquele misterioso feito sangrento denunciava também, junto com uma força pavorosa, o terrível perigo desta ausência. Eles ficaram sem guias e por esta razão se perderam (NIETZSCHE, 2003-a, p. 135).

Ocorre, que guias sempre precisam de outros guias. Até mesmo os grandes homens precisam ser gerenciados. O grande problema é que quando se encontra tal guia, a guerra cotidiana da academia já os feriu completamente. Imersos em um mundo solitário, atrás de grossas lentes é preciso muita disposição para convencê-los que há pessoas que ainda valem a

pena, que diferem da grande massa. Por este motivo, aos que não compreenderam e não compreendem Nietzsche, não há motivo para se cobrarem, pois, ele não escreve e não pretende ser compreendido por todos. Não há um método, ou uma fórmula para lê-lo, mas diferentes perspectivas que aguçam os cinco sentidos a participarem em conjunto para a busca de um estilo próprio. Então o que dizer daqueles que escrevem inúmeras folhas procurando desenvolver uma exegese definitiva sobre um aforismo nietzschiano? Pois, aos que possuem uma hipersensibilidade diante de seus escritos, logo aprendem a necessidade de se afastarem para que seja possível capturar a essência de sua filosofia.

Por este motivo, Nietzsche (2000-b, p.69-70) argumenta serem três os motivos pelos quais precisamos de educadores: “[...] tem-se de aprender a ver, tem-se de aprender a pensar, tem-se de aprender a falar e escrever: o alvo em todos os três é uma cultura nobre”. Neste aprender se perde muito da essência da educação, pois quando nos posicionamos a aprender a ver, pensar e falar direcionamos nossa individualidade para suspender as forças, a crítica, à imaginação e esquecemos de reagir frente ao estímulo de poder e querer. A grande consequência é um enorme esgotamento de mudar as circunstâncias, tudo se torna doentio e sem sentido. Desconfiados sempre do novo e do que possui uma enorme vontade de vida, fechamos todas as portas que são abertas para o desconhecido e escolhemos o aparato de nossos hábitos e vícios. Nietzsche (2000-b, 70-71) lamenta que “[...] os alemães não tenham dedos para nuances”, quanto menos para o conhecer leve e livre, já que considera os seus pés como o de um dançarino sem ponto marcado para fixar seu último salto.

Talvez esta falta de leveza, deva-se a comodidade que se encontra o homem moderno. Tolerantes se protegem sem se comprometer, o que caracteriza os acadêmicos por excelência. A instituição em si não é afetada, ela permanece sempre em seu lugar defendida por estas almas tradicionais e autoritárias. Quem perde são os que dali saem sem rumo e com o sentimento de agora o que fazer? Como fazer? São nestes momentos que as políticas educacionais escondem-se com a certeza de que ninguém a achará. E ainda há os que se vangloriam com este sintoma de *décadence* como é ressaltado por Nietzsche, considerado-o nosso conceito moderno de liberdade.

O grande problema é que tornaram grande e importante o que não se teria importância alguma para discutir. Dogmatizaram e regrediram na arte do ensinar, ficaram com medo de afirmar suas idéias e de mostrar que havia o que se dizer sem estar nas folhas amareladas de seus livros. Destruir teorias não significa propriamente que se tenha algo melhor para colocar em seu

lugar. E isso é um fato em todas as épocas e lugares. Antecipar aos leitores as idéias principais, ou as palavras chaves, não é o melhor caminho para que erijam novas filosofias. Os criativos sofrem e pagam um alto preço por exporem suas idéias diante do já concebido e acabado, aceitam o ódio que lhes são direcionados e reconhecem o quanto são felizes por serem audazes e leves em relação a tudo que os eruditos levam muito a sério. Para estes, Nietzsche (2004-b, p.177) faz uma ressalva: “De tudo o que é escrito, amo somente o que alguém escreve com o seu sangue. Nisso eu amo o livro. Não se pode ficar envergonhado dos próprios afetos; para isso, eles são irracionais demais”. E é assim, que a vida nos revela seu eterno fluir, seu constante reaprender.

Mas, não é louvável atribuir toda a culpa aos sistemas educacionais, pois também somos negligentes em não tomar uma posição quando nos é lícito não calar. Entramos e saímos de inúmeras aulas, palestras, reuniões sem argumentar ou se posicionar. Na maioria das vezes calar não é consentir, e sim temer o julgamento dos outros. Ainda não é compreensível o porque de tanta respeitabilidade para com aqueles que não se preocupam de respeitar os ouvidos alheios. Agora, pior do que isso é imaginar que se retirando fez o melhor, pois sozinho você se devora, e entre os outros eles fazem isso por você. Às vezes é conveniente alertar os mestres, já que eles não avisam quando irão atacar seus discípulos.

Nietzsche seleciona seus adversários, e declara guerra somente aos que estiverem a sua altura, pois ama temas e pensadores vitoriosos. Isto se deve ao fato de ter cansado de palavras infrutíferas e de promessas que jamais poderiam ser realizadas. Por este motivo, almejava ser um educador de lutas incessantes contra a especialização e gabinetes fechados. Quando entra na academia para dar suas aulas já sabia que ali não ficaria por muito tempo, não suporta à erudição acadêmica e uma educação que valorize a vida de cada indivíduo é o que realmente lhe importa. Percebe que os alunos estão envolvidos por temas e pesquisas que não engendram uma vida de sentido e de experiências, mas apenas uma vida de hábitos cotidianos que se interessam apenas em preservar a ordem cotidiana. Se não há esta valorização em se querer viver o máximo possível, a cultura não encontra fertilidade neste solo para se desenvolver. Mas apesar da desesperança rondar a educação como um fantasma, acredita-se que através de um árduo trabalho se possa efetivar o sonho nietzschiano. O grande problema é que em seu tempo isso não aconteceu e a emergência da qual ele já discorria ainda se faz emergente em nossos dias. Talvez o que falte como observa Onate (2000) seja o fato de que

Para persistir na vida, mantendo suas conquistas e ampliando sua influência por áreas inexploradas, cada “ser” orgânico, cada configuração vivente, especialmente a humana, precisa estimar a partir de si, de sua perspectiva própria, tudo que a rodeia, formando um cabedal de estimativas valorativas manifestadoras das condições de existência (*Existenzbedingungen*) a ela inerentes. A preponderância concerne às determinações possibilitadoras da vida extensivamente considerada, mas não se pode descuidar das necessidades delimitadoras do humano enquanto espécie, nem dos condicionantes peculiares às configurações humanas individuais, embora estes só adquiram importância decisiva na experiência de alguns poucos representantes excepcionais (ONATE, 2000, p.63).

Nessa ótica é importante esclarecer que para Nietzsche, estar apaixonado por si, falar e escrever sobre esta paixão não significa nenhum problema a ser resolvido. Porém, esta temática é vista e tratada nas universidades como um sentimento de egoísmo, e desmistificar tal visão é algo que ainda deve ser superado. Não estamos discorrendo de trabalhos que falam de diversas outras experiências para chegar a um denominador comum, isso seria mais deplorável ainda. Pois, entre pluralidades não se chega um denominador comum, a não ser lamentações em comum. A tarefa é simplesmente produzir e realizar momentos com o máximo encantamento que eles possam oferecer. De modo similar para Safranski (2005),

Pensamos que a mera existência (*Vorhandensein*) de algo seja a coisa mais simples do mundo. Mas, pensando bem, é na verdade a coisa mais enigmática. É mais fácil e mais natural imaginar um Deus e toda uma Natureza animada. Pois com isso colocamos fora de nós, no mundo exterior, algo que nós mesmos somos, isto é, espírito, consciência, alma. Pensar o Ser cego, opaco, que apenas existe, é o maior dos desafios. Uma pedra que não sabe que existe, se não existe uma consciência perspectivista a partir da qual se projetam as coordenadas da ordem espacial e temporal: como “vive” a pedra? Podemos suportar saber que ela é apenas pedra e mais nada? Novalis disse certa vez que pedras são lágrimas endurecidas, e algumas montanhas parecem ter se petrificado de horror ao verem o ser humano. Para Michelangelo era certo que a idéia da figura que se esculpe já pré-existe na pedra; basta remover o supérfluo, e ela há de aparecer (SAFRANSKI, 2005, p.157).

Nos círculos acadêmicos, enquanto a saúde o permitiu, atacou e denunciou esta falta de sensibilidade ao conhecimento. A erudição vazia, a falta de interesse e objetivos por parte dos acadêmicos envoltos a esterilidade da incapacidade de por si só pensarem, o afastam mais ainda da academia. Acometido por fortes dores de cabeça, em 1879 despede-se definitivamente deste cenário. Porém, não deixa de escrever suas obras e quando isso não é possível as dita para um amigo. Ao se recuperar tudo o que deseja é se distanciar e respirar o ar das alturas.

No próximo capítulo, veremos como o filósofo alemão Nietzsche, consegue tomar esta distancia e ainda acreditar que a filosofia possa ser um processo do puro educar. Para ele não basta se afastar destes homens e menosprezá-los, é necessário vencê-los e acreditar em homens afirmativos, criativos e que estejam dispostos a conquistar novos mundos. Assim, não desiste de anunciar que tais homens sempre existirão, basta que não os deixemos morrer esquecidos entre tantas erudições que apenas aniquilam a arte de bem viver a vida.

3 EDUCAÇÃO FILOSÓFICA: A ARTE QUE FORMA

“É nas épocas de grande perigo que aparecem os filósofos – no momento em que a roda gira em velocidade cada vez maior – eles e a arte ocupam o lugar do mito que está desaparecendo. Contudo, eles surgem muito adiantados, já que a atenção se seus contemporâneos só muito lentamente se volta para eles.

Um povo que toma consciência dos perigos engendra o gênio”.

Nietzsche (2004-C)

O filósofo educador Nietzsche questionou e pensou contra o seu tempo incansavelmente. Em busca de uma filosofia autêntica não se conformava em não encontrar os homens raros e geniais dos quais tanto procurava. Imerso na solidão e entre fortes dores de cabeça dialogava com tempos remotos e autores pouco lidos. Para ele o filosofar é a arte de estar só, suportar com alegria a embriaguez do conhecimento, do pensamento e conformando-se com o fato de não se encontrar por muito tempo alguém que seja capaz de dividir este prazer com você. Estar só neste caminho é a grande missão para respirar o ar das alturas e ultrapassar até mesmo o que esta por vir. Foi exatamente por respirar sempre novos ares que Nietzsche expressou através da sua filosofia o que deveria ser a verdadeira cultura.

Crítico da Cultura moderna e da Filosofia ocidental, navegou por mares que muitos se recusaram a navegar. Nesse âmbito será a cultura alemã o seu principal alvo por ser segundo ele hipócrita e indiferente a verdadeira cultura e a educação. A primeira batalha que o nosso filósofo travará será com a cultura fadada pelo sentido histórico, da qual esta legitimada pela própria cultura alemã. Será por este motivo que de maneira intempestuosa ele criticará duramente e irá se impor frente a ela e a educação por ela proposta aos jovens estudantes de seu tempo.

O grande problema aos olhos de nosso filósofo é o excesso de história, o que significa dizer, uma formação não voltada para si, mas para uma formação rápida e lucrativa. Por este motivo, nada de grande e benéfico ela pode nos proporcionar. Neste âmbito, cada um através de um olhar retroativo analisa e assimila o que de acordo com as suas vivências e interpretações bem lhe prouber, apesar dos fatos científicos e concretos. Como enfatiza Nietzsche (2003-a),

[...] estes homens históricos acreditam que o sentido da existência se iluminará no decorrer de um *processo*. Assim, apenas por isso, eles só olham para trás a fim de, em meio à consideração do processo até aqui, compreender o presente e aprender a desejar o futuro impetuosamente; eles não sabem o quanto a-

historicamente eles pensam e agem apesar de toda a sua história, e como mesmo a sua ocupação com a história não se encontra a serviço do conhecimento puro, mas sim da vida (NIETZSCHE, 2003-a, p.14-15).

Nietzsche ao analisar a educação em seu tempo, percebe a improdutividade do qual os jovens através de uma formação histórica infecunda para a vida estavam submetidos, já que por ela são enfraquecidos e nada criam. Fato este que faz com que cultura e cultura histórica se confundam, pois tornam vida e cultura conceitos contraditórios que inibem o real desenvolvimento que a vida requer. Pois, o que esta em questão aqui para o nosso filósofo alemão é o excesso de história como prejudicial à vida, e o rigor excessivo em segui-la para procurar sempre a utilidade que esta proporciona. E será exatamente por isso que Nietzsche irá criticar a improdutividade dos eruditos, sendo que estes não ensinam os alunos a voltarem-se para o passado para utilizá-lo de forma medida, e sim de forma doentia de vida, ou melhor, lucrativa.

Incompreendido tentou mostrar que Arte e Filosofia poderiam ser antídotos contra o que até agora se erigiu como verdadeiro. Autonomia se torna um conceito caro desde os tempos de Nietzsche. Conceito este do qual ele próprio era sedento. Reforça suas convicções através do ‘espírito livre’, sofre por não ser ouvido, e muitas vezes silenciado. Defende a vida em todas as suas vicissitudes e observou que foi exatamente por inferirmos juízos de valor a vida que teremos uma busca da verdade pela razão. Ela se conceitua em vontade de potência negativa, da qual não aumenta nada no processo vital. Nessa visão, Nietzsche (1998, p.15-16) pergunta: “Como escapar a este olhar triste e concentrado dos homens incompletos? Este olhar é um suspiro que diz: “Ah! Se eu pudesse ser outro! Mas não há esperança: sou o que sou; como poderia libertar-me de mim próprio? Estou cansado de mim próprio!...”. Após estas observações, Nietzsche ressalta que “os fortes não devem ser médicos dos fracos”, pois tal iniciativa os rebaixaria. Porque o real ofício dos fracos é domesticar e adoecer tudo o que está a sua volta. E para evitar essa fraqueza, é necessário entender que a formação, a vida e a educação são para espíritos capazes de potência. Audazes na maneira de construir o mundo, singulares na formação de suas necessidades e aptidões.

Porém, a vontade de potência esta engendrada no impulso pela vida, já que o ponto final não é a sua finalidade. De maneira peculiar Nietzsche (2000-b) alude que

Juízos, juízos de valor sobre a vida, a favor ou contra, nunca podem ser em última instância verdadeiros: eles só possuem o valor como sintoma, eles só podem vir a ser considerados enquanto sintomas. Em si, tais juízos são imbecilidades. É preciso estender então completamente os dedos e tentar alcançar a apreensão dessa *finesse* admirável, que consiste no fato de o valor da vida não poder ser avaliado (NIETZSCHE, 2000-b, p.20).

Traçar um horizonte é necessário, esquecer uma arte. O quanto de história precisamos, será uma das questões debatidas por Nietzsche. Qual história propriamente dita esta a serviço da vida? Com certeza a que não possui excessos, e que não degenera o que a vida de forma tão elevada elege para se manifestar. Os grandes momentos merecem ser lembrados e comemorados. Porém, não se deve deixar que “os mortos enterrem os vivos” (NIETZSCHE, 2003-c, p.23-24). A erudição cegou os homens em todos os tempos, procurou-se alcançar e imitar os grandes feitos sem considerar o tempo presente e quais eram as reais necessidades e predisposições. As bibliografias sem fim secaram vidas e anularam novas idéias já que não se tem mais nada de novo para dizer e gerar. Homens capazes de criticar o seu tempo e impulsionar os seus esforços a um resultado de luta por mais vida, por mais potência e que respire os ares de gerações passadas em todos os seus sentidos de decadência, erros e paixões são o que realmente se precisa em todas as gerações.

Homens em todos os tempos interiorizam conteúdos desprovidos de amor ao verdadeiro sentido do ato de conhecer, tornam a cultura um conceito vazio e sem propósito. Segundo Nietzsche (2003-c) isto acontece porque

[...] nós, modernos, não temos absolutamente nada que provenha de nós mesmos; somente na medida em que nos entulhamos e apinhamos com épocas, hábitos, artes, filosofias, religiões, conhecimentos alheios, tornamo-nos dignos de consideração, a saber, enciclopédias ambulantes, com o que talvez um antigo heleno extraviado em nosso tempo nos dirigisse a palavra (NIETZSCHE, 2003-c, p.23-24).

Esta reflexão tem por objetivo incentivar um trabalho em conjunto para travar uma batalha em favor de uma verdadeira formação. O filósofo que educa torna-se aqui aos olhos dos homens modernos um modelo a não ser seguido, desnecessário em muitos meios acadêmicos, será aceito somente através de um filosofar voltado ao mundo político e que demonstre os interesses do Estado. Entre se ensinar filosofia e viver filosoficamente há um grande abismo, e isso deve-se ao fato de que se alguém não viveu algo grande e intenso, não entenderá o que é grande e intenso. Encontramos esta falta de vivências no olhar interrogativo dos alunos de

diversas idades, principalmente frente a matérias intermináveis de história e filosofia. Portanto, ensiná-los a procurar em grandes homens a verdadeira utilidade de suas idéias não deveria ser algo banal como tentam demonstrar muitos educadores.

Chega ser instigante a pretensão de alguns professores acadêmicos ao celebrarem suas palestras filosóficas. A impressão é que somente eles descobriram o pote de ouro no final do arco-íris, já que ao serem questionados conseguem retribuir dez perguntas a mais, sem terem dado ao menos uma resposta. Complicam pensamentos originais e convencem-se de que possuem raras habilidades. Esqueceram que o verdadeiro ofício de um filósofo é tornar o conhecimento e o mundo compreensível, e não entre idéias aglomeradas formar um pensamento grandioso que acaba se tornando supérfluo e inaudível. Schopenhauer (2001) aponta que

[...] se o leitor extenuar-se inutilmente – em vez de responder ‘Que diabo tenho a ver com isso’ e jogar o livro fora – chegará no final a pensar que ali deve haver algo inteligente, que supera até mesmo sua capacidade de compreensão; e então, levantando as sobrancelhas, chamará o autor de pensador profundo (SCHOPENHAUER, 2000, p.41).

Por este motivo que entre personalidades maduras e raras, luta-se pelo trabalho em conjunto e acredita-se em um amadurecimento a longo prazo. Aos que não são fortes o suficiente para irem a guerra, que pelo menos saibam dela falar. O estranho deve ser visto como igual, o diferente igualado, e assim seguem-se regras de tudo catalogar para melhor discernir o que é educar. Se hoje os jovens não são levados à guerra com grandes exércitos e lutas violentas, basta excitá-los em ideais nefastos e publicar nos meios de comunicação para uma guerra intelectual ser travada nos quatro cantos do mundo.

De certa forma, a solução poderia começar contra os modelos consolidados. Em seguida compreender e entender as leituras como parte de nós mesmos, e através de ajustes de interseção envolvê-los em sua totalidade. Nietzsche entende que este processo é seletivo, faz parte da fisiologia humana, ou seja, de um conjunto de impulsos (*Trieb*).² A hierarquização dos impulsos clamará por mais potência, lutas, forças e de indivíduos que estejam preparados para

² Para Frezzatti (2006), a disposição dos impulsos em um organismo indica sua condição fisiológica: se os impulsos estiverem hierarquizados, ou seja, organizados segundo um impulso ou conjunto de impulsos dominantes, o corpo é sadio; se estiverem desagregados, é decadente ou doente. Culturas, filosofias, morais e pensamentos são expressões desses impulsos. A doença para Nietzsche, inspira as noções desejosas de um além, um fora, um acima: a filosofia do transcendente origina-se da interpretação da vida por parte de um conjunto de impulsos que não podem ou não conseguem crescer em potência (FREZZATTI, 2006, p.28).

transformações, ou seja, participarão de um processo autocriativo em prol da singularidade do seu existir. Precisa-se dar voz a estes jovens que não foram contaminados pelo erudito, pela ciência. Mas como conservar o homem culto e livre?

Em meio a muitas propostas do nosso ensino, infelizmente acabamos sempre na uniformização. Porém, conhecimento não é um ator neutro e desinteressado. Segundo Machado (1999),

[...] o que caracteriza o conhecimento é estar em relação expressiva com um elemento considerado por Nietzsche como tão real quanto o mundo “material”: o mundo dos instintos, dos apetites, das paixões, dos afetos, dos desejos, ou, para utilizar o conceito fundamental, a vontade de potência (MACHADO, 1999, p.95).

O que significa dizer que o conhecimento expressa diversos instintos e não apenas um único instinto. Entre o combate dessas forças cada uma procura afirmar a sua perspectiva. Por este motivo Nietzsche também coloca a cultura em termos fisiológicos, pois qualquer produção necessita de impulsos firmes e hierarquizados, se assim estiverem o corpo é sadio, mas se estiverem debilitados é doente. Frezzatti (2006), a este respeito faz uma observação importante,

[...] a elevação de certos homens e de certas culturas constitui-se mediante um processo dinâmico (a luta por mais potência) e não por meio de um ideal a ser atingido pela evolução humana. Aliás, progresso e evolução humanos são conceitos considerados ilusórios pelo pensamento nietzschiano. É importante assinalar que Nietzsche não crê em nenhuma forma de progresso e muito menos no progresso da humanidade como um todo. A transformação do homem não ocorre como a seleção natural darwiniana que, no final, produz uma nova espécie. O filósofo acredita no surgimento de homens isolados com características que permitem a superação e não na elevação da humanidade como um todo: esses homens isolados são os gênios (FREZZATTI, 2006, p.28).

Para Nietzsche é desta forma que se produz uma nova cultura. Assim, os povos buscam preservar suas características e tradições, mantendo cada um características específicas. Com disposições morais singulares a cada um, a educação é transformada e fixada. Mas a ele interessa os homens que sempre estão aptos a ultrapassar as dificuldades, sem adaptarem-se a ambientes e situações. Ou seja, tanto para a sua vida, como para o gênio e a própria cultura o processo é seletivo. Como já foi dito, impulsos e forças sempre se expressam em busca por mais potência. Mas Nietzsche sonha com os homens fortes que venham a lutar por uma cultura elevada. Dessa

forma, quanto mais potente forem os impulsos, mais natural é o homem, e este é o verdadeiro gênio para Nietzsche.

Porém, o gênio, o criador de novos valores será substituído por aquilo que Nietzsche chamará de três egoísmos, que são:

O egoísmo da classe dos comerciantes, o egoísmo do Estado, o egoísmo da ciência resumem-se, para Nietzsche, no fato de servirem-se da cultura em benefício próprio. Visando ao lucro, os negociantes exigem educação e cultura. O Estado, “o padrão de todos os egoísmos inteligentes”, utiliza-se da cultura para se promover. O cientista acredita fazer algo para a cultura, quando, na verdade, está a serviço de suas próprias necessidades. As três potências egoístas desviaram a cultura de seus objetivos e impediram que a tarefa da educação fosse o desenvolvimento pleno de todas as potencialidades humanas. Conclui-se daí que não existem instituições para a verdadeira cultura, ou seja, para aperfeiçoar a natureza e acelerar a vinda do filósofo e do artista – em suma, do gênio (DIAS, 2001, p.85).

A originalidade nietzschiana lhe custou uma vida de solidão. Incompreendido e esquecido pelos acadêmicos e amigos percebe que todo o verdadeiro filósofo e artista são alvos do seu tempo e ao mesmo tempo estranho a ele. Não limitado aos parâmetros que são instituídos pelos três egoísmos que acabou de ser citado acima, Nietzsche recusa-se a ficar calado e declara guerra a todos os ditos ‘funcionários da filosofia’. Assim, elege o aforismo e a palavra poética para selecionar os seus verdadeiros leitores. Através de fragmentos e pensamentos cisados instiga o leitor a percorrer caminhos jamais pensados por ele. Quebra-se hábitos, supera-se o senso comum e eleva-se o espírito a suportar o silêncio das transformações e criações que jamais se pode sentir. É neste âmbito que para Calomeni (2003),

[...] a intempestividade, a solidão e a linguagem poética e aforismática definem a filosofia de Nietzsche: filosofar não é assentar-se da existência e esconder-se no pensamento abstrato, frio e supostamente desinteressado; é ocupar-se, inclusive, do ‘estranho’ e ‘questionável’ do ‘existir’ e de tudo aquilo que é ‘banido pela moral’ (CALOMENI, 2003, p.50).

Nietzsche exalta os filósofos de passos solitários, ele mesmo admitia ter esta necessidade, pois a solidão purifica as vivências, as torna lúdicas. Sem um momento consigo mesmos os homens acabam aniquilando suas verdades, transformando suas crenças em uma grande ilusão. Por viverem em busca do que somente a razão pode alcançar esqueceram-se como

nos lembra Nietzsche (2005-b, p.29-30) que “[...] a arte é mais poderosa do que o conhecimento, pois é ela que quer a vida, e ele alcança apenas, como última meta, - o aniquilamento”.

A arte de se educar filosoficamente visa que cada um encontre em si mesmo e torne infinitas as suas possibilidades, que preservem sempre a sua singularidade e não siga métodos. Esta educação será realizada contra o seu tempo, em uma formação que instigue espíritos intempestivos, que através da desconstrução dos imperativos encontrem emancipação. Reencontrar a nós mesmos após ter vivido mil outras vidas, realizar um duro exame de consciência são requisitos importantes para que se possa avaliar a educação e intensificá-la a querer experimentar o que até agora nos foi dado como proibido.

A nossa formação almeja homens que não estejam destituídos de tempo, que não somem ou diminuam suas forças e dedicação com o salário e às horas extras. Apesar de serem raros, Nietzsche acredita que ainda existem homens capazes de aprender a digerir suas leituras e assimilarem até mesmo as entrelinhas. Que o grande objetivo seja o de não ter objetivos, ou seja, que os futuros educadores sem vangloriar-se em uma erudição descabida que apenas tece livros de que para nada servem, efetivem um trabalho leve e contagiante. Como deseja Nietzsche (2005-b),

[...] você é o meu leitor, pois será calmo o suficiente para seguir um longo caminho com o autor, cujas metas ele mesmo não pode ver, nas quais deve acreditar honrosamente, para que uma geração posterior, talvez distante, veja com os olhos o que só tateamos às cegas, dirigidos apenas pelo instinto. Se o leitor, em contrapartida, pretender que só um pulo ligeiro é necessário, um ato bem-humorado, se considerar que se alcança tudo o que é essencial com uma nova “organização” decretada pelo estado, então devemos temer que ele não chegou a entender nem o autor, nem o problema propriamente dito (NIETZSCHE, 2005-b, p.35-36).

A sua formação é importante que fique a ele restringida, que não interfira em sua leitura como fazem os homens modernos. Entregar-se sem preconceitos e de asas abertas, com a confiança de um forte aprendizado jamais antes sentido e atingido, é uma tarefa maravilhosa a efetivar. A academia burla todos estes requisitos ao instituir um manual obrigatório de leitura para os alunos e, além disso, destinados a determinado autor. Aos que ousam novos olhares e

interpretações, logo serão incentivados a se tornarem filisteus³ virtuosos da cultura. Nietzsche os denunciava como enfatiza Marton (1993),

Nietzsche entende que os “filisteus da cultura” representam o contrário dos homens verdadeiramente cultos. Incapazes de criar, limitam-se à imitação e ao consumo. Mas, em toda parte, deixam sua marca; organizam as instituições artísticas e os estabelecimentos de ensino. Por obra deles, a cultura torna-se venal. Objeto de possíveis relações comerciais, submete-se às leis que regem a compra e a venda. Produto a ser consumido, deve ter uma etiqueta e um preço. Transformada em mercadoria, converte-se em máscara, engodo (MARTON, 1993, p.18).

Há um acordo entre alemães e filisteus na Alemanha de Nietzsche. Eles encontram-se, entram em acordo de como as coisas devem ser transmitidas e partilhadas. Devem igualar-se no filosofar, no escrever, em como poetizar e se formar. O caminho mais curto é aprender tudo através da erudição historiográfica. Isentos de pensarem por si só erigiram seus castelos intelectuais sem serem abalados, já que o senso comum prevalece em todo lugar, épocas e gerações. Pressentir as reais necessidades de um tempo vindouro para corresponder e concretizar um novo plano de formação é atributo de educadores e filósofos que infelizmente encontram-se exauridos em um sistema falido e doente, fruto de inúmeras correntes e representados por infinitos educadores que clamam por uma ação em conjunto.

O ‘questionar’ é uma das armas do arsenal nietzschiano. Por isso ele critica os homens do conhecimento, já que estes não se conhecem e não possuem uma clareza desejável a respeito de suas vivências. Estes homens procuram manter sempre uma seqüência mórbida em suas vidas, esquecendo que podem viver de pequenas cisões de vez enquando. Nietzsche vivenciou estas cisões como ninguém. Imerso em fortes dores de cabeça, de estômago, e outras intempéries ele nunca deixou de eleger suas vivências como a mais poderosa obra de arte, como o dom mais digno de ser vivido. Por este motivo irritou-se durante toda a sua vida com os fracos. Homem

³ Segundo Marton (1993), em sua obra “*Nietzsche: a transvaloração dos valores*”, o termo “filisteu”, que já aparece na Bíblia, passou a ser empregado no século XVIII, nos meios universitários alemães, para designar os estritos cumpridores das leis e dedicados executores dos deveres que execravam a liberdade gozada pelos estudantes. Personagem de bom senso, inculta em questões de arte e crédula na ordem natural das coisas, o “filisteu” recorria ao mesmo raciocínio para tratar das riquezas mundanas e das culturais. O poeta Heine diria que ele pesava, na sua balança de queijos, “o próprio gênio, a chama e o imponderável”. (Ao formular a expressão “filisteus da cultura”, é nessa mesma direção que Nietzsche caminha) (MARTON, 1993, p.18).

doentio de índole baixa e sem vontade alguma de vida. Não encontram em seus sofrimentos um sentido de a ele querer superar, entregaram suas vidas a compaixão de outros homens e estes terminaram de os matar, e ainda os matam. Nietzsche (1998) assegura,

[...] apesar de tudo – o homem estava *salvo*, ele possuía um *sentido*, a partir de então não era mais uma folha ao vento, um brinquedo do absurdo, do sem-sentido, ele podia querer algo – não importando no momento para que direção, com que fim, com que meio ele queria: *a vontade mesma estava salva*. Não se pode em absoluto esconder o que expressa realmente todo esse querer que do ideal ascético recebe sua orientação: esse ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio – tudo isto significa, ousemos compreendê-lo, uma *vontade de nada*, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma *vontade!*... E, para repetir em conclusão o que afirmei no início: o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer*... (NIETZSCHE, 1998, p.148-149).

Aos olhos de Nietzsche os homens tornaram-se uma grande ilusão, imersos cada um em sua bolha, escolheram diferentes máscaras para representarem suas convenções e lisonjas. Em suas bandeiras a palavra unânime é a que luta por reformas, e reformar o que nunca se revela como certo ou benéfico para um povo, deve ser reformado? Perderam-se os instintos melindrosos para as relações humanas, estar consciente de si tornou-se o maior dos fados, pensar que se pode educar e dominar o outro: o maior dos artifícios.

O que fica evidente até aqui é, “[...] que vivemos até agora e nos formamos de uma maneira totalmente diversa do que seria preciso – mas como vamos fazer para transpor o abismo que separa o hoje do amanhã?” (NIETZSCHE, 2003-a, p.110). A resposta não é difícil de ser pensada, simplesmente porque se lembra apenas do que foi escrito e não da vida destes gênios. Esquece-se rápido de suas dores, melancolias, tristezas, doenças e após suas mortes aproveitam-se para eternizá-los como os maiores de todos os tempos e gerações. Mas quem os matou? Quem ainda os mata? Hoje temos as ditas doenças modernas, mas não existiam séculos atrás? Nietzsche (2003-a) exorta,

[...] Vocês não favoreceram nenhum dos nossos gênios – e querem agora criar um dogma para impedir o aproveitamento de qualquer um deles? Mas, perante todos eles, vocês foram até agora antes de mais nada ‘a resistência do mundo estúpido’, como disse explicitamente Goethe no epílogo de *O sino*;

comparados a eles, vocês foram os imbecis carrancudos, os invejosos de coração estreito, ou os egoístas malignos. Foi apesar de vocês que eles criaram suas obras, e foi graças a vocês que eles morreram tão cedo, com sua tarefa inacabada, despedaçada e entorpecidos pelos combates. Ninguém pode imaginar o que estes homens heróicos estariam destinados a alcançar, se o autêntico espírito alemão tivesse, numa poderosa instituição, estendido sobre eles o seu teto protetor, este espírito que, sem uma instituição deste gênero, leva uma existência isolada, dispersa, degenerada. Todos estes homens foram aniquilados: e é preciso uma fé fanática no caráter racional de tudo que ocorre, para com isso desculpar sua culpa! (NIETZSCHE, 2003-a, p.112-114).

Porém, considera-se que Nietzsche é um dos maiores intelectuais do mundo contemporâneo. O que acarretou a ele o título de incompreensível e imprevisível. Por este motivo soube vencer o pessimismo com o melhor de todos os remédios: a arte. Formou-se através dos princípios filosóficos, e não dispensou uma luta contra todas as desordens. Acreditou que os homens um dia se fartariam de tantas leituras, que bibliotecas seriam destruídas em prol de um pensamento livre. Apesar disso considerava sermos felizardos por vivermos em uma época tão abundante de conhecimento e de diferentes publicações, apenas com a ressalva de se saber distinguir as boas literaturas das más.

Para obtermos êxito na escolha de nossas leituras, é interessante no primeiro momento o afastamento dos nossos professores. Se eles forem verdadeiros mestres, se sentirão realizados por deles nos afastarmos, mas é oportuno aprender a se precaver. Somente assim, aprimora-se o estilo, o que permite elevar os pensamentos a cumes jamais visitados, sendo este o prazer do espírito livre. Estar inconsciente dos limites é o maior dos prazeres que um simples mortal pode sentir, para em poucos momentos pensar que é um deus. Por isso Langellotti (2001) observa que

[...] a verdadeira formação é a que sustenta a natureza aristocrática do espírito. Seu objetivo é: formação de indivíduos seletos, capacitados para obras grandes e duradouras. O gênio tem uma origem metafísica, uma pátria não natural. A verdadeira formação do povo a aclara com a alegoria da mãe, a qual nasce do inconsciente e do mito. Com a instrução generalizada perde o povo seu vínculo com o eterno através do gênio. O gênio maduro deve instruir-se na matriz da formação do gênio, para vinculá-lo com o eterno, redimindo-o da esfera cambiante do momentâneo (LANGELLOTTI, 2001, p.123-124).

Para Nietzsche nenhuma época deixa de vivenciar o que lhe foi incumbido, não se desvia da tarefa de educar em nenhuma época. Algumas coisas podem ser proibidas, mas não significa que não podem ser achadas. Por este motivo, aos que se acham incapazes de criar como os

grandes gênios, Nietzsche (2005-c, p.240) os considera como “[...] os filósofos de folhetim, que constroem uma filosofia não a partir da sua vida, mas de coleções de provas para certas teses”. Imersos em um trabalho sem fim, nunca estão satisfeitos com suas produções já que elas encontram-se a cada dia superadas por cópias melhores. Um sistema de interpretações é recomendado pelos professores para que o trabalho seja menos árduo possível, apesar de que isso não quer dizer que sejam dados por acaso a alguns. Nietzsche (2005-c, p.240) passa a denunciar tais intentos e diz não respeitar mais seus leitores e sim a tomar nota de si próprio, “[...] o que me provocou mais desgosto? Ver que ninguém mais tem coragem de pensar até o fim...”. E esta é uma tarefa que requer profundezas, abundância e vida.

Por exemplo, os sistemas filosóficos são benéficos e possuem sentido para aqueles que os criam. O grande problema é que por causa dos reducionismos, a modernidade passou a construir a imagem do filósofo ao seu bel prazer, ditando inclusive conteúdos obrigatórios a serem ministrados e seguidos. Neste instante esquece-se que a Grécia tornou-se o berço da filosofia pelo simples motivo que os Gregos filosofaram, ensinaram o olhar distante, além montanhas, e demonstraram a arte da felicidade no seio do filosofar. Fato este degradado pelo filosofar do erudito dos nossos dias que degenera todo pensamento puro e culto em nossas universidades. A grande admiração de Nietzsche em relação aos Gregos é que tudo o que eles aprendiam logo colocavam em prática, vivenciar era o lema. Para ele, foram eles os que “[...] inventaram, de fato, os tipos principais do espírito filosófico, aos quais toda a posteridade nada acrescentou de especial” (NIETZSCHE, 1995-a, p.19-20). Notamos assim, que

[...] o juízo desses filósofos sobre a vida e sobre a existência em geral é muito mais significativo do que um juízo moderno, porque tinham diante de si a vida numa plenitude exuberante e porque neles o sentimento do pensador não se enreda, como em nós, na cisão do desejo da liberdade, da beleza, da grandeza da vida, e do instinto de verdade, que só pergunta: o que é que a vida vale? A tarefa que o filósofo tem de realizar no âmbito de uma civilização autêntica e possuidora de uma grande unidade de estilo não se adivinha a partir de nossa condição e de nossa experiência, porque não temos uma tal civilização. Pelo contrário, só uma civilização como a grega pode responder à pergunta relativa à tarefa do filósofo, só ela pode, como eu dizia, justificar a filosofia em geral, porque só ela sabe e pode provar porque razão e como o filósofo *não* é um viajante qualquer, acidental e surge disperso aqui e ali. Há uma necessidade férrea que acorrenta o filósofo a uma civilização autêntica: mas o que acontece quando esta civilização não existe? Então, o filósofo é como um cometa imprevisível e assustador, ao passo que, numa boa ocorrência, brilha como o astro-rei no sistema solar da civilização. Os Gregos justificam o filósofo,

porque este, junto deles, não é nenhum cometa (NIETZSCHE, 1995-a, p.19-20).

Nietzsche foi um educador exemplar, ensinou os seus alunos a olharem a antiguidade com argúcia e entusiasmo, respeitando seus heróis e conservando a sua filosofia. Não era por acaso que os homens preguiçosos, habituados aos seus costumes e opiniões lhes atordoavam o espírito. O medo lhes roubou uma vida de felicidade privando-os de toda liberdade. Fora de seus próprios eixos tudo o que se dedicam é a repetição de opiniões alheias. Não há vigor em suas idéias, banalizam o seu tempo deixando pobres teorias para a posteridade. Malditos conformistas contribuíram com a morte de muitas épocas. Chegam a confundir os gênios, já que aparentemente são estes que surgem fora do seu tempo. Brilhantemente Nietzsche (2003-a) lembra que,

[...] somente os artistas detestam este andar negligente, com passos contados, com modos emprestados e opiniões postizas, e revelam o segredo, a má-consciência de cada um, o princípio segundo o qual todo homem é um milagre irrepitível; somente eles se atrevem nos mostrar o homem tal como ele propriamente é e tal como ele é único e original em cada movimento dos seus músculos, e mais ainda, que ele é belo e digno de consideração segundo a estrita coerência da sua unicidade, que ele é novo e incrível como todas as obras da natureza e de maneira nenhuma tedioso. Quando o grande pensador despreza os homens, é a preguiça destes que ele despreza, pois é ela que dá a eles o comportamento indiferente das mercadorias fabricadas em série [*Fabrikwaare*], indignas de contato e de ensino. O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: “Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensa e deseja” (NIETZSCHE, 2003-a, p.138-139).

Como são ávidos estes espíritos que se dedicam à produção em série. Não medem esforços para prejudicar àqueles que não se encontram amarrados em seus nefastos fados. Pois estes, encorajados pela própria arte do bem viver, assumem suas dores com êxito e prazer. Aprenderam a se encontrar apesar dos descaminhos que a própria vida impõe. Olhar para si e descobrir em sua essência o que a formação lhes ocasionou é temerário, mas necessário para fortalecer um espírito, não negar os erros e sentir-se feliz por tantas conquistas é o maior dos feitos. O que é natural e da sua essência será aprimorado, praticamente conservado. Não há educação que possa ultrapassar a sua liberdade e Nietzsche (2003-a) partindo desta concepção afirma:

[...] eis aí o segredo de toda formação, ela não procura os membros artificiais, os narizes de cera, os olhos de cristal grosso; muito pelo contrário, o que nos poderia atribuir estes dons seria somente uma imagem degenerada desta formação. Ao contrário, aquela outra educação é somente libertação, extirpação de todas as ervas daninhas, dos dejetos, dos vermes que querem atacar as tenras sementes das plantas, ela é fusão de luz e calor, o murmúrio amistoso da chuva noturna; ela é imitação e adoração da natureza no que esta tem de maternal e misericordioso, ela consome a natureza quando, conjurando os acessos impiedosos e cruéis, os faz levar a bom termo, quando lança o véu sobre suas intenções de madrasta e as manifestações de sua triste cegueira (NIETZSCHE, 2003-a, p.141-142).

Estas naturezas raras, não precisam ser notadas por seus mestres para que lhes vejam seus pontos fortes. Elas exalam por si só as suas forças e confundem os pobres de espírito que os consideram super dotados. A estes pobres homens basta o lamento e tudo o que é desnecessário. Para Nietzsche, o primeiro encontra-se no centro, enquanto o segundo se compraz na periferia, por isso para o nosso autor,

[...] este educador filósofo com quem eu sonhava poderia, não se deve duvidar, não somente descobrir a força central, mas também impedir que ela agisse de maneira destrutiva com relação às outras forças; eu imaginava que sua tarefa educativa consistiria principalmente em transformar todo homem num sistema solar e planetário que me revelasse a vida, e em descobrir a lei da sua mecânica superior (NIETZSCHE, 2003-a, p.142-143).

Partindo deste exame, nosso filósofo percorreu desde a antiguidade até a sua Alemanha, entre obras e homens, este educador com quem tanto sonhava. A cada passo, era tomado por uma insatisfação que o adoecia e o atordoava dia e noite. A soberba que os educadores e mestres interagiam uns com os outros, como os salvadores do mundo, lhe envergonhava profundamente. Para ele tudo o que pensavam, era na satisfação do mundo científico. Estes doutos da educação tornaram-se corcundas em seus ditos sacrifícios pela humanidade, mas de qual humanidade estavam se referindo, já que os honorários e os prêmios só a eles dizem respeito para manterem suas cátedras? Mesmo que se quisesse apontar virtualidades no mundo acadêmico, para Nietzsche não há mais os modelos ilustres que se possa guiar com segurança alguém. O que sobrou de nossos ancestrais em, nada foi acrescentado, apenas dissipado. Por culpa de uma sociedade que se calou diante destes fatos, escolas e mestres continuaram em seus formalismos e rituais. Para Nietzsche (2003-a, p.144-145), “[...] a virtude é uma palavra com a qual professores e alunos não querem mais pensar nada, uma palavra fora de moda da qual se ri – e é pior ainda quando não se ri, porque então é a hipocrisia”. Desprovidos assim de uma educação rigorosa e

de punho forte, sentimos até hoje, mesmo diante de discursos considerados contemporâneos a mesma história se repetindo, sendo ela pautada na falta de virtude ou de coisas novas.

Infelizmente Nietzsche não encontrou educadores que se colocassem acima da insuficiência da atualidade, como ele mesmo lamenta. Todos estavam ocupados em manter seus egos sempre afiados e desonestos para prosseguirem. Os filósofos já não são grandes o suficiente, se tornaram homens de pouco fôlego. Não trilham caminhos inusitados e repletos de novidades. Esconderam-se, sem ao menos se esforçarem. Para que venham a ser filósofos exemplares, diz ser necessário levar em consideração todos os requisitos para tal estima, desde sua vida, sua história, seus escritos, costumes e até mesmo do que se alimenta. Mas, segundo ele, “[...] estamos muito longe desta visibilidade de uma vida acadêmica” (NIETZSCHE, 2003-a, p.150-151), pelo simples motivo dos educadores mostrarem-se entrelaçados apenas aos estudos e suas pesquisas. Contudo, os filósofos solitários e livres de espírito fazem com que nem tudo se encontre perdido na interioridade de suas cavernas.. Engana-se quem pensa que eles são alheios a afetos e amizades, são exatamente estes amantes da solidão, que veneram estarem entre seus amigos para com eles filosofarem. Renovadores não suportam viver na dúvida, assim testam suas idéias e relacionam-se sem serem corrosivos com os outros indivíduos. São homens de primeira grandeza, que se colocam diante da vida sem temê-la e decepcioná-la. Não se embaraçam diante dos erros e analisam tudo a sua volta sem prejuízos e pendatismos.

Estes filósofos dedicam-se em avaliar sua época e o presente, sempre levando em consideração a imagem que possuem da vida. Buscar a responder qual é valor que a vida tem é uma grande perda de tempo, pois cabe vivê-la e não conceituá-la. O verdadeiro filósofo “[...] no seu tempo, ele combate o que o impede de ser grande, o que para ele só pode exatamente significar: ser livre e totalmente si mesmo (NIETZSCHE, 2003-a, p.162-163)”. A grande dádiva é não se conformar com as mazelas que uma época oferece, e sim dela se ocupar para aproveitar o melhor de sua existência.

Nietzsche não entende como os educadores que servem ao Estado julgam-se filósofos. Para ele existem deveres mais elevados do que este vínculo empregatício, e filósofos que se prezam não fazem vínculos, e principalmente, não se aborrecem quando se fala mal do Estado. Diferentemente da maioria que servem e discursam severamente contra ele, em longos debates hipócritas sem nenhum estilo. Mas Nietzsche (2003-a) não se conforma em relação a estes homens e pergunta:

[...] Não são todas as disposições do homem ordenadas para que, numa dispersão constante de pensamentos, a vida não seja sentida? Por que quer ele tão firmemente o contrário, quer dizer, justamente sentir a vida, quer dizer, sofrer a vida? Porque ele observa que se quer enganá-lo acerca de si mesmo e que existe uma espécie de consenso para fazê-lo sair da sua caverna. Então, ele se rebela, aguça o ouvido e decide: “Eu quero continuar sendo eu mesmo! Esta é uma resolução terrível, só pouco a pouco ele compreende isso. Pois é preciso agora que ele mergulhe nas profundezas da existência, com uma série de questões insólitas nos lábios: Por que é que vivo? Que lição devo aprender com a vida? *Como me tornei o que sou e por que devo sofrer por ser assim?* Ele se atormenta e vê que ninguém se atormenta assim; ele vê o quanto, ao contrário, as mãos dos seus contemporâneos se estendem apaixonadamente para os acontecimentos fantásticos que ostenta o teatro político, e como eles próprios, com cem máscaras diferentes, se pavoneiam como jovens, como homens, como velhos, como pais, como cidadãos, como padres, como funcionários, como comerciantes, assiduamente preocupados com sua comédia comum e de modo nenhum consigo mesmos (NIETZSCHE, 2003-a, p.172-175).

Quanta indiferença estes homens possuem por tudo o que é belo e autêntico. São desprezíveis e friamente calculistas com suas próprias vidas e de suas vítimas. Vivem para satisfazer o Estado, para serem eruditos respeitados, e que sejam apontados como ótimos cidadãos. A sua grande meta é trazer a tona todas às falsidades do mundo, confundindo seus alunos e alimentando suas almas com o que é artificial e descabido de sentido. Aliás, o sentido que se procura aqui é ascensão social, dinheiro, viagens, reconhecimento por qualquer artigo publicado e uma vida cheia de benefícios por servir ao Estado.

É por isso que, Nietzsche (2003-a, p.182-183) acredita que “[...] a humanidade deve constantemente trabalhar para engendrar os grandes homens – eis aí a sua tarefa, e nenhuma outra”. Escolher as circunstâncias favoráveis para esta escolha não é uma tarefa fácil. Pois, não se sabe se encontramos este fim último entre muitos homens ou em indivíduos que sacrificam suas próprias vidas. Para Nietzsche (2003-a) a questão é a seguinte:

[...] como a tua vida, que é uma vida individual, adquiriria o valor mais elevado, o significado mais profundo? Como seria ela menos desperdiçada? Certamente, unicamente a medida em que tu vivas em proveito do exemplar mais raro e mais precioso, e não em proveito do grande número, quer dizer, daqueles que tomados isoladamente, são os exemplares de menor valor. E o estado de espírito que é preciso justamente implantar e cultivar num jovem é que ele se compreenda a si mesmo sobretudo como uma obra carente da natureza, mas ao mesmo tempo como um testemunho das intenções maiores e mais maravilhosas desta artista: ela malogrou, dever-se-ia dizer; mas quero honrar sua grande intenção colocando-me a seu serviço, a fim de que mais uma vez ela tenha mais sucesso (NIETZSCHE, 2003-a, p.182-183).

É este homem que se coloca a disposição da cultura. Acima de si almeja atingir a humanidade, interessando-se na renovação dos homens. O filósofo educador descobriu o que é amar, reconhece nos outros potencialidades para sentirem o ar puro das montanhas. Escalou sem reclamar os altos cumes, mesmo quando não encontrou em seu caminho uma única alma para compartilhar os seus ensinamentos. Os homens para ele sempre estão angustiados e tristes, não entenderam que a vida tem sentido justamente por ser problemática.

O desejo de cultura deve ser o mesmo das grandes batalhas, sendo justamente elas, as mais caras e importantes. Neste tipo de ação combate-se hostilidades, hábitos, preguiça e mesquinhas. E principalmente, os escravos atormentados por três “M” como declara Nietzsche (2003-a, p.188-190), sendo eles: “[...] o momento, as maneiras de pensar e os modos de agir. [...] Pois este é o liame que une a moda ávida da bela forma ao conteúdo horroroso do homem contemporâneo”. Estes homens sempre encontram motivos para se camuflarem em uma forma qualquer. Lutam por instinto e vencem apenas para seu bel prazer. É incrível como odeiam a filosofia confundindo-a com um grande tédio no lugar de um delicioso ócio, Nietzsche (2003-a) explica que,

[...] embora o verdadeiro pensador não aspire nada tanto quanto o ócio, o erudito ordinário foge dele porque não sabe o que fazer com isso. Seus consolos são os livros: quer dizer, ele escuta alguém pensar diferente dele, e passa a conversar sobre isto durante uma longa jornada. Ele escolhe em particular os livros com os quais sente uma certa afinidade, com relação aos quais pudesse reagir um pouco, seja por atração, seja por repulsão: os livros, portanto, em que ele próprio é levado em consideração, ou antes, a sua situação, as suas convicções em matéria de política, de estética ou simplesmente de gramática; se, além disso, ele tem uma ciência para si, não lhe faltarão jamais os meios de distração nem os antídotos contra o tédio (NIETZSCHE, 2003-a, p.191-196).

E por fim, todos estão se vigiando constantemente dentro das instituições, imersos em suas verdades e estritamente de olho no trabalho alheio para alimentarem sempre a inveja que os incendeiam. Se alguém encontrou uma verdade é aplaudido para que logo faça o mesmo em relação à outra verdade encontrada. Aproveitam-se de suas pequenas ocupações para torná-las um emaranhado de palavras difíceis e complicadas aos olhos e ouvidos simples. Estes eruditos são infecundos por natureza, enquanto os grandes gênios são extremamente fecundos, sendo esta a principal diferença entre ambos. Quanto aos infecundos basta apenas alimentar um ódio infinito sobre o domínio de espírito e originalidade de um gênio. Por este motivo,

[...] as condições de nascimento do gênio não são as melhores na época moderna, e a animosidade contra os homens originais cresceu a tal ponto, que Sócrates não poderia ter vivido entre nós, ou que, em todo caso, ele não teria alcançado os 70 anos (NIETZSCHE, 2003-a, p.197).

Estas concepções, ainda são o reflexo de uma educação que traz os resquícios da educação medieval. Revisar estas noções e lhe dar um novo caráter deveria ser o objetivo da pedagogia atual. Não importa se a batalha começará em uma geração sendo terminada por outra, o importante é começar e não desviar do caminho. O gênio se engaja nesta luta sem sentir vergonha e temor. Não sucumbe frente ao Estado por não dar as suas obras a importância merecida. Encontrar uma lacuna para que o filósofo voltasse a educar os filósofos é um sonho que chega a ser desesperador. Ser filósofo, ser artista é uma dádiva propensa à solidão eles “[...] testemunham contra o sentido prático da natureza na escolha de seus meios, ainda que estes sejam a mais excelente prova da sabedoria dos seus fins” (NIETZSCHE, 2003-a, p.200-203). Afetam pouco, são melhores acolhidos em terras que jamais ouviram deles falar, do que em seu próprio país. A falta de leitores mata estes nobres espíritos antes mesmo do seu tempo, todavia a má interpretação destes leitores também os mata. Os homens perdem muito tempo em insanidades imaginárias a respeito de outros homens, apegam-se a concepções falidas, procurando sempre teorias que tragam apenas o resumo do universo e não todo o seu conteúdo exaustivo e desnecessário para estes. O imediatismo tomou conta de todas as gerações, aperfeiçoando-se cada vez mais nos meios acadêmicos. Felizes os que realizam no tempo contado todas as suas concepções diante de centenas de bibliografia, aos que ultrapassam o tempo não são perdoados pelo tempo que as suas idéias precisaram para amadurecer, mas são apontados como preguiçosos e incompetentes. Ninguém o elogia, e nem percebe que “[...] ele somente tomou para si uma única tarefa e um milhão de meios para resolvê-la: um único sentido e inúmeros hieróglifos para expressá-lo” (NIETZSCHE, 2003-a, p.205-206). Como Nietzsche admira estes homens livres e de tarefas extraordinárias sem dia e hora para acabar, que se esforçam para serem claros e concisos sem alterar a beleza de suas palavras e a profundidade de seus pensamentos.

Mas é lícito lembrar que nem todos os pais desejam filhos filósofos, e que sempre haverá os filósofos por natureza e os gerados pelo Estado. Os últimos não são livres e não entendem o que realmente significa ter liberdade. Vivem da filosofia alheia e não de sua própria filosofia, pois o seu pensamento sempre deve estar pautado em alguém. Assim o Estado entende que a

perigosa filosofia que nasceu na Grécia, esta a ele submetida já que o seu objetivo é atrair a maior quantidade de filósofos possível para dentro de suas instituições. Nietzsche (2003-a, p.209-210) pergunta: “[...] Algum filósofo universitário se deu alguma vez conta, claramente e em toda sua extensão, das suas obrigações e limitações?”. Para ele se alguém o fez, não permaneceu como funcionário do Estado. A preocupação de Nietzsche (2003-a) em relação aos filósofos acadêmicos e ao ensino filosófico é a seguinte:

[...] poderia propriamente um filósofo, conscientemente, comprometer-se em ter todos os dias algo para ensinar? E ensinar isto a qualquer um que queira ouvi-lo? Não deve ele dar uma aparência de saber mais do que sabe? Não deve ele falar, diante de um auditório desconhecido, sobre coisas das quais somente poderia falar sem risco diante dos seus amigos mais próximos? E, em geral, não se despojaria ele da mais magnífica liberdade, aquela de seguir seu gênio, quando este o chama e para onde o chama? – por estar comprometido a pensar publicamente, em horas determinadas, em coisas já dedicadas previamente. E isto diante de jovens! Um tal pensamento não está, de antemão, como que emasculado? E se por acaso, num belo dia, ele tivesse a seguinte percepção: hoje, não posso pensar nada, nada de inteligente me vem ao espírito – e apear disso, tivesse de ocupar seu posto e parecer pensar!? (NIETZSCHE, 2003-a, p.210-211).

Trazer à sala de aula apenas textos filosóficos é para Nietzsche o trabalho destinado aos filólogos, aos especialistas dos antigos, aos lingüistas, e aos bons historiadores e não de filósofos. A estes cabe lhes instigar o espírito com a história da filosofia e as suas aspirações em vivenciar experiências e reflexões novas, através da literatura, da música, das artes, e da poesia. Não se preparam os jovens para a filosofia, mas para a prova de filosofia. Entre dezenas de sistemas e diferentes teorias devem eles memorizar e discorrer sem respirar sobre todos os pensamentos que estiverem no plano curricular. Assim, o que acaba acontecendo é o afastamento destes jovens da filosofia, uma aversão aterrorizada pelas leituras infinitas que secam suas criatividade e seus dons artísticos. Não é por acaso que o nosso filósofo amaldiçoa a união complexa da inteligência do Estado e do magistério. A filosofia universitária encontrou inúmeros adeptos, porém triplicou os que sentem por ela um enorme desprezo. Alguns acreditam que ouvir música erudita, ir ao teatro e freqüentar as reuniões de estudos metódicos sobre determinado autor salvará toda a insignificância de sua índole.

A este respeito: quem os instigou a acreditarem que o Estado se importa com ‘verdades’? A aliança entre ambos é unicamente de utilidade, o que significa colocar o Estado acima da verdade. Porém, de uma falsa verdade, já que esta não se encontra disponível para ninguém. As

provas que são aplicadas aos alunos servem para desviar os seus espíritos da pura reflexão, tornando-os cidadãos devotados e com a ilusão de que alguma coisa fazem pela educação. Vivenciar a educação e dialogar com ela é algo que poucos possuem interesse em realizar. Há um muro entre as ciências, há uma cisão entre os diferentes conhecimentos. Apesar de tudo isso, Nietzsche (2003-a, p.217-220) diz que “[...] também o filósofo pode ser útil à universidade, se longe de se confundir com ela, ao contrário, ele a vigiasse com uma certa e respeitosa distância”. Porém, não é isso que vemos acontecer, a filosofia se tornou débil e ridícula. Todos se tornaram culpados e indiferentes frente à deusa verdadeira da filosofia, mas ainda se espera que ela comova homens fortes de natureza inaudita, que acreditem que novos gênios podem vir a surgir.

O sentimento é de traição, pois camuflaram as reais necessidades do aprendizado contratando servos despreocupados em ensinar. Estes transformam as leituras em aulas tediosas e sem profundidade já que a maioria dos alunos não domina nenhum idioma. Todavia, estes alunos conseguem se formar e continuam a repetir o que lhes foi destinado como filosofia. Contentam-se com artigos publicados em anais, jornais e na revista da universidade, sendo que se prestarmos atenção são apenas os títulos que são mudados. De uma monografia, dissertação ou tese nascem outras mil que camuflam em diferentes palavras sempre a mesma idéia. Mas ainda muitos se esforçam para mudar este cenário, e sentem-se felizes em conseguirem salvar pelo menos uma mente brilhante entre tantas que amam a ignorância.

Para Nietzsche o verdadeiro filósofo procura resistir todas as pressões pacientemente. Possui frieza de espírito e busca alcançar nos momentos doentios a mais elevada saúde que um ser humano pode sentir e almejar. Ou seja,

[...] num homem são as deficiências que filosofam, no outro as riquezas e forças. O primeiro *necessita* da sua filosofia, seja como apoio, tranquilização, medicamento, redenção, elevação, alheamento de si; no segundo ela é apenas um formoso luxo, no melhor dos casos a volúpia de uma triunfante gratidão, que afinal tem de se inscrever, com maiúsculas cósmicas, no firmamento dos conceitos (NIETZSCHE, 2001, p.10-12).

Nietzsche sentia um enorme prazer em estudar e comentar textos de pensamentos ocultos. Na maioria sentia a dor das entrelinhas de seus autores, e comovia-se em flagrar tantos espíritos doentios e pessimistas. Para ele “[...] Viver – isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; não podemos agir de outro modo” (NIETZSCHE, 2001, p.12-14). Por este motivo, não entendia o porque de

não transformarem momentos de tamanha desilusão em prazer, amor e afirmação. A fatalidade dos grandes filósofos é serem consumidos por uma grande dor, e dela retirarem confiança e força de vontade, apesar de que Nietzsche (2001, p.12-14) enfatiza, “[...] Duvido que uma tal dor ‘aperfeiçoe’ –; mas sei que nos aprofunda”. No fim, instiga-se a consciência a ser mais severa a questionar tudo profundamente, e a continuar amando a vida mesmo que seja de forma diferente. E se não há o mínimo desejo de seus próprios frutos colher, interroga-se sobre este poema nietzschiano:

Minhas rosas

Sim, minha felicidade quer fazer feliz,
Toda felicidade quer fazer feliz!
Querem vocês colher minhas rosas?

Terão de curvar-se e esconder-se
Entre rochas e espinheiros,
E com frequência lambar os dedinhos!

Pois minha felicidade é traquinas!
Pois minha felicidade é maldosa!-
Querem mesmo colher minhas rosas?
(NIETZSCHE, 2001, p.21).

O tom polêmico requer homens que assumam a sua responsabilidade. A educação é carente de tais homens. É preciso inventar uma outra forma de existência, ou seja, as mudanças devem se tornar mais humanas e direcionadas a preencher os alunos existencialmente, percebe-se isso claramente quando se fala em temas comum entre eles, e que os estimulam a expressarem suas opiniões. Porém, Nietzsche (2001) enfatiza que a vida não é argumento, sendo necessário lembrar que,

[...] ajustamos para nós um mundo em que podemos viver – supondo corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver! Mas isto não significa que eles estejam provados. A vida não é argumento; entre as condições para a vida poderia estar o erro (NIETZSCHE, 2001, p.145).

Talvez o que falte é um olhar mais simples diante da vida, tentar ver as coisas como elas realmente são. Fantasia-se muito sobre como o mundo deveria ser, não ensinam utilizar os cinco sentidos para aprender a tornar as coisas belas. Nietzsche espera por uma época mais guerreira que trave forças pensamentos e a conseqüências de se expressar o que realmente é preciso dizer.

Para isto é preciso de homens valentes que apreciem viver perigosamente, que façam de suas vivências verdadeiros experimentos. Que se busque o conhecimento por amor e não por dever, ou seja, “[...] A ‘vida como meio de conhecimento’ – com este princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até viver e rir alegremente! E quem saberá rir e viver bem, se não entender primeiramente da guerra e da vitória?” (NIETZSCHE, 2001, p.215). Os pensamentos, pelo menos os férteis precisam de ar puro, de passos leves e andar dançante, para que não sejam um fado ao lê-los. E quem sabe através de um ensino que cure, o riso se alie a sabedoria e haja como bem quer Nietzsche apenas a “gaia ciência”.⁴ Para que isso se torne possível, Nietzsche (2000-c) ressalta:

O interesse pela educação só ganhará força a partir do momento em que se abandone a crença num deus e em sua providência: exatamente como a arte médica só pôde florescer quando acabou a crença em curas milagrosas. Mas até agora todos crêem ainda na educação milagrosa: viram que os homens mais fecundos, mais poderosos se originaram em meio a grande desordem, objetivos confusos, condições desfavoráveis; como poderia isto suceder normalmente? Hoje se começa a olhar mais de perto, a examinar mais cuidadosamente também esses casos: ninguém descobrirá milagre neles. Em condições iguais, inúmeras pessoas perecem continuamente, mas o indivíduo que se salva torna-se habitualmente mais forte, porque suportou tais condições ruins mediante uma indestrutível força inata, e ainda exercitou e aumentou essa força: eis como se explica o milagre. Uma educação que já não crê em milagres deve prestar atenção a três coisas: primeiro, quanta energia é herdada?; segundo, de que modo uma nova energia pode ainda ser inflamada?; terceiro, como adaptar o indivíduo às exigências extremamente variadas da cultura, sem que elas o incomodem e destruam sua singularidade? – em suma, como integrar o indivíduo ao contraponto de cultura privada e pública, como pode ele ser simultaneamente a melodia e seu acompanhamento? (NIETZSCHE, 2000-c, p.167-168).

⁴ Paulo César de Souza, tradutor de Nietzsche esclarece que, “o título foi tomado da expressão com que os trovadores provençais (séculos XI-XIV) designavam a sua arte: *gai saber* ou *gaia scienza* (no subtítulo original está *gaya*; a ortografia não é estabelecida, pois são formas lingüísticas da Idade Média). Mas já no prólogo percebemos que Nietzsche lhe ampliou a significação. Esse título tem primeiramente um sentido pessoal, neste que ele próprio considerava o mais pessoal, neste que ele próprio considerava o mais pessoal de seus livros: é o canto de convalescença de alguém que muito sofreu e agora sente que lhe volta o vigor. Num plano extra-pessoal, a sua ciência gaia é aquela que alegremente se impõe limites no questionamento do mundo, para preservar e afirmar a existência. Os gregos foram profundos, ao cultivar duplamente a superficialidade: adoraram as formas e as ilusões e não desenvolveram técnicas de excessivo domínio da natureza (“O fim da ciência é destruir o mundo”, diz uma anotação do jovem Nietzsche, renunciando o temor nuclear e a consciência ecológica de hoje)”. (NIETZSCHE, 2001, p.334).

Nietzsche acredita que os povos sempre fizeram de tudo para não ter grandes homens, assim eles precisariam de forças extraordinárias para superar estes milhões de indivíduos. Ele mesmo foi um desses grandes homens que severamente lutou contra o seu tempo. Sempre acreditou que o seu nome estaria ligado as mais profundas colisões de pensamento, que mesmo diante das decisões e situações mais terríveis o seu espírito lutaria com a mais profunda afirmação de aderir tudo o que a ele se quisesse revelar. Pois, “[...] o sentido do vir a ser precisa ser a cada momento completado, alcançado, aperfeiçoado” (NIETZSCHE, 2002-a, p.76). A objetividade que procurava alcançar em seus feitos ultrapassava todas as dores e enfermidades, se importava somente com os que sofriam em todos os aspectos possíveis de sua existência, assim provavam o quanto podiam suportar sem mal dizer a grandeza da vida.

Recuperar a tenacidade é de suma importância para não se perder à vontade de viver. O mais desejável é que os educadores entreguem-se a autodisciplina e reajam as adversidades com talento e vigor. Através disso, que se tenha em mente que uma educação a este nível é necessária a todos os sentidos, ou seja, espiritualmente e corporalmente. Para Nietzsche há muito tempo se esqueceu do corpo e de sua importância. Flácidos e dolorosos de ficarem horas sentados, devem ser exercitados e disciplinados para o estudo, para o exercício em ar livre, para a liberdade de respirar o ar puro das alturas, assim estará preparado para avançar, e nada temer, desta forma odiará acomodações e buscará sempre os melhores exercícios.

O fato é que os homens amam as máscaras, não suportam o que seja símile a sua imagem. Maltratam-se, a ponto de se tornarem irreconhecíveis para si mesmos. Desejam ocultar até mesmo os bons feitos, sendo que até mesmo nas profundezas do seu ser toda e qualquer interpretação e reação é falsa. Talvez a maior liberdade consista em quebrar todas as prisões, desde as tidas como mais benéficas, por exemplo, uma amizade, um pensamento, um amor ou então, as mais convencionais, a ciência, os atos de compaixão e piedade. Por estes motivos Nietzsche (1992-a, p.46) adverte, “[...] é preciso saber preservar-se: a mais dura prova de independência”. Se não nos atentarmos para isso, perdemos o controle de nossas vidas, dos alunos e da real orientação necessária para o ato de bem educar.

Nietzsche se preocupa com os filósofos vindouros, e o principal motivo, é se serão eles amigos da verdade. Alivia-se em pensar que não sejam pelo menos dogmáticos, pois “[...] o que pode ser comum sempre terá pouco valor. Em última instância, será como é e sempre foi: as grandes coisas ficam para os grandes, os abismos para os profundos, as branduras e os tremores

para os sutis e, em resumo, as coisas raras para os raros” (NIETZSCHE, 2002-a, p.47). Por este motivo, ama os homens fortes e que lutam contra o seu tempo com os pés nas gerações futuras. E espera que não precisem declinar para todos perceberem que possuem talento. É evidente que nossos sentidos também nos traem algumas vezes, porém, reproduzir ações que já foram efetivadas em muitas ocasiões, fere até mesmo a mais alta moralidade. Propriamente isso acontece quando estamos diante do que é novo,

[...] mesmo nas vivências mais incomuns agimos assim: fantasiemos a maior parte da vivência e dificilmente somos capazes de não contemplar como “inventores” algum evento. Tudo isso quer dizer que nós somos, até a medula e desde o começo – habituados a mentir (NIETZSCHE, 2002-a, p.92-93).

Mas ainda se confundem os filósofos, os filósofos trabalhadores e os homens da ciência. Este fato deve-se em muitas ocasiões, pelo motivo dos filósofos vivenciarem várias etapas que os assemelham aos filósofos trabalhadores e os homens da ciência, sendo que a principal diferença é que o primeiro aprende a lição e das profundezas retorna as alturas com a maior de todas as exigências, ou seja, cria valores. A eles compete-se a tarefa de comandar e legislar, “[...] estendem a mão criadora para o futuro, e tudo o que é e foi torna-se para eles um meio, um instrumento, um martelo” (NIETZSCHE, 2002-a, p.117-118). São estes os homens do amanhã, que vivem em contradição com o seu hoje e que de certa forma, realizam da melhor maneira possível a sua tarefa. Para Nietzsche esta nobreza de espírito deve-se

[...] ao homem superior, ao dever superior, à plenitude de poder criador e dom de dominar – hoje o ser-nobre, o querer-ser-para-si, o poder-ser-distinto, o estar-só e o ter-que-viver-por-si são parte da noção de “grandeza”; e o filósofo revelará algo do seu próprio ideal quando afirmar: “Será o maior aquele que puder ser o mais solitário, o mais oculto, o mais divergente, o homem além do bem e do mal, o senhor de suas virtudes, o transbordante de vontade; precisamente a isto se chamará grandeza: pode ser tanto múltiplo como inteiro, tanto vasto como pleno”. E mais uma vez perguntamos: será hoje – *possível* a grandeza? (NIETZSCHE, 2002-a, p.46).

O filósofo nasce na experiência de suas vivências e não de fórmulas prontas e acabadas. Ao contrário dos que pensam que é um trabalho árduo e penoso este criar para a vida, ele se faz de modo leve, desinteressado e dançante. Levar o conhecimento nas últimas conseqüências da espiritualidade aniquila a arte do livre pensar, dispensa um querer mais pela existência, transforma a liberdade em arbitrariedade e força que alguns se apropriem de dons que não a eles

concebidos, como por exemplo, a ‘arte de ensinar’ a verdadeira filosofia. Mas a ela esta destinada os grandes, os herdeiros originais, os que não se prestam a bater em sua porta e entrar de qualquer maneira, pois a arte do comando não perde energias com o que não lhe pertence.

Energias criadoras talham suas inscrições em madeira rude e perfumada, conseguem ultrapassar fronteiras e corações indiferentes frente à dádiva do conhecer. Solucionaríamos de forma mais eficaz este problema se entendêssemos segundo nos mostra Nietzsche (2002-a, p.182-183) que “[...] não basta utilizar as mesmas palavras para compreendermos uns aos outros; é preciso utilizar as mesmas palavras para a mesma espécie de vivências interiores, é preciso, enfim, ter a experiência em comum com o outro”. Por este motivo, demonstra que mesmo que os povos estudem diferentes línguas, ao entrarem em contato com estes povos, ficam pasmos diante de tantas diferenças. Há um grande temor frente ao que é desconhecido, ficar imerso apenas entre inúmeras páginas, e imaginando como as coisas deveriam ser é um abismo em como realmente são. Muitas pessoas sabem disso, mas perdem-se quando precisam avaliar qual é a sua autêntica necessidade. Se os homens na maioria das vezes apenas se assemelham e se aproximam por causa de necessidades em comum, Nietzsche os revela como medianos e vulgares por serem tão pequenos em suas diversidades. Não é por acaso que os homens mais raros vivem só, enquanto os semelhantes se completam e sempre estão em vantagem.

Em sua polêmica obra “O Anticristo” Nietzsche (2002-b), declara saber conhecer bem as condições e a necessidade daqueles que o compreende. Para ele “[...] necessária é também uma preferência da força por questões a que hoje ninguém se atreve; a coragem para o proibido; a predestinação para o labirinto” (NIETZSCHE, 2002-b, p.13). A isto deve-se estar preparado, pois o caminho é solitário, assim, percepções novas e sentido aguçado devem estar em perfeita sintonia. Primordialmente “[...] o respeito por si mesmo, o amor próprio, a liberdade incondicional para consigo...” (NIETZSCHE, 2002-b, p.13), é o maior de todos os objetivos para serem sempre preservados. Se os homens modernos continuam perdidos, não será Nietzsche que os ensinará a saírem e entrarem do labirinto. Pela ousadia, se conquista mundos e através da sede por forças inigualáveis, Nietzsche descobriu a fórmula da felicidade, “[...] um sim, um não, uma linha reta, uma finalidade...” (NIETZSCHE, 2002-b, p.15-16).

Por este motivo, Nietzsche nos alerta que no lugar das apreciações filosóficas que deixam a vida muito mais interessante, passou-se a indagar quem era tal filósofo e o porque de sua filosofia. Passaram a se preocupar com as particularidades invisíveis e inaudíveis de suas

vidas. Por isso acredita, que os prazeres foram plenamente substituídos pelos deveres, e destes não mais conseguimos sair. Assim, o filósofo perdeu o status que a ele deveria ser conferido, ficando a mercê de pessoas fracas que lhe apontavam o caminho sem ao menos que lhe dessem tempo para questionamentos. Para Nietzsche (1992-a),

Um filósofo: é um homem que continuamente vê, vive, ouve, suspeita, espera e sonha coisas extraordinárias; que é colhido por seus próprios pensamentos, como se eles viessem de fora, de cima e de baixo, constituindo a *sua* espécie de acontecimentos e coriscos; que é talvez ele próprio um temporal, caminhando prenhe de novos raios; um homem fatal, em torno do qual há sempre murmúrio, bramido, rompimento, inquietude. Um filósofo: oh, um ser que tantas vezes foge de si, que muitas vezes tem medo de si – mas é sempre curioso demais para não “voltar a si”... (NIETZSCHE, 1992-a, p.194).

Para finalizarmos este capítulo é lícito lembrar que foi por amor à educação que Nietzsche não fechou os olhos diante de tantas calamidades em sua época. Tentava as superar na busca de um filósofo-educador, que pudesse inclusive, ajudá-lo a educar a si mesmo. Obviamente não o encontrou nas universidades, e toda vez que pensava que havia ali o encontrado logo se decepcionava. Procurando não cair na indiferença de seus contemporâneos. É normal ao seu ver, que quando amamos muito uma coisa ela nos cegue. A grande jogada é perder as ilusões e não se esquecer que depois das tormentas um belo raio do sol invade nossas janelas para desejar um bom dia. Sempre devemos almejar novas auroras... Este cultivar-se restabelece um elo, exige valorações mais claras e uma fisiologia aguçada para vivenciar um determinado modo de se viver. Por este motivo Türcke (1993) pergunta:

Pode-se separar assepticamente a obra e a pessoa dos filósofos? Pode-se considerar seu espólio intelectual como um composto autônomo de conceitos, juízos e conclusões, independentemente do modo como eles, enquanto entidades físicas, viviam, amavam e trabalhavam, independentemente dos hábitos e caprichos assumidos por eles, do modo como comiam e bebiam? A resposta de Nietzsche é: não. E, no entanto, ele não é nenhum pioneiro daquele tipo de investigação do cotidiano hoje tão em voga, interessada, como quem olha pelo buraco da fechadura, em mostrar como também artistas e pensadores famosos era, no fundo, gente como nós, sofrendo às vezes de indigestão e acessos de ira, cheirando mal, embriagando-se ou dizendo coisas não bem refletidas, e nem sempre se movendo nos píncaros de sua maestria. Para Nietzsche, não se trata de ficar bisbilhotando a esfera privada da pessoa ao lado da obra, mas de como que farejar na obra a pessoa, decifrando sua assim chamada maestria como a trivialidade presunçosa de seu dia-a-dia e as culminâncias de seu espírito como o avesso das depressões de sua vida

psíquica. Nisto consiste seu empenho e seu grande dom (TÜRCKE, 1993, p.8-9).

O problema segundo Nietzsche, é que a educação volta-se para o todo, não se importando em salvar pelo menos um. Assim, amadurecer se tornou desde o seu tempo um artigo de luxo, a meta é o mercado de trabalho, oferta e procura, e por fim produtividade. Por isso não se tem por objetivo cultivar o gênio, além disso, as instituições não possuem estruturas para estes gênios que vivem apenas em torno de si, elas requerem e precisam daqueles que justificam e contemplam o Estado. Se ainda há alguma dúvida de onde encontrar estes amantes da sabedoria, é bom entender desde já que eles não se encontram nas instituições de ensino. E se ainda há dúvidas em relação a isso, basta questionar e tentar responder o que você entende por liberdade acadêmica?

A universidade camuflou o simples prazer do aprender pela dura realidade cotidiana. Imersos a compulsão do saber é melhor viver entre o espírito gregário do que sentindo o ar puro das montanhas. Macedo (2006, p.126-127), ao analisar o pensamento nietzschiano concorda que, “[...] para ser possível viver é preciso inventar ilusões, máscaras, visões, vestes. Não se trata de decifrar de uma vez por todas o mistério impenetrável da existência, mas de torná-lo acessível, representável, legível”. Nietzsche não desiste que se possa ainda educar homens de forma simples e completa, ensinando-lhes o valor da liberdade frente à academia. Basta que se descubra critérios filosóficos para efetivar esta arte. Com este olhar, ele entende que somos seres limitados apesar da infinidade de nossas condições para o aprender, não é por acaso que se julga o mais sábio, o mais inteligente, e assim por diante, como veremos no último capítulo. Podemos assim concluir, que para o nosso filósofo a filosofia é educação, e que de forma ativa e inovadora forma homens propensos ao ato do criar. Sem formalidades procura os filósofos-educadores, dos quais com responsabilidade se emancipem em nome de um filosofar que liberte os seus aprendizes para uma vida saudável e plena de realizações, ou seja, para ele isso resgataria a imagem perdida do que seria ser um verdadeiro mestre. Conseqüentemente, em sua obra “Ecce homo: ou como alguém se torna o que é”, tema do próximo capítulo, veremos qual é a estratégia nietzschiana para viver e acreditar ainda nos homens modernos e o porque de sentir necessidade de se justificar perante a humanidade.

4 COMO ALGUÉM SE TORNA O QUE É: O AMOR DE SI

Paulatinamente esclareceu-se, para mim, a mais comum deficiência de nosso tipo de formação e educação: ninguém aprende, ninguém aspira, ninguém ensina – a suportar a solidão (NIETZSCHE, 2004-a, p.230).

Em 1888, de 15 de Outubro a 4 de Novembro Nietzsche escreve sua autobiografia “*Ecce Homo, ou como tornar-se o que é*”.⁵ Onde salienta: “[...] parece-me indispensável dizer quem sou” (NIETZSCHE, 1995-b, p.17). Para ele era fato que não havia sido lido, escutado e compreendido. Fadado à solidão tinha verdadeiro pânico que um dia o confundissem e o declarassem santo, “[...] Sou um discípulo do filósofo Dionísio, preferiria antes ser um sátiro a ser um santo” (NIETZSCHE, 1995-b, p.17), e é exatamente esta distinção que o nosso filósofo julga necessária em sua obra.

Nesta obra arrebatava-se em profundo silêncio e delineia suas obras com toda força e contextualização do seu ser. Quando Nietzsche fala de si, salienta a sua compreensão da obra a partir da vida. Que viver é entregar-se intensamente ao todo, saber e viver não se desvinculam. Contudo, será o mundo ideal em vez da realidade que Nietzsche atacará, já que tudo o que foi erigido como bom e verdadeiro não passava de mentiras e um grande ‘não’ a vida e suas diferentes maneiras de se viver. Desta forma, é necessário que nos dediquemos com afinco aos nossos empreendimentos. Como ele ressalta:

⁵ Márcia R. Oliveira (2007) em sua dissertação de mestrado comenta: “para *Ecce homo*, Nietzsche havia pensado nos seguintes títulos:

- a) Em meio à vida. Anotações de um agradecido. De Friedrich Nietzsche.
 - b) *Ecce homo*. Anotações de um múltiplo.
 - 1. Fala o psicólogo.
 - 2. Fala o filósofo.
 - 3. Fala o poeta.
 - 4. Fala o amante da música.
 - 5. Fala o escritor.
 - 6. Fala o educador.
 - c) Friedrich Nietzsche, da sua vida. Tradução para o alemão.
 - d) O espelho. Ensaio de uma autoavaliação.
 - e) Em trato com os antigos. Apêndice: *Ecce homo*.
- Quanto ao subtítulo, Nietzsche hesita entre três e escolhe o último:
- a) *Ecce homo*, um presente a meus amigos.
 - b) *Ecce homo*, ou um problema para psicólogos. Por que eu sou algo mais.
 - c) *Ecce homo*. Como se torna o que é (OLIVEIRA, 2007, p.7).

Assim, avante no caminho da sabedoria, com um bom passo, com firme confiança! Seja você como for, seja sua própria fonte de experiência! Livre-se do desgosto com seu ser, perdoe a seu próprio Eu, pois de toda forma você tem em si uma escada com cem degraus, pelos quais pode ascender ao conhecimento. A época na qual, com tristeza, você se sente lançado, considera-o feliz por essa fortuna; ela diz que atualmente você partilha experiências de que homens de uma época futura talvez tenham que se privar (NIETZSCHE, 2000-c, p.195-196).

Então o que temos, é sempre luta. A fatalidade de Nietzsche era a luta de seus impulsos por mais potência. E o seu legado, pode ser descrito por ele mesmo, onde enfatiza:

Pois atente-se para isso: foi durante os anos de minha menor vitalidade que *deixei* de ser um pessimista: o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo... E como se reconhece, no fundo, *a vida que vingou?* Um homem que vingou faz bem a nossos sentidos: ele é talhado em madeira dura, delicada e cheirosa ao mesmo tempo. Só o encontra sabor no que lhe é salutar; seu agrado, seu prazer cessa, onde a medida do salutar é ultrapassada. Invento meios de cura para injúrias, utiliza acasos ruins em seu proveito; o que não o mata o fortalece. De tudo o que vê, ouve e vive forma instintivamente *sua* soma: ele é um princípio seletivo, muito deixa de lado. Está sempre em *sua* companhia, lide com homens, livros ou paisagens: honra na medida em que *elege, concede, confia*. Reage lentamente a toda sorte de estímulo, com aquela lentidão que uma larga providência e um orgulho conquistado nele cultivaram – interroga o estímulo que se aproxima, está longe de ir ao seu encontro. Descrê de “infortúnio” como de “culpa”: acerta contas consigo, com os outros, sabe *esquecer* – é forte o bastante para que tudo *tenha* de resultar no melhor para ele. – Pois bem, eu sou o oposto de um *décadent*: pois acabo de descrever a *mim mesmo* (NIETZSCHE, 1995-b, p.25-26).

Nietzsche delinear a vida nas entrelinhas do pensamento e prezar por aqueles que serão criativos em suas singularidades. O processo fisiológico caracterizará todo o empreendimento para a efetivação do conhecer. Em *Ecce Homo* não procurará exemplos virtuosos de um eu, não ensinará de forma pronta e acabada “Como *alguém se torna o que é*”, mas esclarecerá através do seu próprio ímpeto a idiosincrasia do seu ser, do seu vir-a-ser. Longe de se tornar uma verdade, Nietzsche elege os seus leitores através de um discurso que requer desconfiança de si. Elegerá a importância do clima, do lugar, da alimentação, da distração e as formas simples para se bem viver.

Com o nosso filósofo, educa-se todos os sentidos, todas as aptidões, gostos, e aprende-se até mesmo a amar a própria dor. Amado-a, descobrimos o quanto podemos ser possuidores de grandes abismos, de grandes afirmações. Quando isso não acontece é pelo motivo do qual

A sociedade espera que o indivíduo tenha ocupação permanente, caráter invariável, opiniões constantes; quer que se torne um animal “previsível, constante, necessário”, pois só assim pode estar certa de dispor dele a qualquer momento. [...] Para atingir seus objetivos, emprega diferentes meios: estimula a respeitar a tradição, encoraja a preservar hábitos, difunde o medo de desobedecer. Eles revelam-se, porém, ineficazes, quando se trata dos que nada temem, dos que dificilmente se deixam subjugar, dos que não acatam as normas do grupo, enfim, dos que preferem agir e pensar por si mesmos. Nesse caso, é preciso proceder com perspicácia, desenvolver certa arte em seduzir e recorrer a meios bem mais sutis (MARTON, 1993, p.58-59).

A ousadia da qual Nietzsche no final de sua filosofia irá discorrer remete-se à dor da traição e de caminhos que necessariamente devem ser ultrapassados. Cessar aos opressores a dominação sobre a liberdade dos nossos espíritos é o objetivo a ser efetivado, ou pelo menos é o que deveria ser segundo Nietzsche. A educação erra em querer igualar educadores e educandos e se confunde ao reconhecer singularidades. Como alguém se torna o que é, dependerá das forças que deste se apropriam, aos que são compostos por forças ditadas pela tradição e pelo espírito de rebanho só lhe restam se comportar de acordo com o espírito gregário. Se tivermos aqui um culto à crença, será contra ela que o espírito livre se oporá. Para libertar-se é preciso disciplina. Desconfiar de tudo o que é nomeado e consolidado, e sobre o que tudo indica até o momento, somente Nietzsche foi capaz deste empreendimento.

Aos homens fortes a natureza se prontifica de sobre ele agrupar forças. Eles são necessários e não temem serem considerados os senhores do seu tempo. Entre todas as ciências não tomam partido pelo o que não lhes é salutar, não perdem tempo com os fracos, criaram-se para si mesmos. A sua riqueza é a naturalidade como encara suas fatalidades. Não inveja os que possuem riquezas e o objetivo de levantar, trabalhar e dormir. A sede de vida levam-nos sempre a novas fontes, pois sabem que mesmo as fontes de águas mais puras possuem sabores diferentes. Se entre as tentativas há riscos, tem a certeza que a vida sedentária é a pior de todas as mortes, e nada pior do que morrer lentamente por estar infeliz. Por este motivo Nietzsche reconheceu em Goethe o único espírito forte de todas as gerações. Sobre ele enfatiza:

Goethe – Nenhum acontecimento alemão, mas um acontecimento europeu: uma tentativa grandiosa se superar o século dezoito através de um retorno à natureza, através de uma *ascensão* até a naturalidade da Renascença, uma espécie de auto-superação por parte deste século... – Ele carregou em si o instinto maximamente intenso deste século: a sensibilidade, a idolatria da natureza, o anti-histórico, o idealista, o irreal e revolucionário (o último é apenas uma forma do irreal). Ele encontrou o auxílio da história, da ciência

natural, da Antigüidade, do mesmo modo que de Espinosa, antes de tudo da atividade prática; ele se cercou com horizontes extremamente cerrados; ele não se desanimou e tomou tanto quanto possível para si, sobre si, em si. O que ele queria era a *totalidade*; ele combateu a cisão entre razão, sensibilidade, sensação, vontade (-pregada através de *Kant* em uma escolástica maximamente aterradora; *Kant*, o antípoda de Goethe), ele disciplinou-se para a completude, ele *criou a si mesmo*. Goethe foi, em meio a uma era disposta irrealmente, um realista convicto: ele disse sim a tudo o que lhe era neste ponto aparentado – ele não teve nenhuma vivência maior do que aquele *ens realissimum* chamado Napoleão. Goethe concebeu um homem forte, elevadamente culto, hábil em toda corporeidade, que controlava a si mesmo e venerava a si mesmo; um homem que tinha o direito de ousar não invejar toda a envergadura e a riqueza da naturalidade, que era forte o bastante para esta liberdade; o homem da tolerância, não por fraqueza, mas por força, porque sabia usar ainda em seu proveito o que produziria o perecimento da natureza mediana; o homem, para o qual não existia nada mais proibido, a não ser a *fraqueza*, seja esta um vício ou uma virtude... Um tal *espírito, que se tornou livre*, encontra-se com um fatalismo alegre e confiante em meio ao todo, na *crença* em que apenas o singular é reprovável, em que no todo tudo se dissolve e afirma, - *ele não nega mais...* Mas uma tal crença é a maior de todas as crenças possíveis: eu a batizei sob o nome de Dionísio (NIETZSCHE, 2000-b, p.123).

Para Nietzsche os gregos foram simplórios e únicos em relação à exemplificação destas forças. O antagonismo entre as forças artísticas da natureza Apolo e Dionísio engendram o sentido do qual os homens tanto procuram. O primeiro representa os sonhos, configura-se no aparente, e necessita estar calmo diante de qualquer situação, podendo também ser considerado o deus do conhecimento verdadeiro. Dionísio ao contrário representa a embriaguez e o arrebatamento. Este deus que tudo afirma se compraz também em afirmar o sofrimento. Quando estas forças são representadas na tragédia, palco de sua origem, transmite o legado de que,

[...] a vida é tão atraente que merece ser afirmada e reproduzida no espetáculo do trágico, não obstante a carga bruta de sofrimento que lhe é inerente. Gostar da vida, inclusive no que ela tem de mais terrível, é a lição afirmativa do criador de tragédias, ponto alto de uma cultura que diz sim ao mundo. Nesse movimento, o filósofo equaciona simultaneamente suas duas questões: a associação entre Apolo e Dionísio resulta na recuperação do amor por nossa própria vida, tomada digna de ser vivida e desejada, independentemente de seu final infeliz. Pois tudo é motivo de alegria e orgulho por nossa condição, sobre os auspícios da tragédia (ALVES, 2007, p.123).

Nietzsche afirmava o Dionisíaco, e nunca deixou de se preocupar com o sofrimento humano. O sentido da vida levava-o a afirmar que tudo estava em nossas mãos e a experiência cotidiana era o maior dos dons que ela poderia nos oferecer. Estar aberto ao que o mundo pode

sempre nos oferecer é um dos requisitos primordiais para nossa livre arte de existir. Aceitar as coisas como devem ser e afirmá-las sem selecioná-las é o sentido do qual Nietzsche tanto prezava e procurava. Estarmos aqui em sintonia com o que nos é dado sem cogitar como deveria ser, e apenas vivendo o que esta sendo, já é um grande compromisso em aceitar e afirmar a vida em todos os seus aspectos, inclusive na dor. Porém, o grande problema é o equilíbrio entre o apolíneo e o Dionisíaco, pois o sentimento do sublime que se remete a uma cultura saudável, a pessoas saudáveis⁶ requer o equilíbrio dessas forças, uma vez que exigem igualdade. Ou seja, predominar apenas o otimismo é tão perigoso quanto se predominasse apenas o pessimismo.

Estes impulsos permitem o nascimento da filosofia através do impulso do conhecimento. Porém, com o diferencial de autocontrole e instrumento da cultura. Para Nietzsche o filósofo em meio a uma verdadeira cultura não é apenas um instrumento por ela controlado, mas uma peça fundamental e necessária para o seu desenvolvimento. O fato é que a partir disso o mítico foi perdendo o seu terreno fecundo para a história e o impulso por mais conhecimento foi se apropriando a sua maneira do que era tido por sublime.

Nietzsche se opõe à moral socrático-platônico-cristã. Declara guerra aos seus princípios e a tudo ao que seus danosos dons proféticos proferiram. Sentia-se profundamente perplexo em meio a tantas seduções, porém não achava que a humanidade tinha o direito de usar este pretexto como desculpas. Sentia nestes seres a sua ironia e toda a sua sutileza frente a violência e a destruição, o que ele almejava segundo Hayman (2000, p.14), era “[...] ser um transgressor das leis, para destronar o juiz, enterrar o deus, ter o controle da voz didática que nunca pode silenciar”. Aliás, esta é uma exigência que Nietzsche faz a todos nós, admitindo assim que “[...] é impossível que nos familiarizemos com a ausência de Deus, mas se perdemos a fé na linguagem e na verdade, como faremos para nos comunicar? Se perdermos a fé na coerência do eu, como saberemos quem está pensando quando o fazemos?” (HAYMAN, 2000, p.14). Por mais que o

⁷ O psicólogo Luís Figueiredo (1991), em sua obra *“Matrizes do pensamento psicológico”* faz a seguinte observação destes conceitos dentro da psicologia: [...] A compreensão do indivíduo, - “são” ou “doente”, - implica na reconstrução do seu mundo, na explicitação dos horizontes implícitos que conferem sentidos a seus atos de vivências conscientes, no desvelamento do projeto existencial que subjaz a todas as suas ações. Quando se esclarece a estrutura e a natureza do mundo do existente e se estabelece a vinculação desta estrutura com o que há de mais subjetivo, isto é, o projeto, torna-se possível tomar todas as manifestações do sujeito – seus discursos, seus gestos, seu comportamento intencional, suas mensagens. Mas na origem destas mensagens não encontramos uma estrutura impessoal, objetiva e passível de análise à moda cientificista, como é o caso para os estruturalismos. Encontramos um sujeito e suas escolhas (FIGUEIREDO, 1991, p.37-38).

nosso grande filósofo tenha se dedicado a esta tarefa por toda a sua vida não encontrou a resposta e nem alternativas. Mas deixou a maior de todas as lições: amar a vida incondicionalmente e independente dos problemas cotidianos que a ela afligem.

Ao filósofo cabe não repousar em nenhuma dessas forças, apesar de Nietzsche se dizer Dionisíaco por excelência. Entrar em todos os mundos, através de todos os tempos é a necessidade de um verdadeiro filósofo. Compete a ele em não se limitar e possuir sua individualidade diante de todos os conceitos e expressões. Ecce homo nos convida a buscar e valorizar esta individualidade da qual Nietzsche até hoje é celebrado e reverenciado por muitos. A leitura que nada mais é uma forma de interpretação de épocas diferentes e interesses nos remetem a buscar nas primeiras leituras nietzschianas o seu real propósito até aqui no término de sua filosofia. Filosofia esta que conseguiu nos jogar contra nós mesmos, estamos querendo compreender Nietzsche ou a nós mesmos? Uma filosofia que não serve a nós homens do momento não poderia ser considerada uma filosofia? Para Bonaccini (2004),

Julgamentos históricos, como nossas interpretações deste ou daquele texto, desta ou daquela época, 'jamais podem ser verdadeiros: o único valor que apresentam é o de serem *sintomas*, e só como sintomas merecem ser levados em consideração' ensina Nietzsche. Numa palavra: nunca podem ser medidos cientificamente porque não são teóricos (BONACCINI, 2004, p.23).

Os impulsos que dominaram Nietzsche foram por ele demonstrado ao longo de sua jornada. Entender que o mais precioso de sua filosofia encontra-se nas entrelinhas e não em suas palavras é a tarefa mais árdua para entendê-lo. É preciso vivências, manipulações com o cotidiano, com tudo aquilo que se despreza como efêmero e desnecessário. Como salienta Braga (2003, p.80), “[...] há portanto, um tipo de filosofia, de uso da linguagem, de manipulação e interpretação de signos, que se reconhece como interpretação, que não pretende atingir o ‘verdadeiro e último’, mas que gera um eco vindo de cavernas mais profundas e não adentradas”. Para Nietzsche a linguagem não é capaz de captar um sujeito para dele se falar algo, a cada dia, horas, minutos e segundos o eu é superado. Uma autobiografia constrói apenas uma ficção do que já passou, já se superou. Parar o tempo e a partir dali restringir toda uma vida é o problema apontado por Nietzsche nas autobiografias.

Estar no mundo por acaso o irrita profundamente, mas sabe que tais homens existem e predominam todas as épocas e lugares. Dotados de talentos medíocres entregam-se a qualquer coisa desejando qualquer coisa. Possuem vocação para apenas aquilo que elegeram como útil.

Vangloriam-se por servirem seus semelhantes e procurarem a igualdade. Ou seja, “[...] se cada um tem sua meta no outro, então ninguém tem uma meta em si para existir; e ‘esse existir para os outros’ é a mais cômica das comédias” (NIETZSCHE, 2005-c, p.40). Lançado a tudo aquilo que julga por racional, remete-se a enganos e erros constantes. Confunde os momentos felizes com cópias e ideais que em nada o certificam que serão alcançados. É importante lembrar que a não percepção a respeito de que tudo é móvel mesmo as coisas que mostram-se extremamente fixas, terminaram de cegar os homens e enrijecê-los.

Nietzsche (1995-b, p.19) elege o ar das alturas, e a “[...] busca de tudo o que é estranho e questionável no existir, de tudo o que a moral até agora banuiu”. Não busca problemas, ou teorias que rejeitem estas filosofias até agora tidas como verdadeiras, mas busca afirmar o seu espírito valorizando tudo o que até agora era tido como proibido, tudo o que a moral banuiu e ocultou tornando os homens cegos diante de suas próprias vidas. Por este motivo, ataca os fundadores de religiões e despreza o tom agradável que sai de suas bocas, pois ele tem verdadeiro desprezo por estes fanáticos, que pregam e exigem fé, em síntese odeia tudo o que nega a intensidade de se viver aqui neste mundo, esperando que algo exista para se viver além dos céus.

São aos mais seletos que Nietzsche se dirige, e não aos que buscam nele uma filosofia, uma receita, uma teoria. Ao se dizer filósofo do discípulo Dionísio, ele busca mudanças, desordem e a destruição de tudo o que está pautada como verdades absolutas e estabelecida. É necessário criar-se, auto criar-se, reavaliar-se e exigir de si mesmo o poder de se encontrar e de mudar. Assim como descreveu no seu quadragésimo quarto ano, “[...] Neste dia perfeito, em que tudo amadurece e não só a videira doura, caiu-me na vida um raio de sol: olhei para trás, olhei para a frente, jamais vi tantas e tão boas coisas de uma só vez” (NIETZSCHE, 1995-b, p.21). É através desta análise maravilhosa que o nosso filósofo enterra o seu quadragésimo quarto ano e salienta “[...] era-me lícito sepultá-lo – o que nele era vida está salvo, é imortal” (NIETZSCHE, 1995-b, p.21), assim, Nietzsche é grato a sua vida inteira e por este motivo em sua obra *Ecce homo*, conta a sua vida.

Nietzsche conhece como ninguém os conceitos de ascensão e declínio, ou melhor, ele as vivenciou como ninguém. É o filósofo da fatalidade, é o mestre por excelência da arte do bem viver, apesar da doença que o acometia e o arrebatava por dias. Lembra que aos trinta e seis anos atingiu o ponto mais baixo de sua vitalidade. Em 1879, abandona sua cátedra na Basileia e passa

a viver em meio a sombras e uma grande pobreza de sol em sua vida. A fraqueza fisiológica, as dores incessantes e a visão cada vez mais comprometida não o faziam desistir, relata que precisou nestes momentos “[...] sangue-frio, coisas para as quais em condições mais sãs não sou ousado, refinado e frio o bastante” (NIETZSCHE, 1995-b, p.23-25). Arrebata-se em suas dores e delas extrai sempre mais vida, e mais vida. Não possui palavras de ingratidão, não possui ressentimentos ao que lhe foi destinado, e é exatamente por afirmar a sua existência em todos os sentidos como a mais dadivosa que declara,

[...] Restabelecimento significa em mim uma longa, demasiado longa sucessão de anos – significa também, infelizmente, recaída, decaída, periodicidade de uma espécie de *décadence*. Necessito dizer, após tudo isso, que sou *experimentado* em questões de *décadence*? Conheço-a de trás para a frente. Inclusive aquela arte de filigrana do prender e apreender, aqueles dedos para *nuances*, aquela psicologia do “ver além do ângulo”, e o que mais me seja próprio, tudo foi então aprendido, é a verdadeira dádiva daquele tempo em que tudo em mim se refinava, tanto a observação mesma como os órgãos da observação. Da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica descer os olhos ao secreto labor do instinto de *décadence* – este foi o meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vim a ser mestre, foi nisso. Agora tenho-o na mão, tenho mão bastante para *deslocar perspectivas*: razão primeira porque talvez somente para mim seja possível uma “tresvaloração dos valores (NIETZSCHE, 1995-b, p.23-25).

É importante a escolha dos remédios certos contra os estados ruins, e segundo o nosso filósofo é este o grande instinto de quem não é *décadent*, já que este sempre escolhe os meios que o prejudicam. Porém a grande cura segundo Nietzsche foi de que “[...] tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso – qualquer fisiólogo admitirá – é ser no fundo sadio” (NIETZSCHE, 1995-b, p.25-26). Por isso que para ele os mórbidos não conseguem se curar, já que suas enfermidades não são um estimulante para se querer viver mais. Conseqüentemente admite que “[...] foi durante os anos de minha menor vitalidade que deixei de ser um pessimista: o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia de pobreza e do desânimo” (NIETZSCHE, 1995-b, p.25-26). Enxergar além das próprias perspectivas, sentir-se privilegiado por aspirar às coisas elevadas e delicadas, é para Nietzsche requisitos de sentir-se livre e agradecido por toda uma vida.

Não indispor contra si mesmo é para ele a grande arte. É preciso estar acima da altura do inesperado, e observa “[...] minha experiência me dá o direito de desconfiar em princípio dos

impulsos chamados ‘desinteressados’, de todo o ‘amor ao próximo’ sempre disposto à palavra e ao ato” (NIETZSCHE, 1995-b, p.27-29). A compaixão é para os *décadents* em sua opinião, e a estes só lhe cabem destruir aos que já se encontram solitários e feridos estando estes imersos em culpas e pecados. Superar a compaixão seria a virtude mais nobre segundo Nietzsche. Então, o que seria retribuir um gesto para o nosso pensador? Ele responde da seguinte maneira:

[...] minha forma de retribuição consiste em fazer seguir à estupidez, o mais rapidamente possível, algo inteligente: talvez assim ainda se possa apanhá-la. Usando uma imagem: envio um recipiente com doces para desfazer-me de uma coisa azeda... Basta que me façam algo de mal, eu o ‘retribuo’, disso esteja-se seguro: logo encontro oportunidade de expressar minha gratidão ao malfeitor (por vezes até pelo mal feito) – ou de pedir-lhe algo, o que pode ser mais cortês do que dar algo... Parece-me também que a palavra mais grosseira a carta mais grosseira, são ainda mais humanas e mais honestas do que o silêncio (NIETZSCHE, 1995-b, p.29-30).

Mas engolir certas coisas produz dores no estômago. O ressentimento é o pior de todos os males, e no momento em que se precisa de mais clareza e de forças contra ele é exatamente ali que ele mais fortemente se encontra. O metabolismo diminui, e a vontade do recolhimento é gritante. A sensação é de que “[...] nos consumiríamos muito rapidamente se reagíssemos, não reagimos mais: esta é a lógica. E nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto aos afetos do ressentimento” (NIETZSCHE, 1995-b, p.30-31). Estes aborrecimentos passam de um patamar ao outro em nossas vidas, saímos de casa repletos de problemas domésticos, no trabalho eles encontram uma continuação e assim sucessivamente. Logo, perpassa culpados e não culpados. Afastar-se é a melhor alternativa para livrar-se de naturezas fracas e rancorosas, já que mudá-las requer um esforço que não garante sucesso e exige uma perda de energia que poderá fazer falta em momentos de grande valia e necessidade.

Ser guerreiro por natureza é o que Nietzsche admite ser, “[...] agredir é parte dos meus instintos. Poder ser inimigo, ser inimigo – isso pressupõe talvez uma natureza forte, é em todo caso condição de toda natureza forte” (NIETZSCHE, 1995-b, p.31-32). Ser guerreiro é provocar a guerra, é instigar o duelo de pensamentos e ações. Procurar adversários poderosos que se possa investir todas as forças subjugando a igualdade das forças, “[...] igualdade frente ao inimigo – primeiro pressuposto para um duelo honesto (NIETZSCHE, 1995-b, p.31-32)”. Deve ser honroso ligar o nosso nome a grandes causas, a favor ou contra, como observa Nietzsche, porém sem se importar muito com isso, já que muitas batalhas estão sendo combatidas a milênios. Por

este motivo é necessário ter assim como Nietzsche diz ter um grande instinto de limpeza, de modo a poder farejar cada alma que se aproxima, segundo ele

[...] tenho nesta sensibilidade antenas psicológicas, com as quais toco e me aposso de cada segredo: já ao primeiro contato tomo ciência da muita sujeira escondida no fundo de mais de uma natureza, talvez devida ao mau sangue, porém coberta por fina tinta de educação (NIETZSCHE, 1995-b, p.33-34).

Confessa que ao se observar corretamente tais naturezas, elas sentem de longe a cautela de seu nojo. Nietzsche diz perecer em condições impuras, necessita de continua superação. Precisa de seus momentos solitários, de recuperação e leveza. O grande problema é que os homens sempre podem nos levar a constantes momentos de nojo e insatisfação, o que se torna um grande perigo para os que não se recolhem em busca de alegrias e novos ares.

A grande sabedoria Nietzscheana consiste em nunca ter sido um *décadent* mesmo nos momentos em que a alma não suportava mais o ar da vida. Soube distinguir os momentos de ascensão e declínio como o maior de todos os aprendizados. Diante das dores que eram constantes e duravam dias, refinava e valorizava todos os sentidos. Assim, na doença descobriu a vida, e fez dela a sua filosofia. Descobriu que nestes momentos de menor vitalidade deixou de ser um pessimista, se auto-restabeleceu e vingou da maneira mais salutar que um homem poderia vingar. Entendeu que tudo o que se vê, ouve e vive forma instintivamente sua soma. Apreciava estar sempre em sua companhia, por este motivo passou a questionar os ‘impulsos chamados desinteressados’ o ‘amor ao próximo’ fruto dos *décadents* lhe ocasionava um imenso nojo. Sentimento este que se estendia aos que silenciavam diante de suas convicções e pensamentos, vivendo apenas de ressentimentos. Declarou guerra à humanidade, se intitulou guerreiro por natureza, e reivindicou igualdade frente ao inimigo. Por causa do seu instinto de limpeza, sentiu necessidade de solidão e declarou-se não se querer diferente.

No capítulo intitulado “Por que sou tão inteligente”, Nietzsche (1995-b, p.35-38) se atribui tal mérito pelo fato de “[...] Nunca refleti sobre problemas que não o são – não me desperdicei”. Assuntos religiosos, não lhe é salutar. Para ele é um desperdício de tempo noções como Deus, imortalidade da alma, salvação, e um mundo além. Tudo isso não passa de uma resposta grosseira. Ser ateu é para ele óbvio por instinto. Assim, mais do que assunto de teólogos o que realmente interessa em sua opinião e o que de mais depende a humanidade é a questão da alimentação. Por este motivo enfatiza que até a sua maturidade sempre se alimentou mal, “[...]”

foi por exemplo, graças à cozinha de Leipzig, quando do meu primeiro estudo de Schopenhauer (1865), que neguei muito seriamente minha ‘vontade de vida’” (NIETZSCHE, 1995-b, p.35-38). A cozinha alemã estava repleta de gordura e de doces degenerativos para Nietzsche. Sendo assim, uma refeição forte é mais fácil de digerir do que uma demasiado ligeira para ele. O que requer o estômago em inteira atividade para uma boa digestão. Como bem nos lembra, “[...] deve-se conhecer o tamanho do próprio estômago” (NIETZSCHE, 1995-b, p.35-38). Por este motivo defende os pensamentos nascidos meio ao ar livre, que se fique sentado por pouco tempo, é um dos requisitos para que os músculos festejem, e adverte: “[...] todos os preconceitos vêm das vísceras” (NIETZSCHE, 1995-b, p.35-38). Que se ergam as filosofias contra a vida sedentária.

No que diz respeito à alimentação temos a questão do lugar e do clima. Para Nietzsche a ninguém é dado viver em qualquer lugar. A influência climática sobre o metabolismo pode levar um homem à não conseguir desempenhar bem as suas tarefas. Nietzsche alude a estes fatores toda a disposição para que o espírito produza livremente. Nem mesmo o gênio pode produzir com maestria em lugares que não lhe permitam arejar os pensamentos. Assim, ele enfatiza que “[...] o gênio é condicionado pelo ar seco, pelo céu puro – isto é, por um metabolismo rápido, pela possibilidade de suprir-se sempre novamente de grandes, tremendas quantidades de energia” (NIETZSCHE, 1995-b, p.38-40). Foi por experiência que Nietzsche enfatiza a importância de se produzir em lugares certos, pois, se não fosse a doença e a busca de lugares certos para ela, ele jamais teria feito tal descoberta. Muitos são os lugares nefastos para nossa sobrevivência e aptidões. Em algum momento refletir sobre forças que estão sendo desperdiçadas, poderá evitar que nos nivelemos a qualquer um. A escolha errada destes fatores citados por Nietzsche, pode levar ao pior de todos os castigos da existência, ou seja, a ausência de si.

Diante destas escolhas não poderia faltar à distração, e quanto a ela, não se deve cometer nenhum erro. Nietzsche elege no primeiro momento a leitura como a maior de todas as suas distrações. E diz “[...] a leitura me distrai justamente de minha seriedade” (NIETZSCHE, 1995-b, p.40-42). Por este motivo deles se afasta quando esta em profundo trabalho, pois não permite que alguém pense em sua presença. Para ele “[...] é preciso esquivar-se tanto quanto possível ao acaso, ao estímulo de fora; um como que emparedar-se a si mesmo está entre as sabedorias instintivas de prenhez espiritual” (NIETZSCHE, 1995-b, p.40-42). Justamente por isso que procura e elege livros agradáveis, inteligentes e espirituosos. E procura refúgio em pouquíssimos

pensadores, somente aos que foram para eles feitos. Não perde tempo entre naturezas diversificadas e não suporta salas de leituras. O que procura é cautela frente a tantas diversidades, já que diz não ser da sua natureza amar muito e variadamente.

Entre leituras instigantes e pungentes Nietzsche moldou-se. Criticou poetas, músicos, filósofos, e uma imensidade de pensadores de diferentes épocas e temáticas. Em muitas ocasiões relia suas próprias obras e surpreendia-se consigo mesmo diante de tanta profundidade e argúcia de espírito, confessou que “[...] após olhar em meu Zaratustra, ando de um lado para outro em meu quarto durante meia hora, sem conseguir dominar uma insuportável convulsão de soluços” (NIETZSCHE, 1995-b, p.42-43). Não foram poucas as vezes que não suportou a realidade de suas obras, e admitia que todos nós tememos a verdade. Assim, se opõe a tudo o que for alemão, inclusive rompe com amizades e qualquer tipo de recordação, para ele “[...] onde reina, a Alemanha corrompe a cultura” (NIETZSCHE, 1995-b, p.43-44), por este motivo que não faz diferença se as coisas ao longo dos anos mudam, um alemão será sempre um alemão.

Entre estas escolhas, da alimentação, do lugar, do clima, da distração, temos o instinto de autoconservação, que segundo Nietzsche se expressa de maneira inequívoca como instinto de autodefesa. A este instinto esta ligado o gosto, “[...] seu imperativo obriga não só dizer Não onde o Sim seria um ‘altruísmo’, mas também a dizer Não o mínimo possível” (NIETZSCHE, 1995-b, p.46-48). O primeiro requisito é afastar-se do que torna o Não sempre necessário. Gastos defensivos por mais pequenos que sejam requerem um gasto contínuo de energia, o que leva a uma fraqueza que chega a um ponto de não mais conseguir se defender. Nietzsche toma como exemplo os eruditos, que passam o dia todo revirando livros, para não pensarem por si mesmos,

[...] o erudito dedica sua inteira energia ao aprovar e reprovar, à crítica ao já pensado – ele próprio já não pensa... [...] Isso vi com meus olhos: naturezas dotadas, de constituição rica e livre, “lidas à ruína”. Já aos tinta anos, apenas fósforos que se necessita riscar para que brilhem – emitam ‘pensamentos’. Cedo, ao romper do dia, no frescor, na alvorada de sua força ler um livro – a isso chamo de vicioso! (NIETZSCHE, 1995-b, p.46-48).

A partir daqui, Nietzsche retoma a questão de sua obra, ou seja, como alguém se torna o que é.⁷ E ressalta, “[...] e com isso toco na obra máxima da arte da preservação de si mesmo – do

⁷ Segundo Paulo César de Souza (1995-b, p.124), tradutor de *Ecce homo*, “Wie man wird, was man ist: é o subtítulo do livro, difícil de ser recriado com a mesma precisão em português. Man é a partícula impessoal da 3º pessoa; corresponde ao on francês, ao se português. Werden (wird, na 3º pessoa do singular) significa “tornar-se”, “vir-a-ser”.

amor de si...” (NIETZSCHE, 1995-b, p.48-50). E para isso, ao seu ver, é necessário manter a consciência limpa de qualquer dos grandes imperativos. Ter cautela a tudo que seja grande ou que se apresente como tal. Nietzsche então percebe que para a realização de sua tarefa a ‘tresvaloração dos valores’ eram necessárias uma diversidade de faculdades, em suas palavras, “[...] hierarquia das faculdades; distância; a arte de separar sem incompatibilizar; nada misturar, nada ‘conciliar’; uma imensa multiplicidade, que no entanto é o contrário do caos – esta foi a precondição, a longa e secreta lavra e arte de meu instinto” (NIETZSCHE, 1995-b, p.48-50).

Uma vida, uma filosofia de multiplicidades este é Nietzsche. Nada querer diferente, e apreciar as pequenas coisas como somente um grande homem poderia relatar como “[...] a alimentação, lugar, clima, distração, toda casuística do egoísmo – são inconcebivelmente mais importantes do que tudo o que até agora tomou-se como importante” (NIETZSCHE, 1995-b, p.50-51). E foi justamente por tê-las como pequenas que a humanidade perde tempo em busca de respostas que não existem, e para as questões que necessitam de emergência como a política, a ordenação social, a educação e assim por diante falsearam-se os conceitos e de forma aleatória são tratados como fundamentais. Aos homens doentes que cuidam dessas tarefas Nietzsche (1995-b, p.50-51) se opõe: “[...] falta-me qualquer traço doentio; mesmo em tempo de severa doença não me tornei doente; em vão procure-se em meu ser um traço de fanatismo”. Para ele a vida o tornou mais leve quando o mais exigiu. Não se desperdiçou frente aos obstáculos, e tinha verdadeira aversão por pessoas que passavam o dia se lamentando. Com orgulho assegura que,

[...] quem eu desprezo *adivinha* que é por mim desprezado: com meu simples existir ofendo a tudo que no corpo possui sangue ruim... Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo*... (NIETZSCHE, 1995-b, p.50-51).

A sua inteligência primordialmente está no fato de segundo ele não ter se desperdiçado. Não guardou remorsos e soube ignorar assuntos como ‘Deus’, ‘Imortalidade da alma’, ‘salvação’, e além. Dentre os assuntos eleitos como importantes estavam para ele, a alimentação, da qual deveria ser leve para uma boa digestão, já que é necessário que cada um conheça o tamanho do próprio estômago. O clima, que deve favorecer que os pensamentos nasçam ao ar livre e seja extremamente agradável, para ele ninguém é dado viver em qualquer lugar. Distração, sendo um dos afazeres mais especiais, pois aos períodos de trabalho e fecundidade sucede o tempo de

distração e para ele leituras de grandes homens eram a melhor de todas elas. E por último a questão do gosto, ou como ele mesmo salienta o instinto de autodefesa, o grande dizer Sim, o grande dizer Não. Através deste estudo das pequenas coisas, como o questionaram e o porque dele as ter dado importância, Nietzsche argumenta que esta é a verdadeira razão de ‘como alguém se torna o que é’, este amor de si, o cultivo de si, é o que organiza toda esta multiplicidade que há em cada um de nós. O grande mérito da filosofia nietzschiana e do homem Nietzsche, é ter sido capaz de reaprender nestas pequenas coisas que é justamente nelas, que se é livre.

De certa forma, é neste sentido que Nietzsche (1995-b, p.52-53) escreve, “[...] uma coisa sou eu, outra são meus escritos”. Se o são compreendidos ou não é para ele uma questão de tempo, já que alguns nascem póstumos. Não o surpreende o fato de um dia precisarem instituir cátedras para o seu Zarathustra, pois não espera que haja mãos e ouvidos para as suas verdades. Tudo o que deseja é não ser confundido, e para isso ele mesmo não o deve fazer. Percebe estes inequívocos em seus ditos comentadores modernos, que ao seu ver em nada compreenderam os seus escritos. Mas, os compreende pelo motivo de que,

[...] Em última instância, ninguém pode escutar mais das coisas, livros incluídos, do que aquilo que já se sabe. Não se tem ouvido para aquilo a que não se tem acesso a partir da experiência. Imaginemos um caso extremo: que um livro fale de experiências situadas completamente além da possibilidade de uma vivência freqüente ou mesmo rara – que seja a *primeira* linguagem para uma nova série de vivências. Neste caso simplesmente nada se ouvirá, com a ilusão acústica de que onde nada se ouve *nada existe...* Esta é em definitivo minha experiência ordinária e, se quiserem, a *originalidade* da minha experiência. Quem acreditou haver compreendido algo de mim, havia me feito como algo à sua imagem – não raro um oposto de mim, um “idealista”, por exemplo; quem nada havia compreendido de mim, negou que eu tivesse de ser considerado. (NIETZSCHE, 1995-b, p.52-53).

Mas Nietzsche não perde tempo sobre os comentários a respeito de seus livros. Orgulha-se de ter entre seus leitores ‘inteligências seletas’ e verdadeiros gênios. E confessa amar mais ainda os seus não leitores, aqueles que jamais ouviram o seu nome ou qualquer palavra de sua filosofia. E observa “[...] conheço em alguma medida minhas prerrogativas como escritor; certos casos me testemunham o quanto a familiaridade com meus escritos corrompe o gosto. Simplesmente não se suporta mais outros livros, sobretudo os filosóficos” (NIETZSCHE, 1995-b, p.55-57). Mas, aos que sentem prazer nas alturas, não terão dificuldades em aprender a sua

filosofia. Até mesmo o sono noturno Nietzsche diz importunar, é impossível deixar seus livros de lado, “[...] é preciso não ter nervos, é preciso ter um ventre feliz” (NIETZSCHE, 1995-b, p.55-57). Aos que não possuem esta leveza, Nietzsche os declara cobaias, pelo simples motivo de reagirem com os piores instintos ao se depararem com os seus escritos. E quando busca formar a imagem do leitor perfeito admite que, “[...] resulta sempre em um monstro de coração e curiosidade, e também em algo dúctil, astuto, cauteloso, um aventureiro e descobridor nato” (NIETZSCHE, 1995-b, p.55-57). Talvez o motivo esteja na arte do estilo nietzschiana, da qual se deve a multiplicidade de estados interiores que ele julga ser em si extraordinária. E para isso julga sempre haver ouvidos que a ele sejam dignos. Sendo assim, para ele, a primeira constatação que um bom leitor faz de seus escritos, assim como ele merece, é que ali fala um psicólogo sem igual.

Desde o início separou ele de seus escritos. Não importava de ser compreendido ou incompreendido, mas se importava com o fato de não ser confundido. Aos que não o compreendiam entendia que não se tem ouvido para aquilo que não se experienciou. Por este motivo amava as naturezas seletas, pois tinham em comum afinidade pela altura do querer, e verdadeiros êxtases do aprender. Desta forma o bom estilo estava salvo, pois realmente comunicava os estados interiores e não se equivocava com o tempo dos signos.

Em ‘Por que sou um destino’, Nietzsche (1995-b) diz conhecer a sua sina, alegando que:

[...] Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo – de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. Eu não sou um homem, sou dinamite (NIETZSCHE, 1995-b, p.55-57).

Por este motivo possui verdadeiro horror a fundadores de religião, pois nunca se dirige às massas. Assim, declara publicar *Ecce homo* para que nunca o declarem santo, sendo este o seu maior desespero. Julga-se o oposto de um espírito negador, o homem da fatalidade, e de verdades terríveis. Em suas palavras, “[...] obedeco à minha natureza dionisíaca, que não sabe separar o dizer Sim do fazer Não. Eu sou o primeiro imoralista: e com isso sou o destruidor par excellence” (NIETZSCHE, 1995-b, p.110). Zaratustra é descrito por ele como “[...] o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas – a transposição da moral para o metafísico, como força, causa, fim em si, é obra sua” (NIETZSCHE, 1995-b, p.110-111). O importante aqui para o nosso filósofo era “[...] a auto-

superação da moral pela veracidade, e auto-superação moralista em seu contrário”. No mais, Nietzsche nega toda moral cristã e os seus homens bons, benévolos e benéficos. Homens da fatalidade que negam e desprezam a verdadeira arte de se bem viver e exigem que todos se tornem bons animais de rebanho. Zaratustra diz “[...] haver sido precisamente o conhecimento dos bons, dos ‘melhores’, que lhe inspirou o horror ao homem; desta repulsa que lhe teriam crescido as asas para ‘voejar para futuros longínquos’” (NIETZSCHE, 1995-b, p.113-114). Para Zaratustra o tipo ideal de homem é o sobre-humano, precisamente em relação aos bons, ele é o seu super homem, aquele que aceita e vive a realidade como ela é sem camuflar o que a há nela de estranho e terrível.

A vida é o foco da investigação nietzschiana, já que viver implica uma série de interpretações sobre a nossa formação. Sem artifícios para suportar a vida, suportamos melhor suas propensões naturais. Para Nietzsche a compreensão da existência pauta-se no quanto podemos suportar, ousar e a superar os momentos de total falta de sentido. A filosofia só é possível entre estas tensões impostas pelo dia a dia, pois as forças que se apropriam do corpo e do mundo não são para ele distintas em si, apenas atuam em lugares diferentes.

Nietzsche procura se diferenciar da humanidade com a palavra imoralista. Acusa todos os pensadores de viverem até agora a serviço da moral cristã e a humanidade de fecharem os olhos frente ao cristianismo, tornando-se criminosos contra a vida. Desprezou-se os instintos da vida, arruinou-se o corpo, e todos os pressupostos sexuais para o seu florescimento. Segundo as observações de Frezzatti (2001),

[...] Nietzsche, portanto, não propõe um tipo ideal que deva ser o ponto culminante do desenvolvimento da espécie humana. A adaptação funcional nietzschiana, que, segundo nosso entendimento, esquematiza a seleção cultural proposta pelo filósofo, transcorre no nível do “indivíduo” (para Nietzsche o indivíduo é uma abstração. Um organismo é uma hierarquia de impulsos em luta contínua) e não no da humanidade. Não há, na filosofia nietzschiana, nenhum tipo ideal a ser atingido: o filósofo alemão não acredita no progresso da humanidade como um todo, pois considera apenas o surgimento de homens diferentes. Além disso, o homem superior ou a exceção (ou mesmo o homem inferior e a aberração), ao surgir, pode sucumbir ao peso do numérico da média ou ainda se desagregar devido a sua maior complexidade. Não há nenhuma garantia de que a exceção sobreviva e, ainda mais, exerça um papel de destaque em seu meio. Não há coincidência entre ser melhor e ser dominante. O que se pretende é o estímulo das inúmeras potencialidades humanas. Não se quer a seleção de uma característica fixa e determinada, mas de todas: não amalgamadas em uma só, porém disponibilizadas como inesgotáveis possibilidades. Essa seleção não é estanque: é dinâmica e criadora. Criação com

um sentido estético, cultural e, talvez, até mesmo relativa ao próprio corpo entendido como hierarquia de impulsos. Longe de ser um projeto eugenista autoritário, a filosofia de Nietzsche aproxima-se de um projeto libertário: de libertação do potencial criador do próprio homem, criador e criatura ao mesmo tempo, sem o sentimento de culpa do moderno Prometeu (FREZZATTI JR, 2001, p.139-143).

A liberdade em prol deste homem criador é a expressão do instinto dominante para nosso autor. A criação revela-se neste corpo forte e sadio, legitimando a expressão dos estados internos por ele vivenciado. Ecce homo configura-se nesta expressão afirmativa de tudo querer, sem comprometer autor e obra, mas os distinguindo. As vivências nietzschianas marcam a beleza de uma filosofia voltada para a potência de vida, ou seja, para o cultivo de impulsos fortes e guerreiros. Assim, a vida para Nietzsche é afirmada incondicionalmente, sendo a sua arte produto de suas realizações.

Nietzsche faz experimentos com o pensar, persegue os temas até desenvolvê-los em várias perspectivas. A grande prova disso é o seu estilo aforismático do qual envolve os seus leitores em grandes abismos do pensar, já que lê-los sem tempo é uma grande perda do mesmo. A este propósito Meléndez (2001, p.15), completa “[...] entenda-se daqui por diante por estilo, para usar uma definição de cabeceira, a forma individual como o autor dá expressão lingüística a sua particular visão de mundo”. Por meio deste recurso, Nietzsche entende que a sociedade é desarmada frente a indivíduos que estão propensos a desobedecer e quebrar as regras. Mas que fique claro que estas regras são para os que possuem medo e se deixam por elas se subjugar, e não para os que agem e pensam por si mesmos.

Uma verdadeira catástrofe é o que Nietzsche pensa a respeito da religião. Com questões e argumentos de melhorar a humanidade a tornaram mais anêmica. E por fim salvação da alma e pecado. Incapazes de encontrar outro caminho, os homens passaram a destruir-se por um além céus, para um além vida. E depois disso ainda temos como responder o porque de Nietzsche ser um destino? Pois bem, ele mesmo pergunta e responde, “[...] Fui compreendido? – Dionísio contra o crucificado...” (NIETZSCHE, 1995-b, p.117).

Postula-se assim que ‘Tornar-se o que se é’ está relacionado ao devir humano. Entre forças e efeitos, uma multiplicidade de instintos e afetos reagem a qualquer momento. Para Rocha (2007, p.294-295), “[...] essa reivindicação tem um caráter sempre aberto, provisório, contingente; ela implica a permanente disponibilidade de romper com aquilo mesmo que se reconhece como “eu”, destituindo-se de toda crença na identidade”. Portanto, busca-se aqui uma

transformação, que visa “[...] inventar-se, diferir de si mesmo, reinventar-se” (ROCHA, 2007, p.195). Entre escolhas, é possível a este homem que prefere ser um constante criador, procurar sempre o desconhecido, e não se preocupar com objetivos para serem alcançados. Pois, estamos frente a uma pluralidade de instintos e não de uma unidade determinada e que fundamenta a vida humana.

Para Nietzsche não há conhecimento sem interesse, bem pelo contrário ele é repleto de interesses. Na visão de Giles (2003, p.26), “[...] o conhecimento, porém é também conquista, é imperativo por natureza, pois impõe lei ao caos: é atividade assimilatória. Comporta-se como déspota, já que nunca deixa de suprimir, de simplificar, de igualar”. Por este motivo Nietzsche enaltece filósofos inovadores e que não procuram por uma verdadeira essência, mas almejam uma subjetividade livre e de múltiplos eus. A diversidade para o nosso filósofo une todos os seres vivos, corresponde a múltiplas inteligências. Entre múltiplos papéis que podemos representar, Nietzsche alerta que a unicidade de um eu é pura ilusão, nossas identidades são sucessivas e provisórias. E isso deve ao mundo em que vivemos, já que é energeticamente sem limites, sempre em expansão, e de grandes transformações. Se há limites aos nossos olhos, é por culpa de uma educação que nos ensina restringir tudo o que é grande e desconhecido. Por este motivo necessitamos interpretar esta força ilimitada que nos constitui, por este motivo que Nova (2001) diz que a

[...] interpretação é por isto efetivamente um meio mesmo para se assenhorar de algo: ela é o traço fundamental do movimento de realização de vida como vontade de potência. O que surge a partir deste assenhoramento não é outra coisa senão mundo. Interpretação é então ao mesmo tempo princípio de constituição do mundo (NOVA, 2001, p. 44-45).

Interpretar este mundo nada mais é do que viver a vida em todos os seus sentidos e direções. Na filosofia se algo se perdeu foi por culpa dos próprios filósofos universitários que destruíram o verdadeiro filosofar em problemas que não servem a vida, e que se restringem apenas ao que for imediato. Por este motivo que Nietzsche acredita em uma filosofia do sentido e dos valores, e esta significa a única forma de se fazer uma verdadeira crítica, mas este não é um problema tão fácil de resolver, sendo que

[...] possuímos sempre as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função da nossa maneira de ser ou do nosso estilo de vida.

Existem coisas que não se podem dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode acreditar na condição de avaliar ‘vilmente’, de viver e pensar ‘vielmente’ (DELEUZE, 2001-b, p.5-6).

Criticar para Nietzsche, não implica um processo reativo, mas a uma ação. Desprovido de ressentimento e de ideais que não somam para elevadas conquistas, Gilles Deleuze (2001-b, p.7-8) aprimora esta idéia ao argumentar que, “[...] esta maneira de ser é a do filósofo, porque se propõe precisamente manejar o elemento diferencial como crítico e criador, portanto como um martelo”. Com estes golpes se permite que barreiras sejam ultrapassadas e que se busque apenas o que se é plural e de variados sentidos. Por isso que forças se relacionam com outras forças, e busca o seu diferencial na vontade de poder, que por sua vez a encontra em outra vontade. Assim é impossível para o nosso filósofo que haja unidade e identidade na vontade, já que ela é múltipla. Trata-se em linhas gerais de afirmar a existência em todos os sentidos com todas as suas intempéries, e é exatamente aqui que Nietzsche se coloca como discípulo do deus Dionísio, pois de forma múltipla e pluralista afirmou todos os seus sofrimentos.

Em seus últimos anos de produção filosófica temos um Nietzsche voltado para a educação e formação de si. Preocupa-se com o ar livre e com o pensamento leve como os passos de uma bela dança. Procurou tornar todas as suas experiências desde a saúde frágil, a escolha de lugares e climas como a maior de todas as suas propostas para combater momentos de declínio. Não se importava com os riscos, procurava as diferenças e acreditava que cada um deveria educar-se a si próprio. Através da autodisciplina, não se deixou sufocar pela “igualdade” acadêmica, aliás, dela se distanciou quando percebeu este perigo. Entendeu que na vida temos os momentos de sucesso, declínio, superação e assim por diante, e enfatizou no seu Zarathustra que “[...] é necessário possuir um caos dentro de si para dar à luz uma estrela brilhante” (NIETZSCHE, 2000-a, p.12-14). De forma peculiar Barros (2003) completa

Foi medicando-se que se tornou médico da civilização e não o contrário. Antes de dirigir-se à humanidade com a mais séria exigência, submeteu-se, no anonimato, ao próprio pedido. Criou, com isso, consideráveis anticorpos. Pôde, assim, assumir e manipular a ótica do doente (*Kranken Optik*) sem enquadrar-se em sua tipologia. Aprimorou-se na plenitude e no desfalecimento (BARROS, 2003, p. 163).

Relembra que os homens perderam os seus deuses, e a eles cabe se reconhecerem como os verdadeiros arquitetos de tudo o que existe. O grande prazer encontra-se no ato de formar e

transformar, este é o mundo em que vivemos e compreendemos. “[...] Assim, os gregos, que na arte acolhiam as aparências, que no espírito trágico enxergavam belas formas que embelezavam a vida, conseguiam esquecer o peso dos conceitos. Eles eram, justamente, profundos por superficialidade”, segundo Barrenechea (2006, p.45). As cogitações filosóficas do nosso grande autor, é a grande distinção de vida e viver por se viver. Criticado, humilhado e muito mal interpretado, Nietzsche é usado muitas vezes de forma descabida em algum lugar do mundo sobre algum pretexto barato e falho. Tentaram o silenciar apontando-o como um louco que amava inclusive a própria irmã. Entre tantos disparates, grandes estudiosos passaram a se dedicar aos seus textos procurando esclarecer suas idéias e estilo. Uma verdadeira dinamite, como ele próprio se intitula, é o que era Nietzsche e a sua filosofia, isso se podemos desvincular ambos em algum momento. O que fez foi voltar-se para si, e passou a sustentar e interpretar o seu próprio discurso. Passa assim, segundo Andrade (2007, p.88) a ocupar uma tripla posição “[...] sujeito que fala, sujeito do enunciado, sujeito que interpreta e decifra a própria fala. Com isto, a verdade incompleta de sua fala/confissão é completada pela interpretação dele próprio”. E assim se fez a sua verdade, “[...] o filósofo torna-se, então, legislador e juiz da vida” (ROCHA, 2006, p.270). Torna-se o que é, o que esta por vir, e se afirmar em toda a sua totalidade. Por este motivo *Ecce homo* é muito mais do que uma simples autobiografia. É acima de tudo, a mais auto-exigência e superação que um ser humano já pode se impor e exigir da humanidade. Fonte de um poder criador temos a vontade de potência na sua mais auto-afirmação.

O tom forte e polêmico nas páginas de *Ecce homo* revelam a compreensão do autor em relação as suas próprias vivências. Contou a sua vida e a si mesmo sentiu necessidade de a contar. O que temos em mãos é uma autobiografia que pode ser de qualquer um de nós, basta possuir vivências em comum. Aos que acham um absurdo se assemelhar a Nietzsche Martins (2006, p.326) adverte: “[...] a potência criadora incomoda, ameaça e desestabiliza”. Longe de nos oferecer uma obra fechada, devemos nos familiarizar nos caminhos de um estilo sistemático e de raras idéias, talvez as dificuldades sejam sentidas pela “[...] diversidade que jorra as experiências de vida e das leituras de Nietzsche em busca de uma formulação concisa permanece-lhes oculta. Para um autor que se dirige apenas a poucos leitores, a sentença é recomendável já pela miopia da maioria”, como demonstra Muller-Lauter (2005, p.62-63).

Para Nietzsche os tempos modernos avançam em busca de uniformidade e com isso se tornou inimigo das diferenças. Por este motivo acredita, que devemos nos impor contra qualquer

influência opressora. Para que assim, a vida esteja em perfeita sintonia com o conhecimento permitindo a manutenção desta, mas não devemos esquecer como analisa Prebisch (2006, p.35), “[...] o mundo não é nem cosmos de beleza e de harmonia, nem um todo submetido a uma legalidade racional, nem um organismo, nem um mecanismo, ou seja, entre tantas tribulações a vida passa muito mais rápido para aqueles que não a penetram procurando outros sentidos, outros horizontes”.

De qualquer modo, o que temos é um filósofo extemporâneo, já que suas vivências o caracterizam, e possuidor de um destino surpreendente. Em suas obras reconhece-se o esplendor da palavra vida, e a importância de nossas escolhas para a realização contínua de como nos tornamos o que somos. Assim, é no movimento futuro de uma dança, que espera os filósofos-educadores para efetivarem a verdadeira formação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é um prosseguimento da geração e, com freqüência, uma espécie de embelezamento posterior da mesma (NIETZSCHE, 2004-a, p.214).

Ao término deste trabalho o meu sentimento é de leveza, de altura, de mudanças. De forma otimista e longe de teorias prontas e acabadas, a instituição de ensino passa a ser vista com outros olhos, ou pelo menos deveria. Nietzsche não propôs que fossemos todos filosofar na grande praça, inclusive ali não era um bom lugar, pois não falava para o povo. Mas acreditava que poderíamos voltar-se contra os processos de adestramentos que possuíam como finalidade somente a ‘educação da utilidade’ e não para ‘tornar-se que é’.

Conhecido como o filósofo extemporâneo, discorreu sobre os antagonismos do Estado e da cultura e como um vive a custa do outro. Observou que ambos eram opostos a verdadeira arte de criar e que o conhecimento se tornou erudição, ingenuidade e imediatismo. Por isso criticava toda a pedagogia que estava fadada de imediaticidade. Os jovens tornaram-se arrogantes e imaturos em relação ao conhecimento, pois o Estado só passa a eleger os utilizáveis, os promissores de êxito rápido.

Mas Nietzsche não desistiu em acreditar em uma autêntica instituição que buscará eternamente estimular seus jovens a serem tenazes e fortalecerem as forças morais. Obediência é um dos requisitos fundamentais para o nosso filósofo. Aos grandes guias caberia a tarefa de estimularem seus alunos a viverem suas liberdades longe das grandes academias. Esta liberdade quando esta vinculada a sentimentos de disciplina, instrução e aprendizado é retribuída com o maior dos orgulhos: dever cumprido. Mas não o dever que mata, silencia e faz com que milhares de alunos sintam-se inferiores e desistam de seus objetivos, mas o dever de ter cumprido por amor ao ato de conhecer. Por este motivo Hartmann (2005, p.79) comenta que “[...] Nietzsche constrói sua concepção de vida como um princípio criador, inconsciente e instintivo, a partir do qual desenvolve-se tanto a linguagem quanto o intelecto humano”.

Em busca de uma filosofia autêntica, Nietzsche navegou em mares que muitos se recusaram a navegar. Travou verdadeira batalha contra o sentido histórico, pois o grande problema aos seus olhos é o excesso de história e não aquilo que de grande e benéfico que ela pode nos proporcionar. Infelizmente ao seu ver, como observa Deleuze (2001-a, p.23-24), “[...]”

os fracos, os escravos não triunfam por adição das suas forças, mas por subtração da força do outro: separam o forte daquilo que ele pode”. E nesta luta enfraquecem belas coisas e oportunidades. Porém Nietzsche, ama e acredita na arte de se educar filosoficamente. Venceu o pessimismo; aprimorou o estilo e elevou-se a cumes jamais alcançados por alguém. Foi um educador exemplar, descobriu o que é amar, e reconhecer em si e nos outros possibilidades infinitas. Admirou os homens livres e de tarefas extraordinárias, que de forma simples e concisa expressavam a profundidade de seus pensamentos.

Nietzsche procurou experimentar a existência em todos os sentidos, e com todas as suas intempéries. Buscava os homens superiores com grande cautela. Por este motivo para Araldi (2004, p.285), “[...] ao mesmo tempo em que Nietzsche anuncia a criação futura de um ser de plenitude e poder sobre-humanos, ele se depara com a “grande seriedade” de sua tarefa. Tarefa esta de uma magnitude sem igual, pois através de suas implicações filosóficas sobre a educação ultrapassou décadas de história com preceitos atuais e inabaláveis. Nietzsche foi o homem das ternas verdades e das simplórias convicções.

Assim, através das análises desenvolvidas ao decorrer deste trabalho reforço a idéia de que precisamos de um antídoto. Exercitando a suspeita sobre o que nos é dado como certezas absolutas, exercitar a nossa subjetividade para nos tornarmos livres e criativos. São estes os maiores desafios dos educadores. Pensar este presente implicaria na tentativa de pelo menos amenizar as interferências pelo corpo político, social, econômico, para que a vida encontrasse o seu espaço. E mesmo que o quadro presente de nossa formação, educação e do nosso próprio existir pareçam anacrônicos, devemos sempre lembrar que é isso que nos torna únicos, singulares e capazes de sempre perceber que a educação nunca deixa de encontrar novas possibilidades. E isso Nietzsche foi exemplar em seu modo de avaliar e viver, pois, o amor à sabedoria era o único motivo dele se sentir vivo. E foi por este motivo que se tornou extemporâneo aos olhos daqueles que não estavam preparados para a sua linguagem forte e vivaz.

Atraem-lhe meu jeito e minha língua,
Você me segue, vem atrás de mim?
Siga apenas a si mesmo fielmente:-
Assim me seguirá – com vagar! com vagar!
(NIETZSCHE, 2001, p.19).

REFERÊNCIAS

- ALVES Júnior, Douglas Garcia. *Os destinos do trágico: arte, vida, pensamento*. Organizado por Douglas Garcia Alves Júnior. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2007.
- ANDRADE, Daniel Pereira. *Nietzsche: a experiência de si como transgressão (loucura e normalidade)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- ANSELL-PERSON, Keith. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli; Consultoria Fernando Salis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- ARALDI, Claudemir Luís. *Nihilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial: Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2004.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície*. In: Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação: assim falou Nietzsche V. Ângela Maria Souza Martins... [et al.]; [Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro (orgs.)]. Rio de Janeiro: D&A: Faperj: Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006. p.27-48
- BARROS, Fernando de Moraes. *A maldição transvalorada: O problema da civilização em “O anticristo” de Nietzsche. Nietzsche e a dissolução da moral*. São Paulo: Discurso Editorial: Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2003.
- BONACCINI, Juan A. *Em torno do conceito de sintoma: uma solução ao problema do historicismo?* Cadernos Nietzsche, nº17 – São Paulo – 2004. pp.15-24
- BRAGA, Paula. *A linguagem em Nietzsche: as palavras e os pensamentos*. Cadernos Nietzsche, nº14 – São Paulo – 2003. pp.71-82
- BRUM, José Thomaz. *Nietzsche: as artes do intelecto*. São Paulo: L&PM Editores, 1986.
- CALOMENI, Tereza Cristina B. *Solidão e verbo: a palavra intempestiva e o tempo poético*. Cadernos Nietzsche, nº14 – São Paulo – 2003. pp.27-56
- CAVALCANTI, Anna Hartmann. *Símbolos e alegoria: a gênese da concepção da linguagem em Nietzsche*. São Paulo: Annablume; Fapesp. Rio de Janeiro: DAAD, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- _____. *Nietzsche e a filosofia*. Portugal: Rés-editora, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Otobiographies. L'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*. Éditions alilée, 1984.

DIAS, Rosa Maria. *Cultura e educação no pensamento de Nietzsche*. In: Revista de Ciências Sociais e Humanas Impulso. Piracicaba/SP. Volume 12. Número 28. P 1-200, 2001. pp.33-0

_____. *Cultura, filosofia e educação no pensamento de Nietzsche*. In: *Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação: Simpósio Internacional de Filosofia*, 2005. Organizador Daniel Lins. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007. pp.263-75

_____. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FORNAZARI, Sandro Kobol. *O Corpo-escritura de Nietzsche*. Cadernos Nietzsche, nº11 – São Paulo – 2001. pp.7-11

FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antonio. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

_____. *Nietzsche contra Darwin*. São Paulo: Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2001.

GILES, Thomas Ransom. *Nietzsche: no limiar do século XXI*. São Paulo: EPU, 2003.

HAYMAN, Ronald. *Nietzsche: Nietzsche e suas vozes*. Tradução de Scarlett Marton. – São Paulo: Editora Unesp, 2000.

IMPULSO, Revista de Ciências Sociais e Humanas. Piracicaba/SP. Volume 12. Número 28. P 1-200. 2001

JAEGER. Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. Revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza. -4ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Prefácio José Thomaz Brum. Tradução Hortência S. Lencastre. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

LANGELLOTTI, Oswaldo. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos educacionais*. Tradução de Alberto Marcos Onate. Cadernos Nietzsche, nº11 – São Paulo – 2001. Cadernos Nietzsche, pp.121-33

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Tradução por Semíramis Gorini da Veiga. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio da antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. p.68

MACEDO, Iracema. *Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos*. São Paulo: Annablume, 2006.

MACI, Guilherme A. *A verdade em Nietzsche*. Tradução de Alberto Marcos Onate. Cadernos Nietzsche, nº11 – São Paulo – 2001. Cadernos Nietzsche, p. 155-7.

MARTINS, Ângela Maria Souza. *Nietzsche e a mudança de valores na educação*. In: *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação: assim falou Nietzsche V*. Ângela Maria Souza Martins... [et al.]; [Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro (orgs.)]. Rio de Janeiro: D&A: Faperj; Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006. p.317-328.

MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

_____. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

_____. *Friedrich Nietzsche*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983

MELÉNDEZ, Germán. *Homem e estilo em Nietzsche*. Tradução de Sandro Kobol Fornazari. Cadernos Nietzsche, nº11 – São Paulo – 2001. Cadernos Nietzsche, p.13-39

MOREY, Miguel. *Friedrich Nietzsche uma biografia*. Tradução de Marcelo Perine. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A filosofia na idade trágica dos gregos*. Lisboa: Edições 70, 1995a.

_____. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992a.

_____. *Assim falava zaratustra*. Tradução de Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba: Editora Hemus, 2000a.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

_____. *A Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude*. Tradução Marcos Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução e prefácio: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005b.

_____. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como filosofar com o martelo*. Tradução Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000b.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.

_____. *Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2003a.

_____. *Fragmentos do espólio*. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004b.

_____. *Fragmentos finais*. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002a.

_____. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000c.

_____. *O anticristo*. Tradução de Artur Morão. Portugal: Edições 70, 2002b.

_____. *O livro do filósofo*. Tradução Rubens Eduardo Ferreira Frias. 6.ed. São Paulo: Centauro, 2004c.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992b.

_____. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005c.

_____. *Schopenhauer como educador*. In: *Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2003b.

_____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003c.

NOBRE, Renarde Freire. *Nietzsche e a estilização de um caráter*. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 29(2): 181-202, 2006.

NOVA, Marco Antonio Casa. *Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo*. *Cadernos Nietzsche*, nº10 – São Paulo – 2001. p. 27-47.

OLIVEIRA, R. M. *Ecce homo, a fisio-psicologia de um tipo*. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – São Paulo, 2007.

ONATE, Alberto Marcos. *O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica*. São Paulo: Discurso Editorial: Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2000.

PREBISCH, Lucia Piossek. *Nietzsche abaixo do Equador: a recepção na América do Sul*. Scarlett Marton, (org.) Nietzsche e a dissolução da moral. São Paulo: Discurso Editorial: Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2006.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. In: *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência*. Simpósio Internacional de Filosofia, 2004. Organizador Daniel Lins. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

_____. *Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*. In: *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação: assim falou Nietzsche V*. Ângela Maria Souza Martins... [et al.]; [Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro (orgs.)]. Rio de Janeiro: D&A: Faperj: Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006. p.267-278.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Tradução Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a filosofia universitária*. Tradução, apresentação e notas Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola, Márcio Suzuki. – 2.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOCHODOLAK, Hélio. *Significados da leitura para o jovem Nietzsche*. Revista de História Regional 10(2): 9-45, Inverno, 2005.

SCHÜLER, Donalldo. *Zaratustra Falou Assim?* In: Caminhos percorridos e terras incógnitas: Encontros Nietzsche. Org. Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. p.17-32.

TÜRCKE, Christoph. *O louco: Nietzsche e a mania da razão*. São Paulo: Vozes, 1993.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)